

A person with a prosthetic lower leg is captured in motion, running outdoors. They are wearing a white t-shirt and dark shorts. The prosthetic is a dark, cylindrical device with a textured surface. The person is wearing a watch on their left wrist and a yellow and black wristband on their right. The background is blurred, showing a paved area and a white car.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JULIANA BRANDÃO BRAGA MARZO

CORPO PROTÉTICO NO ESPORTE

**SALVADOR
2007**

JULIANA BRANDÃO BRAGA MARZO

CORPO PROTÉTICO NO ESPORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto

**SALVADOR
2007**

M393 Marzo, Juliana Brandão Braga
O corpo protético no esporte. / Juliana Brandão Braga Marzo . – Salvador,
2007.
113 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade
de Educação, 2007.

1. Esporte adaptado e educação. 2. Corpo protético. 3. Atleta com deficiência. 4.
Tecnologias. 5. Educação Física I. Couto, Edvaldo Souza. II. Universidade Federal
da Bahia, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD – 796

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA BRANDÃO BRAGA MARZO

CORPO PROTÉTICO NO ESPORTE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS

Prof. Dr. Admilson Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Salvador, 26 de junho de 2007.

AGRADECIMENTOS

Formas de ser... individualidades... contribuíram de jeitos ímpares para tornar este trabalho
concreto, moldável, afável...

Meus agradecimentos não são para uma ou outra atitude de incentivo, mas sim pelo incentivo
que nasceu dentro de mim observando as suas vidas, as suas formas de ser.

Pessoas ou situações que na verdade me deram além da curiosidade intrínseca a uma
pesquisadora, deram-me força para concluir mais este trabalho, mais esta etapa.

Por elas e por nós vivo, e se disserem 'exagero', é por que não sabem o quanto enxergo valer
a pena...

Rodrigo, meu filho, a realidade dos meus sonhos... Minha vida, cada letra tem sua presença.

Rafael, o motor do meu dia-a-dia, totalmente inquebrável, obrigada, amor.

Aos meus pais, Ruy e Nádia, com pesquisas, discussões e rezas, a distância não existe.

À minha família, estamos orgulhosos.

Aos antigos e novos amigos, aos colegas, Adê, Sandra, João, que me fizeram em casa na
Bahia.

Ao orientador Edvaldo Couto, pela paciência e incentivo... uma grande admiração se fez
nascido.

Aos eleitos da pesquisa, o que tudo isso seria sem vocês?

Ao NEFEA (Núcleo de Atividade Física e Esporte Adaptado), obrigada pela oportunidade e
receptividade.

À tecnologia, que acompanhe o híbrido num futuro melhor.

Ao mar, por sua beleza e pelo meu descanso.

A Deus, por tudo.

RESUMO

A dissertação analisou os significados que os indivíduos atribuíam aos seus corpos e suas vidas cotidianas após terem sido submetidos ao processo de adaptação a próteses e inseridos ao mundo do esporte. O material empírico foi coletado através de entrevistas semi-estruturadas realizadas no NEFEA (Núcleo de Atividade Física e Esporte Adaptado) da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), o qual desenvolve atividades esportivas junto às pessoas deficientes. O grupo participante do estudo foi atletas do núcleo, todos dependentes de alguma prótese para realizar as atividades cotidianas e no esporte, são homens, com idades variando entre 23 e 37 anos, sendo que têm em comum o fato de terem se tornado deficientes após um acidente ou doença. O estudo caracterizado como uma análise qualitativa teve a pesquisa de campo desenvolvida no período de julho de 2005 no NEFEA, onde foram feitas todas as entrevistas. Consistiu em problematizar os efeitos que as tecnologias provocam na vida cotidiana através do esporte destes indivíduos pelas transformações ocorridas em seus corpos, o estranhamento e a naturalização do “novo” corpo fabricado pelas tecnologias, um ser protético. Contou como base teórica os Estudos Culturais assim como autores que discutem o corpo sob concepções pós-modernas. A dissertação representa, por sua vez, as reflexões construídas destes indivíduos em constantes questionamentos com a hegemonia cultural, na qual este corpo protético e atleta, lembrado como híbrido, ao final foi deslumbrado como algo produzido e ressignificado constantemente, assim como inovável, moldável e provisório.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte Adaptado e Educação - Corpo Protético – Atleta com Deficiência - Tecnologias - Educação Física.

ABSTRACT

This essay has analyzed the meanings that people attribute to their bodies and life after been submitted to the adaptation process of using a prosthesis and been included in the sports world. The empiric material was collected through semi structured interviews performed at NEFEA (Núcleo de Atividades Físicas e Esporte Adaptado) of UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) responsible to develop sports activities with deficient people. Team membership of this essay is composed by athletes of NEFEA, everyone dependant on a prosthesis to perform their daily and sports activities; are men age from 23 to 37 years old, everyone has became deficient after an accident or a disease. Essay is characterized as a qualitative analysis with search field developed in July, 2005 at NEFEA where were conducted all interviews. It consists in rationalize all the effects caused by technology in their daily life through their sports activities affecting body transformation, how weird or common is this "new" body built by different technologies, a prosthetic human being. Theory based on Cultural Studies as far as authors that discuss this new body from its pos-modern conceptions. Essay represents concerns of this population in constant conflict against cultural standardization, where this prosthetic athlete body, reminded as hybrid, was dazzled as something built and constantly redefined as innovative, shaped and temporary.

KEY WORDS: Sport for Disabled People and Education – Prosthetic Body – Disabled Athlete - Tecnology - Sports Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Ilustração Capa:	Atleta Pauê em competição de corrida	
Ilustração 1:	Atletas protéticos em competição de corrida	39
Ilustração 2:	Atletas cadeirantes em competição de tênis	43
Ilustração 3:	Atleta amputada em competição de hipismo	44
Ilustração 4:	Atleta cadeirante em competição de basquete	46
Ilustração 5:	Tabela dos Jogos Paraolímpicos	47
Ilustração 6:	Atleta amputada em competição de esqui	48
Ilustração 7:	Croqui de classificação funcional para o basquete sobre rodas do esquema de Coubariaux	50
Ilustração 8:	Atletas cadeirantes em linha de chegada	51
Ilustração 9:	Atletas cadeirantes em competição de esgrima	52
Ilustração 10:	Atletas cadeirantes em competição de arco e flecha	53
Ilustração 11:	Atletas cadeirantes em competição de corrida	53
Ilustração 12:	Escalador Aron Ralston	54
Ilustração 13:	Uma geração precedente da mão de Southampton	60
Ilustração 14:	Mão robótica ArteSImit	61
Ilustração 15:	Jean-Yves deslizando em Paris com a roupa Buggy Rollin	63
Ilustração 16:	Prótese de perna em competição de ciclismo	64
Ilustração 17:	Atleta Pauê praticando surf	64
Ilustração 18:	Atleta Pauê praticando ciclismo	65
Ilustração 19:	Atleta Pauê segurando uma prótese de sua perna	66
Ilustração 20:	Escaladores em competição no Extremity Games	67
Ilustração 21:	Atleta protético Cameron Clapp	68
Ilustração 22:	Escalador Aron Ralston	69
Ilustração 23:	Aron Ralston praticando escalada	70
Ilustração 24:	Ciclista amputado com prótese em propaganda na revista GoOutside	71
Ilustração 25:	Atleta protético em competição de corrida	72
Ilustração 26:	Atleta Buddy Elias em competição no Extremity Games	80
Ilustração 27:	Foto tirada do entrevistado 'Carbono' no NEFEA/UEFS	96

APRESENTAÇÃO

Iniciar um texto é sempre um desafio. Ler outros autores e, a partir deles, construir uma idéia pessoal e original, demanda um processo gestacional no seu sentido mais íntegro, dedicado, sacrificado e esperançoso que se confunde por vezes com o ato de sonhar. Perceber o próximo não é somente olhar e refletir, mas também ser solidário, presente, se colocar em seu lugar e chegar à conclusão do quão importante é ser o seu próximo.

Coloco minha vida com os deficientes como algo mais que um simples ato de pesquisa. Eles tanto fazem parte de minhas escolhas e experiências profissionais, como também de meus ideais por uma sociedade mais justa. Este texto, resultado da gestação que foi, envolve então algo precioso, motivo de orgulho, que me faz sentir melhor a cada página, a cada momento, a cada dia. E, agora, em contato com o mundo, pode tomar seus próprios passos e servir às melhores idéias e intenções... E que assim seja...

A dissertação apresenta e analisa duas concepções de corpos inseridos na atualidade tecnológica e que se confrontam no próprio entendimento de seus sujeitos: um, o corpo deficiente, já massificado por preconceitos globais a respeito de características anatômicas e visuais sinônimas de um corpo doente ou imperfeito; e o outro corpo, chamado neste trabalho de corpo protético ou, eventualmente, corpo protético e atlético, ainda pouco discutido pela sociedade, mas já produtor de uma realidade extremamente contemporânea, devido aos avanços tecnológicos e de acordo com os depoimentos de atletas deficientes.

O interessante é que ambos os corpos, deficiente e protético, são de um mesmo sujeito, causando constantes confusões internas e externas à própria autodefinição ou individualidade perante a sociedade.

Busquei tratar o corpo em sua dimensão cultural, procurando superar seu lado puramente orgânico e material, tão tradicionalmente estudado. Levando em conta os Estudos Culturais como forma de pesquisa que analisa profundamente as transformações nas culturas, vejo o corpo deficiente em constante modificação frente às atuais tecnologias, como também se fundindo a estas, num vivo processo que refaz sua subjetivação imposta pela hegemonia.

O corpo protético é representado nesta pesquisa pelo corpo de atletas, homens adultos, que adquiriram algum tipo de deficiência por acidente ou doença. O interesse em pesquisar, especificamente, este grupo, surgiu já no primeiro ano de graduação, na Faculdade de Educação Física - FEF-UNICAMP, quando, atuando como monitora em aulas para

deficientes, me envolvi com a questão do esporte e da atividade física em uma recente área denominada 'Adaptada', direcionada para indivíduos com algum tipo de deficiência

Ao longo da graduação, investi na construção de conhecimentos nesta área, formando e participando de grupo de estudos, o que, inclusive, me permitiu realizar e apresentar trabalhos científicos acerca desta questão em congressos¹. Houve dois momentos cruciais nesse investimento: o projeto de iniciação científica com bolsa PIBIC/CNPq e a monografia de conclusão de curso em Licenciatura Plena em Educação Física.

Posteriormente, já formada, vivenciei uma rica experiência, trabalhando em uma clínica de reabilitação para deficientes físicos na minha cidade natal, Itajubá, situada no sul do estado de Minas Gerais. Atuei com pessoas que já não precisavam de fisioterapia e expressavam o desejo de ingressar em um treinamento físico. De acordo com as necessidades e potencialidades de cada uma delas, elaborava os treinamentos e acompanhava seus desenvolvimentos através de condicionamento e avaliação física.

Fui contratada, em seguida, para trabalhar na *Decathlon* - uma multinacional francesa de distribuição e desenvolvimento de artigos esportivos, a segunda maior do mundo neste segmento -, no cargo de gerente de compras. Durante três anos, tive contato, inclusive, com produtos adaptados não comercializados no Brasil – uma oportunidade ímpar - até retornar aos almejados estudos.

Toda esta trajetória, percorrida lado a lado com os deficientes, provocou em mim uma crescente inquietação, decorrente de um (re)conhecimento, cada vez mais aprofundado, da difícil realidade vivida por estas pessoas em seu dia-a-dia, desde suas dificuldades arquitetônicas de locomoção até o preconceito do qual são vítimas, hoje ligado quase exclusivamente a sua imagem corporal.

Um preconceito, é importante ressaltar, muito arraigado no contexto da nossa sociedade, que impõe aos deficientes a participação involuntária em uma lógica estabelecida do 'não produzir'. A consequência mais imediata deste preconceito é a visão deturpada destas pessoas como 'incapazes' sócio-economicamente, em uma época em que os alvos são, acima de tudo, a imagem e o lucro. Isto explica, ainda, o fato de que a questão estética corporal

¹ Grupo de Estudos RESVI – UNICAMP (Reported Studies on Visual Imperment); VI Congresso Interno de Iniciação Científica (UNICAMP); V Congresso Interno de Iniciação Científica (UNICAMP); II Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA); III Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA); VI Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada (USP); II Seminário de Monografia (UNICAMP).

destas pessoas não pode ser em nada copiada ou admirada, visto que foge de todos os ‘padrões-relâmpagos’ do corpo na atualidade midiática.

Além da necessidade de reflexão acerca destas questões, o convívio com pessoas deficientes também imprimiu em mim uma intrínseca curiosidade de compreender a relação destas pessoas com suas cadeiras de rodas e muletas, aguçada pelo fato de os deficientes físicos utilizarem, para se comunicarem entre si, palavras ou expressões como se eles próprios fossem máquinas. Lembro de, em muitas ocasiões, ouvir frases do tipo “‘meu motor está cansado’, ‘troca seu óleo, enferrujado’, ‘meu rolamento está pegando’”, e precisar perguntar o que significavam. Em outros momentos, ao substituir algum dos atletas na cadeira de rodas e tombar dela várias vezes, por ser extremamente rápida e sensível, era motivo de muitas piadas e indagava com humor: “Como vocês se equilibram nisso, malucos?” E eles retrucavam: “Ela é o nosso corpo, sua deficiente!”. Não imaginava que esta situação, um dia, resultaria em uma investigação científica.

Foi então um misto de inquietação e curiosidade – fruto das diferentes experiências já vivenciadas com os deficientes – que me levou, neste momento da minha vida, a cursar, como aluna especial, uma disciplina que versava sobre a influência das tecnologias avançadas na concepção do corpo, no curso de pós-graduação da Faculdade de Educação (FACED) da UFBA, ministrada pelo prof. Dr. Edvaldo Couto. Foi assim, em contato com autores nunca antes estudados, que elaborei o anteprojeto com o qual participei do processo de seleção para o mestrado. Já como aluna regular do programa de pós-graduação, fiz parte do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) sediado na FACED.

A pesquisa teve o recorte em torno do corpo masculino, adulto, jovem e urbano e se deu pelo fato de este corpo estar ativamente participando e treinando, enquanto atleta, da realidade de competições esportivas, mais próximo de tecnologias para tal, e por estar vinculado a um núcleo específico que desenvolve este tipo de atividade, o NEFEA (Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado) da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), onde são desenvolvidas diferentes modalidades de Esportes Adaptados e que deu suporte às autoconclusões sobre o próprio corpo. Este corpo é, então, representado por deficientes físicos, muito próximos da realidade protética, mexendo com a questão do imaginário social, por serem constantemente transformados, e, assim, condicionados pela tecnologia.

É crucial lembrar que este trabalho aponta concepções que cercam o corpo na atualidade tecnológica, seguindo vertentes contemporâneas pós-modernistas da filosofia da técnica, como a de Marshall McLuhan, e as desenvolvidas por Paul Virilio e Jean Baudrillard, os quais afirmam, como outros autores, que o corpo é fruto da cultura (construído e

modificado), e também como tal, sofre uma aceleração de mudanças na sociedade que remetem à velocidade dos avanços tecnológicos atuais.

Aqui, entende-se a tecnologia fazendo, desde sempre, parte da vida humana, o que torna o homem um “ser técnico” (COUTO, 1998) tanto quanto um “ser cultural”, pois não há registros do homem sem a utilização de ferramentas que o auxiliem durante o cotidiano. Assim, esta concepção independe das relações de poder do sistema político-econômico em vigor. E, principalmente, lembrando da tecnologia direcionada ao ‘deficiente’, sendo esta, certamente, um prolongamento do corpo, mostra-se a real necessidade de se reconstruir pela técnica num sentido mais amplo – biológico, social, psicológico - pois ela substitui um membro ou função corporal, fazendo importante: “Sem técnica não há humanidade, pois é no meio dos utensílios e das transformações sobre a natureza que o indivíduo se produz a si próprio” (BOURG, 1996, p.346).

Por outro lado, tenho, desde sempre também, o Esporte contemporâneo como outro produto da cultura, que coloca o corpo como o centro de sua obra, explorando limites performáticos expressivos e agora mais do que nunca, o Esporte Adaptado, dependendo quase que exclusivamente de avanços tecnológicos para sua possibilidade de existir.

A velocidade das transformações cotidianas se relaciona com a transitoriedade de valores, de verdades, da condição efêmera do corpo, precisando de uma educação do corpo em formação permanente, pois a evolução das tecnologias é, de certa forma, para preservá-lo.

Portanto, tem-se aqui a emergência tecnológica norteando o deficiente no Esporte, enquanto facilitador performático e enquanto facilitador em sua autonomia, considerando que esta nova forma de ver o ‘corpo deficiente’ nos remete a um ser possivelmente mais inserido na sociedade em condições mais iguais. Todas as tecnologias, principalmente nos dias de hoje, “interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos” (KENSKI, 2003, p.23).

Antes de aprofundar o tema da pesquisa, julgo necessário delimitar os conceitos trabalhados, onde novas tecnologias não são apenas internet, multimídia, chips inteligentes, próteses avançadas ou jogos virtuais, mas ainda as chamadas órteses, como as muletas, as cadeiras de rodas, entre outras.

A organização do estudo, após a categorização dos dados empíricos, resulta na criação de um sistema de capítulos elucidados a seguir, onde busco dar sentido e forma ao texto.

O primeiro capítulo - A Concepção da Pesquisa – apresenta os procedimentos que nortearam a pesquisa, como as escolhas metodológicas, o cenário da pesquisa, a

contextualização do tema, a apresentação dos atletas entrevistados e o surgimento das categorias na análise dos dados.

No capítulo – Ser ‘Deficiente’: da história, dos números e do corpo – apresento o marginal corpo deficiente, a partir da discussão e contextualização, através de números, do deficiente físico na história mundial, e também no Brasil. A fundamentação teórica é baseada em autores que tratam o corpo numa lógica cultural, como Sant’anna (2001), Soares (2001) e o pós-estruturalista Foucault (1999) (FRAGA, 2000).

O terceiro capítulo - O Esporte Adaptado – está subdividido em duas partes, nas quais trago a história geral deste esporte, na primeira parte, e sua maior repercussão, as Paraolimpíadas, na segunda. Utilizo autores como Adams (1985), Maturana (2005), Tubino (1987), Almeida (1995), Araújo (1997), Souza (1994), entre outros.

No capítulo - A Tecnologia do Deficiente Físico – também faço uma subdivisão em duas partes: das próteses e do corpo protético. Em ‘das próteses’ lanço mão de autores que discutem os avanços tecnológicos, como Santarosa (1991), Negroponte (2001), entre outros, resgatando, através de pesquisas via internet, revistas médicas e esportivas especializadas, as atualidades das tecnologias relacionadas ao deficiente físico, desde o não-esportista, até o atleta de alta performance. Para enriquecer ainda mais o trabalho, cito atletas protéticos conhecidos mundialmente, reais exemplos, como o brasileiro surfista Pauê e o americano escalador Aron Ralston. Em ‘do corpo protético’, trago posições de autores contemporâneos, que discursam sobre este corpo, como Virilio (1996), Couto (2000), Sibilía (2002), entre outros.

Em, ‘As Vozes do Ser Protético e Atlético’, apresento falas dos atletas entrevistados, analisadas e subdivididas por temas.

Nas considerações finais chamadas – Reflexões Finais - faço apontamentos pertinentes ao que se pode desenvolver, caminhos abertos, sendo estas sua maior riqueza: são portas, que nunca se fecham, do que aprendi e apreendi durante o esforço desta pesquisa.

A partir destas escolhas, das informações colhidas e de suas análises, das mixagens que desenvolvi, minha pesquisa ganhou um corpo próprio e, de certa forma, imprevisível, com novas questões e idéias a serem desenvolvidas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - A CONCEPÇÃO DA PESQUISA	13
1.1	O CENÁRIO DA PESQUISA	18
1.2	OS ELEITOS DA PESQUISA	19
2	SER ‘DEFICIENTE’	23
2.1	DA HISTÓRIA	24
2.2	DOS NÚMEROS E CONCEITOS	29
2.3	DO CORPO	33
3	O ESPORTE ADAPTADO	39
3.1	DA ORIGEM	40
3.2	DAS PARAOLIMPIADAS	47
4	A TECNOLOGIA DO DEFICIENTE FÍSICO	54
4.1	DAS PRÓTESES	56
4.2	DO CORPO PROTÉTICO	72
5	AS VOZES DO SER PROTÉTICO E ATLÉTICO	80
6	REFLEXÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	101
	ANEXOS	111

1 INTRODUÇÃO

A CONCEPÇÃO DA PESQUISA

O centro desta pesquisa foi direcionado pelas problemáticas refletidas a partir de minhas experiências vividas com o meio esportivo para deficientes físicos. Ao adentrar neste universo, mobilizada por uma inquietude e uma curiosidade intrínseca, fui tecendo, ao longo dos anos – desde 1995 -, as diferentes possibilidades de significados para a questão corpo deficiente/corpo protético, os quais, agora, com esta pesquisa, procuro desenvolver.

[...] se vocês quiserem fazer ciência à luz da modernidade, vocês têm que procurar essa ligação da pesquisa com seus sonhos, suas emoções, com as suas esperanças, com seus interesses pessoais, com as suas motivações políticas, sociais, mas absolutamente únicas dentro de vocês. (BYINGTON,1995, p.56)

Quando se trata de deficientes, a visão mais recorrente que vem à mente das pessoas – fruto do senso comum devidamente articulado em nossa sociedade hegemônica e normalizadora, que leva a cultura a assumir significados impostos – é a imagem da ineficiência. No entanto, tal imagem, hoje, é totalmente contrária à imagem de um atleta deficiente de alta performance, com seu corpo mixado a uma prótese de tecnologia de ponta.

É esta contradição que define a problemática central desta pesquisa: investigar se e como os atletas deficientes físicos, mediante a utilização de tecnologias protéticas de ponta, refletem sobre suas atuais possibilidades de estarem com uma imagem diferente, mais próxima à imagem de alta performance característica do mundo esportivo, tão distinta do que prega e representa o termo deficiência.

Para realizar tal investigação, mostro, ao longo deste trabalho, o que vem a ser o Esporte Adaptado, o contexto da deficiência, as próteses atuais, as posições de autores contemporâneos sobre o corpo protético e a tecnologia, apresentando, por fim, as falas do grupo de atletas deficientes físicos, sujeitos deste trabalho.

Uma leitura de Byington (1995, p.50) nos permite perceber que mudando a visão das pessoas a respeito de algo, muda-se o ambiente e tudo relacionado a ele. É neste sentido que as questões que surgiram de minha experiência junto a atletas deficientes e que orientaram minha pesquisa são dependentes da idéia de que a tecnologia está cada vez mais rapidamente mudando a forma de sentir e pensar o mundo.

A partir desta visão de mudança, cinco indagações são pertinentes: Quais os significados que os atletas constroem de seus corpos conectados a máquinas? Como o 'deficiente' lida com o fato de seu corpo ser dependente de uma prótese? Como seria seu corpo sem esta tecnologia? Qual é a contribuição do Esporte para o uso destas tecnologias? Até que ponto as tecnologias podem influenciar na subjetivação destas pessoas enquanto 'deficientes'?

Os principais objetivos da pesquisa são: estudar os posicionamentos e reflexões de um determinado grupo de atletas deficientes físicos em relação à compreensão de ser um corpo deficiente, protético, inserido na atual sociedade tecnológica; e discutir os usos das tecnologias protéticas que modificam e potencializam o corpo na sociedade atual.

Um caminho seletivo foi traçado para a escolha metodológica. Desta forma, julguei a pesquisa qualitativa com entrevista semi-estruturada baseada em eixos norteadores como a mais pertinente para nortear este estudo, por permitir um diálogo livre, contínuo e interativo acerca das experiências vividas pelos sujeitos (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.52).

Esta escolha vem amparada pelos Estudos Culturais, campo teórico que estuda a cultura como resultado das relações de poder, havendo significações e identidades estabelecidas, onde cada aspecto da vida social é estruturado e moldado através de uma rede de representações e poder. Isso permite compreender o corpo para além de uma visão puramente biológica, pois

Pesquisar o corpo, com esse olhar, é desconfiar de suas marcas, duvidar de suas atribuições culturais, questionar suas certezas apostando em sua pluralidade. É perceber este lugar chamado cultura como espaço de conflitos e relações de poder, onde o corpo é significado e construído através de práticas impositivas. Estudar um corpo que se constrói a partir da intervenção tecnológica é enfrentar um campo de disputa entre natureza e técnica, do instrumental ao biológico, percebendo, historicamente, a intencionalidade humana em aproximar-se da técnica através de suas incansáveis tentativas de controlar a natureza (NOVAES, 2006, p.13).

Para chegar a tal conclusão, fiz um levantamento das instituições que trabalham com esporte adaptado na região de Salvador – BA, a fim de conformar meus objetivos com os procedimentos técnicos da pesquisa. Assim, delimitar o grupo a ser pesquisado, atletas deficientes do NEFEA/UEFS, fez parte de uma importante trilha investigativa a se seguir.

As entrevistas tiveram como referência básica o trabalho desenvolvido por Couto (2000), em sua tese de doutorado, quando procurou:

revelar as múltiplas ‘vozes’ que compõem posicionamentos e perspectivas variadas sobre o tema estudado, desenvolver uma linguagem que revele as dimensões dos sujeitos envolvidos, inclusive a do pesquisador no próprio ato de escrever a sua pesquisa. Essas ‘vozes’, que podem ser apresentadas sozinhas, ponderadas e sempre entrelaçadas com a ‘voz’ do pesquisador, também se cruzam e se multiplicam, formando uma rede de relações não-hierárquicas (COUTO, 2000, p.259).

Acontecendo notoriamente quando se faz as entrevistas e para fundamentar ainda mais este aspecto, saliento o que Macedo acredita:

[...] a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestadas (2000, p.165).

Deste modo, então, ao estudar as possibilidades de entrevistas, não tive o intuito de, simplesmente, apresentar perguntas fechadas ou abertas, mas sim indicar temas essenciais para a pesquisa e deixar que cada sujeito se expressasse livremente, o que consegui adotando a entrevista semi-estruturada, uma vez que, neste tipo de entrevista, o

[...] pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (PÁDUA, 2000, p. 67).

A partir daí, a linguagem, as falas tornam-se instáveis, flexíveis, podendo redefinir sua própria natureza (SILVA, 1994), aspecto crucial para o objetivo deste trabalho.

Criei um roteiro (Anexo A) com eixos norteadores para a realização da entrevista semi-estruturada, permitindo, ao entrevistado, pensar e reelaborar seus pensamentos a respeito de sua própria condição física-social. Esses elementos se constituíram, então, apenas em um roteiro básico, ajudando no desenvolvimento das entrevistas e também na análise dos dados coletados, porque, durante as entrevistas, os sujeitos sempre traziam novos dados úteis à investigação.

Tais eixos norteadores foram: 1) Tornar-se deficiente; 2) Processo de protetização; 3) Contato com o Esporte (antes e depois da deficiência); 4) Esporte Adaptado; e 5) Ser o Corpo Protético.

Afloraram histórias ímpares, mas em muitos casos foi possível encontrar um elo entre elas. Portanto, como acentuou Couto, os critérios de validade da pesquisa se modificam, e desta forma:

a preocupação não deve ser a de apresentar resultados, as tradicionais conclusões redondas [sic], mas fazer inferências, apontar novas inquietações, abrir espaços para outras discussões e possíveis pesquisas. É preciso dar versatilidade e capacidade de adaptação a essa constituição de idéias e saberes que não se completam e, por isso mesmo, sempre estão a nos motivar. É na força dessa dinâmica que a pesquisa deve encontrar a sua validade (2000, p.261).

Para a realização das entrevistas, optei por fazê-las gravadas, uma vez que, de acordo com Queiroz a entrevista acompanhada do gravador permite registrar com “fidelidade os monólogos dos informantes ou o diálogo entre informante e pesquisador” (1983, p.56). Neste sentido, acredito que o gravador, embora possa vir a ser um elemento inibitório, é um meio importante para registrar e resgatar, continuamente, os dados mais importantes dos depoimentos orais dos entrevistados.

Especificamente com este grupo, não houve problemas em relação ao uso do gravador durante as entrevistas, e nem da máquina digital para registrar suas imagens, apesar de somente um atleta, o de pseudônimo Carbono, ter permitido o uso de sua foto nesta dissertação. Para assegurar aos sujeitos a utilização das informações obtidas apenas para fins de análise, assinamos um Termo de Consentimento (Anexo B), no qual eu manteria sob sigilo seus nomes e dados pessoais, assim como lhes permitiria o acesso aos dados a qualquer momento.

As entrevistas foram realizadas no dia 20 de julho de 2005, em duas das salas do próprio NEFEA, na UEFS, e duraram, em média, uma hora cada. Todos os dados gravados foram transcritos na íntegra e de certa forma criteriosa, sendo, em seguida, classificados e organizados conforme os temas elaborados, sua relevância e sua autenticidade das informações (PÁDUA, 2000, p.78-79).

Levando em consideração que as falas estão em permanente processo de mudança - nossa única certeza destes tempos, a mudança -, nunca esgotando novas possibilidades de relações, é importante aqui ressaltar que, também no caso desta pesquisa, surgiram, durante as transcrições, outras idéias pertinentes para discussão. Algumas destas idéias foram fonte de reflexão ainda neste trabalho, enquanto as outras foram deixadas para um aprofundamento futuro.

A análise das entrevistas foi por mim construída ao longo do trabalho de redação, considerando a dinamicidade das opiniões que iam sendo ressignificadas a cada momento, pois, segundo Babin e Kouloumdjian, “diante do novo, devemos imergir, distanciar-nos e apropriar-nos” (1989, p.30). Visando uma melhor organização e compreensão dos dados obtidos, optei por, inicialmente, proceder à transcrição das falas dos entrevistados, e, em seguida, sistematizá-las através de um sistema de cores. Assim, em cada entrevista, discriminei os diferentes temas abordados nos fragmentos das falas e elegi uma cor para cada um destes temas. Após realizar o mesmo procedimento em todas as entrevistas, obtendo textos coloridos, garimpei e separei, por cor, os temas tratados que tinham relação com o objeto da pesquisa.

Estes temas que emergiram deste processo, passaram a ser de extrema importância para a qualidade da pesquisa uma vez que expressam as concepções a respeito do mundo tecnológico destinado ao deficiente físico: ‘tecnologia e aparatos tecnológicos’, ‘o esporte adaptado’, ‘deficiência/eficiência/capacidade’ e ‘imagem e desempenho do corpo atlético e protético’. Eles foram assim organizados para compor o mosaico de idéias e sentimentos dos entrevistados em relação ao assunto estudado.

A fim de levantar alguns caminhos existentes para o deficiente físico hoje, suas evoluções e perspectivas no campo esportivo e mesmo não-esportivo, paralelamente a esta atividade de análise dos temas obtidos nas entrevistas, desenvolvi, além de um levantamento bibliográfico preciso sobre as distintas temáticas que rodeiam e permeiam a pesquisa – o esporte adaptado, as tecnologias, a deficiência física, o corpo -, também uma exploração das próteses elaboradas para deficientes físicos e atletas deficientes feita pela internet e revistas científicas especializadas, e recorri a exemplos de casos de atletas deficientes conhecidos mundialmente.

Vale ressaltar que, além das leituras de livros, dissertações, teses e artigos, que tratavam do objeto desta tese, realizei também um levantamento de notícias veiculadas pelas mídias impressa, televisiva e digital, e naveguei em sites e listas de discussão voltados para esta temática.

A coleta dos dados e o seguimento do trabalho se resumem em:

- Levantamento bibliográfico sobre deficiência, corpo, esporte adaptado, tecnologias;
- Levantamento do contexto da instituição envolvida na pesquisa;
- Entrevista semi-estruturada com eixos norteadores, (amostragem aleatória).

- Análise final dos dados.

Esta foi então a forma que iniciei o trabalho, me organizando na posição dos autores e nas falas dos entrevistados, em um processo dinâmico e móvel inesgotável para a apresentação do que vem a ser um protético na atualidade.

1.1 O CENÁRIO DA PESQUISA

Para nortear este trabalho, tracei um caminho para chegar até seu objeto de estudo. Ao buscar por pessoas relevantes no cenário organizacional do Desporto Adaptado no Brasil, e especificamente na Bahia, pude contatar através do ex-chefe do Departamento de Atividade Física Adaptada (DEAFA – UNICAMP), atual vice-diretor da Faculdade de Educação Física (FEF - UNICAMP) - Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida - o primeiro doutor em Educação Física da Bahia, que precisamente trabalha com atividades físicas para Pessoas Portadoras de Deficiência, o Prof. Dr. Admilson Santos da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Como Coordenador do NEFEA, o Prof. Dr. Admilson Santos possibilitou esta pesquisa empírica ao favorecer o acesso aos atletas para a realização das entrevistas.

A partir da década de 80 do século XX, foram surgindo, pelas instituições de ensino do país, diversos núcleos de estudos de atividade física adaptada (aquela destinada à pessoa deficiente), dentre eles o NEFEA vinculado à UEFS, originado a partir de atividades desenvolvidas na disciplina Educação Física e Esporte Adaptado, do sétimo semestre do curso de Licenciatura em Educação Física desta universidade (OLIVEIRA, J.D.B., 2003).

O núcleo foi implantado a partir da portaria nº 1422/2000 e publicado no edital de 26 de dezembro de 2000, com o intuito de buscar parcerias com instituições públicas e privadas que atendam os deficientes, e baseando-se em três princípios: o desenvolvimento de atividades motoras, esportivas e de lazer, a formação e capacitação continuada de professores, e a produção científica. Favorece-se, a partir do NEFEA, a participação de deficientes nos programas de esporte e atividade física e o intercâmbio técnico-científico e pedagógico entre as diversas instituições que possuem órgãos específicos da área adaptada.

O NEFEA possui atualmente 50 alunos matriculados, além de parcerias com quatro instituições: o Centro de Integração do Deficiente (CID), a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE), o Jonathas Teles de Carvalho - Centro de Apoio Pedagógico do

Deficiente Visual (CAP) e a Associação Filantrópica de Atendimento a Deficientes Auditivos (AFADA). Sua proposta é contemplar a prática do Atletismo, Basquete, Capoeira, Dança, Futebol, Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), Judô, Natação, Tênis de Mesa, Tênis, Goalboal e Voleibol.

1.2 OS ELEITOS DA PESQUISA

As pessoas que escolhi para este estudo foram homens adultos e atletas que fazem parte de programas de treinamentos físico-esportivos do NEFEA, vinculado à UEFS. Estes atletas são portadores de deficiência física, consequência de diferentes tipos de acidentes ou doenças. São amputados e cadeirantes, estando, neste sentido, definitivamente dependentes de tecnologias tanto para a realização de suas atividades cotidianas e, principalmente, para o desenvolvimento de suas atividades esportivas.

A escolha deste universo de atletas se justifica por fazerem parte de equipes participantes de jogos paraesportivos por todo o Brasil, sendo um grupo totalmente de acordo com o objetivo geral desta pesquisa.

A partir de uma sugestão do Prof. Dr. Admilson Santos, o processo de contato com os sujeitos da pesquisa aconteceu, inicialmente, com apenas um dos atletas do núcleo chamado Polietileno, considerado um membro aglutinador do grupo. Foi através dele que, posteriormente, contatei os (outros) sete atletas dispostos a serem entrevistados e assim contribuiriam para a pesquisa. Após estes contatos, comecei a estruturação de um primeiro encontro com todos os componentes do grupo, com o intuito de nos apresentarmos e também de esclarecer as temáticas a serem desenvolvidas na entrevista, ouvindo suas expectativas e conhecimentos sobre o assunto. Data, horário e local foram marcados para um outro encontro e entrevistas. Alguns vieram juntos em uma caminhonete adaptada dirigida por um deles, que é cadeirante. Dos 7 atletas presentes neste outro encontro, todos disseram desconhecer autores que tratam sobre tecnologias, e ficaram curiosos com a possibilidade deste tema se associar ao deficiente físico. Após uma discussão, foi decidido por todos do grupo que as entrevistas seriam feitas individualmente, com o cuidado de terem suas identidades preservadas.

Neste sentido, apresento a seguir cada atleta participante da pesquisa, utilizando pseudônimos, que foram criados durante a entrevista, a partir de uma associação que fiz ou pelo entrevistado ter citado o nome quando relatava alguma prótese ou por estar portando algo

com o material. Esta apresentação está relacionada à história pessoal de cada um deles, mostrando como se tornaram ‘deficientes’ e como ocorreu o contato com o Esporte.

1) JC - Titânio

O primeiro entrevistado – Titânio – completou 31 anos de idade em 2005. Em 1998, era segurança de uma agência bancária quando, em uma reação a um assalto, recebeu um tiro que o deixou paraplégico. Sua reabilitação foi no Hospital Sara – Salvador. Hoje se considera um ser humano ‘normal’ e independente: aprendeu a ‘tocar’ a cadeira de rodas, feita sob medida para ele, e possui um carro adaptado, podendo também dirigir. Gosta de baladas em geral: festas, shows, bares. Praticava esporte muito esporadicamente antes de sofrer a lesão, e a deficiência o fez descobrir e praticar, como atleta, a natação, a musculação e a corrida.

2) G - Polímero

No ano 2000, Polímero era motorista de caminhão, tinha 27 anos de idade e estava casado há 2 meses, quando descobriu uma doença que comprimia sua medula. Ficou paraplégico, com perspectiva de andar algum dia. Descobriu o esporte após a doença e vem, através da prática de natação, musculação e basquete, melhorando sua sensibilidade. É defensor dos avanços tecnológicos na medicina e afirma não se sentir uma pessoa incapaz, a não ser, como explica, que o pneu de sua cadeira murche, ou quando não há acesso para ela entrar em alguns lugares.

3) M - Chip

Foi decorrente de um mergulho na piscina que nasceu para Chip – então atleta de ciclismo – o diagnóstico de tetraplegia, quando, no Natal de 2000, ele e mais dois amigos, também atletas, resolveram dar uma festa em uma chácara para comemorar a volta de um deles, após um ano de treinamento em São Paulo. Depois de dois anos de fisioterapia, Chip redescobriu o esporte, descrito como uma luz para sua vida e o responsável por leva-lo a andar com o auxílio de muletas, as quais são consideradas como parte de sua vida e de seu corpo atualmente.

4) E - Silicone

Hoje, Silicone faz cursinho à noite, pratica natação, basquete e faz musculação, mas em 1993, foi vítima de uma bala perdida, que o deixou paraplégico, utilizando uma cadeira de rodas desde então. Antes da lesão, jogava futebol esporadicamente, e desde 2000, ou seja, já

fazem 5 anos que pratica seus treinamentos esportivos após a lesão. Tentou suicídio três vezes e diz que sua incapacidade aparece quando sua cadeira não tem acesso a algum lugar. Conta que depois de se declarar como ‘cadeirante’, numa conferência de celular, algumas garotas não conversam mais com ele.

5) L - Polietileno

Após um mergulho no ano de 1995, Polietileno ficou com tetraplegia traumática incompleta. Um ano depois, recuperou boa parte dos movimentos dos membros superiores. Tem esperança na ciência e nas novas tecnologias para sair da cadeira de rodas. Vendo na TV os jogos paraolímpicos, se interessou por algo que nunca havia feito: esporte. Diz que antes do acidente só pensava em trabalho. É um atleta de natação, com boas colocações em relação até a pessoas que andam. O esporte trouxe, além do fortalecimento muscular, que lhe permitiu voltar a dirigir, também um aumento de seu leque de amizades e viagens a outros estados. Lamenta a falta de informação da população no que diz respeito às capacidades do deficiente físico. O termo deficiente, para ele, é ‘estragado’, deveria ser banido do vocabulário.

6) O - Resina

Resina sofreu um acidente de carro em 1999 que provocou a amputação do seu membro inferior direito. O que acha mais difícil, desde então, são as barreiras que encontra no meio social para sua integração. Atualmente, está utilizando bengalas e realizando um processo de reabilitação para a utilização de uma prótese. Após a amputação, por meio dos amigos e conhecidos, descobriu o esporte e hoje pratica natação. Resina acredita que os avanços tecnológicos vão fazer extinguir a deficiência.

7) R - Carbono

Carbono foi atropelado por um motorista bêbado aos 3 anos de idade em 1985, sofrendo a amputação de sua perna direita. Como desde os 4 anos de idade já utilizava prótese, não lembra de sua vida sem ela. Atualmente com 25 anos, professor de geografia, pratica natação, mas já praticou jiu-jitsu, corrida e futebol. Gosta de andar de bicicleta e fazer trilha na Chapada Diamantina. Diz que muitas pessoas ditas normais não fazem isso e que a deficiência está na mente das pessoas. Possui dois tipos de próteses: uma que imita a perna e a outra de titânio. Ele gosta de usar a de titânio, que chama mais a atenção das pessoas que reagem dizendo: “Nossa, que legal!”. Muitos o chamam de ‘Robocop’. Ele acredita que é ‘a’ pessoa, alguém especial e não uma pessoa a mais ou uma pessoa comum, por utilizar uma

perna mecânica, que já o levou inclusive à televisão. Toca numa banda de forró, onde é reconhecido como ‘Carbono da perna mecânica’. Atribui à família, de boa situação sócio-econômica, o seu respeito na sociedade. Levanta de 200 a 300 quilos com a perna treinando na musculação e a prótese tem que acompanhar seu desempenho para superar seus limites. Na academia seu apelido é ‘Cavalo’.

Foi a partir destas escolhas que trilhei meus caminhos enquanto pesquisadora, expondo os principais pontos que apreendi nas etapas do estudo e deixando discussões latentes que surgiram, e podem ainda surgir, durante o percurso deste trabalho.

2 SER ‘DEFICIENTE’

Falar da trajetória de vida de pessoas portadoras de deficiência física, escutar suas narrativas, e, inclusive, ouvi-las contar como se tornaram deficientes, muitas vezes me faz lembrar das histórias do ‘ogro da floresta’ - aquele monstro excluído da sociedade que todos sabem que existe, mas ninguém quer assumi-lo, ficando esquecido até se tornar uma lenda. E o ogro, esquecido em sua solidão, algumas vezes até se sente ‘bem’ em seu exílio.

Quando escuto emocionalmente meus entrevistados, busco entender esta solidão que todos, não só os deficientes, carregamos dentro de nós, sentimento que, inclusive, aflora em diferentes ocasiões também no ato da pesquisa, trazendo à tona nós mesmos. Nestes momentos lembro de escritores como Nietzsche que tão bem traduz a solidão, nada democrática e, diga-se, muito dolorida, a qual poucos resistem.

No entanto, acredito que do outro lado da solidão se encontra a possibilidade de nascimento de uma nova forma de ver o mundo, de viver ou de vir a ser, como nos mostra Zaratustra (NIETZSCHE, 2000, p.274). E é com esta visão que procuro perceber o fato de alguém tornar-se deficiente:

Onde subirei com meu desejo? De todas as montanhas eu busco terras paternas e maternas. Mas não encontrei um lar em lugar algum. Sou um fugitivo em todas as cidades, e uma partida em todas as portas. Os homens de hoje, para quem meu coração recentemente me levou, são-me estranhos e grotescos. Sou expulso de todas as terras paternas e maternas. Assim, eu agora amo somente a terra dos meus filhos, ainda não descoberta, no mar mais distante: e nesta direção enfundo as minhas velas.

Antes de entrar, propriamente, no esporte adaptado - aquele destinado à pessoa que possui (algum e) qualquer tipo de deficiência – subdivido este capítulo em três subseções. Na primeira subseção, realizo um breve relato histórico sobre o que vem sendo dito a respeito do deficiente em textos especializados, principalmente acerca do deficiente físico, objeto deste trabalho.

Na segunda, exponho os dados estatísticos que situam o deficiente físico no cenário nacional, descrevendo conceitos e atualizando números, em uma cruel tarefa de ‘classificação’ de pessoas que - por muito ou por pouco - apresentam um desvio-padrão em relação à engessada ‘normalidade’ vigente.

Na terceira e última subseção, apresento o corpo deficiente nas perspectivas de autores contemporâneos que discutem este corpo a partir de uma análise cultural.

2.1 DA HISTÓRIA

A problemática do deficiente acompanha a história da humanidade, uma vez que a existência de uma considerável parcela de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência física não é uma característica peculiar das sociedades modernas. Ao contrário, as inúmeras lutas, batalhas, guerras - que sempre nortearam as relações sociais - vêm gerando, desde os primórdios da civilização, um incrível número de mutilados, deficientes e pessoas com doenças crônicas.

Para a explanação sobre o caminho do deficiente na história, salientando como foi tratado inclusive na educação, escolhi alguns autores como Silva (1986), Fonseca (1995), Mazzotta (1996), Dallasta (2006), Souza (2005), entre outros. Para estes autores, os registros de como a pessoa deficiente tem sido tratada demonstram que, até o século XVIII, ela era marginalizada pela sociedade, muitas vezes por razões religiosas, que faziam crer que a deficiência estava ligada ao 'demo' ou mesmo a coisas sagradas. Neste sentido, ser portador de deficiência física era considerado castigo de Deus ou bênção divina. Por não se explicar, cientificamente, a razão de cada deficiência, o deficiente causava medo e estranheza à sociedade, sendo um 'monstro' ignorado e discriminado.

Silva (1986, p.373) afirma que a marginalização sempre existiu na humanidade e “[...] o indivíduo deficiente quase sempre foi relegado a segundo plano, quando não apenas tolerado ou até exterminado”.

Na própria Bíblia, no Antigo Testamento, é possível encontrar passagens que desprezam a figura do deficiente, símbolo de impureza e de pecado. Por exemplo, no livro do Levítico, que trata, exclusivamente dos deveres sacerdotais e da legislação cerimonial, Moisés proclamou aos israelitas (Lev. 21, 21-23):

Todo o homem da estirpe do sacerdote Arão, que tiver qualquer deformidade (*corporal*), não se aproximará a oferecer hóstias ao Senhor, nem pães ao seu Deus; comerá, todavia, dos pães que se oferecem no santuário, contanto, porém, que não entre do véu para dentro, nem chegue ao altar, porque tem defeito, e não deve contaminar o meu santuário.

De igual modo, em outros períodos históricos, como na Roma Antiga, comportamentos discriminatórios são também visualizados. Segundo Moacyr de Oliveira (apud ALVES, 1992), na Lei das XII Tábuas, na parte que versava sobre o pátrio poder, o patriarca estava autorizado a matar os filhos nascidos defeituosos.

Os gregos, por sua vez, com seus reconhecidos cultos ao corpo perfeito e espírito altamente competitivo, advogavam a tese da ‘morte lenta’ para os inválidos e idosos, pois entendiam que estas pessoas representavam apenas um incômodo aos mais jovens, uma vez que não tinham qualquer utilidade para o meio social (DALLASTA, 2006).

É interessante destacar a relação da deficiência física com a técnica presente na mitologia grega, uma associação curiosa, em que a deficiência é tomada como uma punição por uma transgressão humana a alguma das leis da natureza, como por exemplo, a criação de novas tecnologias para o dia-a-dia, tarefa considerada somente da competência dos deuses gregos. É nesta direção que encontramos, dentre os inúmeros mitos gregos, um arquétipo do corpo deficiente, um homem chamado Prometeu, deficiente físico que, por prometer o progresso tecnológico a partir do fogo roubado dos deuses, foi pregado em um rochedo. Igualmente relacionado à tecnologia, também existe um deus grego portador de deficiência física, Hefesto, o deus da metalurgia, que coxeava. (FELTRIN, 1990).

Na Idade Média, a deficiência foi associada a eventos sobrenaturais diabólicos, circunstância que conferia conotação extremamente negativa e humilhante aos deficientes. As obras de arte deste período são elucidativas neste aspecto, uma vez que espíritos malignos, seres lendários e desumanos são invariavelmente representados com desproporções físicas, rostos monstruosos ou membros contorcidos (FELTRIN, 1990).

Por conta desta associação, neste período da história, os indivíduos deficientes, considerados bruxos ou hereges, eram, conseqüentemente, mortos ou usados como ‘bobos da corte’ (ALVES, 1992). É neste sentido que anões, siameses, gigantes, hermafroditas – vistos como aberrações pela sociedade da época – eram utilizados como protagonistas dos espetáculos de horrores prometidos e promovidos pelas feiras, comuns neste período. O sucesso obtido por estas feiras, ao mesmo tempo em que é representativo do desprezo da sociedade medieval por estas pessoas, revela também a incessante busca do homem pela tal normalidade, por aquilo que seria considerado como corpo ‘lógico’.

Além das feiras, também os circos, que proliferaram bastante na Idade Média, serviram como possibilidade de sobrevivência, ocupação e ‘convívio social’ para as pessoas deficientes, como é o caso do ‘*Barnum & Bailey’s Circus*’, que apresentava por toda a europa (TUCHERMAN, 1999 in Paiva, 2004). Mas, como a deformidade era sinal de mau presságio

ou da presença do demônio, muitas delas foram isoladas em instituições assistencialistas, criadas pelas organizações cristãs com o intuito de manter os deficientes longe dos olhos da sociedade (LEVIN, 1997; TUCHERMAN, 1999).

Antes disso, a deficiência também foi preconizada por uma idéia de que era imutável e, por isso, não se criavam serviços especializados para atender pessoas deficientes, o que caracterizava total omissão e exclusão da sociedade em relação a elas.

Somente entre os séculos XV e XVIII, com as investigações médico-científicas, surgem novas explicações para as deficiências e/ou doenças daquelas pessoas e uma conseqüente busca por soluções para seus problemas corporais, categorizando-os a partir de suas diferenças e reavaliando seus 'cuidados'. Contudo isto não foi suficiente para aceitá-los como 'normais', e sim, tolerados.

Quando o 'clima social' apresentou condições para que mudanças pudessem ocorrer, algumas pessoas passaram a se interessar pela causa dos deficientes, sensibilizaram a sociedade e propuseram formas de atendimento (MAZZOTTA, 1996).

Começaram a emergir então, na Europa do século XVII, os primeiros movimentos a favor da educação de deficientes, e estes se espalharam para os EUA e Canadá, chegando ao Brasil somente no século XVIII. Entre 1854 e 1857, foram criadas aqui as primeiras instituições para surdos-mudos e cegos. No ano de 1854, D. Pedro II fundou, no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant (MAZZOTTA, 1996).

A evolução do atendimento aos portadores de deficiência iniciou com o objetivo de dar assistência às pessoas socialmente discriminadas por conta das 'diferenças' físicas e intelectuais que apresentavam. A partir daí, nasceram instituições particulares especializadas no atendimento ao deficiente com caráter médico-educativo, contando sempre com o apoio da sociedade para infra-estrutura, equipamentos, financiamentos, campanhas e convênios. Além de professores, o maior contingente de trabalhadores destas organizações era composto de profissionais da área de saúde (médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas), que centralizavam seus esforços na 'recuperação' da deficiência destas pessoas.

Diante da omissão do Estado com o atendimento da pessoa com deficiência, o trabalho passa a ser efetuado por entidades privadas, como as Sociedades Pestalozzi, fundadas nos anos 30, as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais, na década de 50 e as associações de Surdos-Mudos, a partir de 1930 (SOUZA, 2005, p.43).

Estas instituições se caracterizavam como escolas residenciais especializadas em deficiências específicas. Por isso, no fim do século XIX, elas foram vistas como ‘asilos’ para pessoas sem ‘esperança de vida’ (MAZZOTTA, 1996).

Como se pode observar, não são recentes as constantes violações dos direitos humanos que os deficientes têm sido alvo, culminando no século XX, com a Segunda Grande Guerra, quando conforme dados veiculados pela revista *Veja* (04/05/2005, p. 134), estima-se que mais de três milhões de deficientes físicos tenham sido mortos de forma sistemática pelos nazistas.

Foi esta tragédia que especialmente mobilizou mundialmente as sociedades em direção à elaboração da ‘Declaração Universal dos Direitos do Homem’, em 1948, (a fim de ser) uma carta de princípios norteadores das relações sociais, bem como do relacionamento entre os diversos povos, conjugando o valor da liberdade ao valor da igualdade. Tal contexto fomentou uma incipiente mudança de mentalidade nas questões políticas e de igualdade, observada na segunda metade do século XX e que ganha força à medida que ocorre um maior comprometimento social, ampliando a abrangência dos chamados ‘direitos humanos’ (DALLASTA, 2006).

No Brasil, o interesse pelas causas desta parcela marginalizada da população também advém de outros fatores sociais que, na realidade, importavam mais à hegemonia. Pode-se dizer que os deficientes representavam alto ônus para a sociedade e, desta forma, tornava-se vital para a manutenção da ordem vigente transformá-los em indivíduos produtivos, cuja força de trabalho pudesse também ser aproveitada pelo sistema (SILVA, 1986).

Essa força de trabalho – com deficiência ou não – sem acesso à educação, viu mudanças significativas acontecerem com o início da industrialização e o crescente avanço tecnológico, pois se tornou necessário, para o fortalecimento e a continuidade da sociedade capitalista, instruir os trabalhadores para operar com mais competência as novas máquinas, a fim de assegurar o aumento da produção. Além disso, os intelectuais brasileiros queriam ‘elevar o país ao nível do século’ através da educação pública e gratuita, com o propósito de nos igualarmos às potências em desenvolvimento, em um momento em que o mundo sofria evidentes transformações (JANNUZI, 1992, p.25).

Em relatório da UNESCO (datado de 1968 – p.128), os objetivos da educação propostos para o portador de deficiência são muito similares aos da educação comum: “possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das atitudes intelectuais, escolares e sociais” de crianças afetadas por deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas (MRECH, 1999).

Porém, a educação dos deficientes na escola passou a realizar-se somente com a criação de legislações e normas, como o Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto da Constituição Brasileira, que define, em seu artigo 208, que “o dever do Estado com a Educação será mediante a garantia de [...] atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Seguem-se, desde 1981, inúmeras conferências e seminários mundiais que buscaram incluir o deficiente no sistema regular de ensino. Entre eles, ressalta-se a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, ocorrida em Salamanca, Espanha, em 1994, que, através do documento, orienta:

Crianças com necessidades educativas especiais devem receber apoio adicional no programa regular de estudos em vez de seguir um programa de estudos diferente. O princípio diretor será o de dar a todas as crianças a mesma educação, com ajuda adicional necessária àquelas que a requeiram (Declaração de Salamanca, 1994, p.33-34).

Outro documento que após oito anos de discussões no congresso nacional entrou em vigor, foi a última Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de número 9394/96, sancionada no governo de Fernando Henrique Cardoso e fundamentada na Constituição de 1988. Porém, discussões no meio acadêmico apontam que há uma séria controvérsia entre a Constituição de 1988 e a LDB de 1996, visto que a Constituição admite o atendimento educacional especializado também oferecido fora da rede regular de ensino, já que seria um complemento, e não um substitutivo, do ensino ministrado na rede regular. Mas na LDB (art.58 e seguintes), consta que a substituição do ensino regular pelo ensino especial é possível (MANTOAN, 2003).

Portanto, se hoje existe uma lei educacional que ‘propõe’ uma possibilidade dos deficientes freqüentarem o sistema regular de ensino, ela ainda está longe, na maioria dos casos, de se tornar inclusiva, isto é, aberta a todos os alunos, indistinta e incondicionalmente, pois o princípio democrático de uma educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais que se especializam em todos os alunos e não em apenas alguns deles. O que existe em geral são projetos de inclusão parcial dos deficientes, que não estão associados a mudanças de base nas escolas e que continuam a atender estes alunos em espaços escolares semi ou totalmente segregados, como classes especiais, salas de recurso e turmas de aceleração. Para fazer valer a inclusão, algumas estratégias se fariam essenciais, como a formação continuada dos professores, a estimulação das escolas para que elaborem com autonomia e de forma participativa o seu Projeto Político Pedagógico, a extinção do caráter

classificatório da avaliação escolar, novos métodos e técnicas de ensino, a elaboração de um currículo escolar que reflita o meio social e cultural em que se insere, etc (MANTOAN, 2003).

Apesar da questão levantada acima, foi a partir de conquistas através de legislações como estas, que a educação dos deficientes passou a ter a chance de acontecer no sistema regular de ensino. Esta nova perspectiva de tratar o deficiente, traz a mudança da terminologia ‘Pessoa Deficiente’ para ‘Pessoa Portadora de Deficiência (PPD)’ e depois ‘Pessoa Portadora de Necessidades Especiais (PPNE)’. No universo da escola, refere-se especificamente à ‘Pessoa com Necessidades Educativas Especiais’.

Embora as mudanças na terminologia sejam necessárias, o que importa mesmo é o compromisso com a formação pessoal e profissional destas pessoas, cujas diretrizes deveriam estar inseridas em uma política de educação ampla. Pessoas deficientes, como todas as outras, têm necessidades diferentes, e o objetivo ‘educar’ - desenvolvendo ao máximo as potencialidades dos alunos e possibilitando-lhes o pleno exercício consciente da cidadania - deve ser o mesmo para todos. Entretanto, a falta de apoio e estratégias que facilitariam o sistema regular de ensino a colocar em prática as diretrizes educacionais voltadas ao deficiente, revela o descompromisso do governo com esta questão no contexto de sua política educacional (MAZZOTTA, 1996).

É interessante observar que por serem considerados ‘deficientes’ pela sociedade, a história das deficiências, quer seja a física, a mental ou a sensorial, se cruza em todos os aspectos, educacionais, sociais e políticos, atendendo sempre ao mesmo processo de relações de poder hegemônico e mostrando mais uma vez a histórica incapacidade do sistema educativo de lidar com as diferenças.

2.2 DOS NÚMEROS E CONCEITOS

Neste momento busco contemplar os dados estatísticos acerca do número de pessoas com alguma deficiência, especialmente no Brasil, considerado um país em desenvolvimento. Tal empreendimento se reveste de grande relevância para este trabalho, na medida em que a compreensão dos números obtidos em pesquisas diversas envolve também o reconhecimento e a discussão de conceitos e termos freqüentemente utilizados para definir deficiência e categorizar os deficientes.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em todo o mundo há 500 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Já os dados obtidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, o índice de pessoas deficientes é 10 vezes maior do que em países desenvolvidos. Tal constatação explica-se pela falta de políticas públicas condizentes para as necessidades principalmente nas áreas de saúde, saneamento e educação destes países, promovendo doenças e descuidos que tornam as pessoas mais suscetíveis de sofrer qualquer tipo de moléstia (FONTES, 2004).

Na população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Censo de 2000 (NERI, 2003), estima-se que 14,5% apresentam algum tipo de deficiência (física e outras), totalizando um universo de 24,5 milhões de pessoas. No entanto, esta estimativa foi de 1,8% no Censo de 1991. Este exacerbado aumento do número de deficientes levantado pelo Censo de 2000 provocou diversas polêmicas nos meios político e acadêmico e resultou na pesquisa “Retratos da Deficiência no Brasil”, feita pela Fundação Getúlio Vargas, em parceria com a Fundação Banco do Brasil em 2003, a qual apontou:

[...] o inflacionamento das deficiências se deve à classificação adotada no Censo Demográfico de 2000, pois ao incorporar no universo de deficientes as pessoas com alguma ou grande dificuldade de caminhar, enxergar ou ouvir, o Censo acabou por classificar grande parte da população idosa como tal, uma vez que essas dificuldades funcionais tendem a acompanhar o processo natural do envelhecimento. O resultado é aumento da heterogeneidade deste grupo e um descolamento dos dados empíricos encontrados em relação àqueles da literatura. A solução proposta [pela análise da FGV] é trabalhar além do número oficial de PPDs, trabalhar com um número de pessoas perceptoras de incapacidades (PPIs) (NERI, 2003, p.07 apud FONTES, 2004, p.81).

A situação descrita – que exemplifica um caso de não concordância dos dados obtidos nos Censos brasileiros de 1991 e 2000 – justifica tanto a necessidade de se rever as concepções adotadas para se definir deficiência, assim como a necessidade de se discutir as terminologias utilizadas no campo da deficiência.

Cito, portanto, para reflexão, a definição de deficiência adotada no artigo I da Convenção da Guatemala (28 de maio de 1999): “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social” (www.prodiam.sp.gov.br). Ressalto, ainda, que a Pessoa Portadora de Deficiência (PPD) é diferente da Pessoa Perceptora de Incapacidade (PPI), sendo esta última aquela pessoa que se

autodeclara incapaz de exercer alguma atividade. Levando isso em conta, o universo de pessoas que se auto-declara incapaz no Censo de 2000 totalizou 2,5% da população, muito próximo do 1,8% que foi levantado no Censo de 1991.

Pessoas idosas e com outras limitações sensoriais ou físicas foram levadas em consideração no Censo de 2000, resultando em 14,5% identificados com alguma deficiência ou dificuldade de realizar as tarefas do dia-a-dia, o que colaborou para uma maior representatividade para as políticas públicas. Esta classificação faz crer que todos nós somos potencialmente deficientes, uma vez que acidentalmente ou ao envelhecermos, provavelmente desenvolveremos uma série de limitações (VIVARTA, 2003).

É importante observar, neste momento, que uma pessoa amputada que não possui problemas em caminhar por utilizar uma prótese adequada e avançada, praticando, inclusive, alguma modalidade esportiva com ela, está mais ‘apta/capaz/eficiente’ em relação a uma pessoa de idade avançada que tem dificuldades de caminhar ou de realizar algumas tarefas, tornando tênue a definição de deficiência. Uma mulher grávida, um obeso, um idoso, podem ser considerados agora deficientes. Esta lógica nos faz questionar quem é realmente deficiente, ou melhor, se este termo pode continuar sendo utilizado.

Na tentativa de identificar, no cenário nacional, a representatividade das pessoas portadoras de algum tipo de deficiência física selecionadas especificamente para este trabalho, apresento os seguintes números levantados pelo Censo Demográfico de 2000, obtidos de um universo de 14,5% de deficientes:

[...] deficiência mental (11,5%); **tetraplegia, paraplegia ou hemiplegia (0,44%); falta de um membro ou parte dele (5,32%)**; alguma dificuldade de enxergar (57,16%); alguma dificuldade de ouvir (19%); alguma dificuldade de caminhar (22,7%); grande dificuldade de enxergar; grande dificuldade de ouvir; grande dificuldade de caminhar; incapaz de ouvir (0,68%); **incapaz de caminhar (2,3%)**; incapaz de enxergar (0,6%) (NERI, 2003, p.14, in FONTES, 2004 sem grifos no original).

Ressalto para esta pesquisa aqueles com algum tipo de deficiência física: tetraplegia (perda dos movimentos dos membros superiores e inferiores), paraplegia (perda dos movimentos dos membros inferiores) ou hemiplegia (perda dos movimentos de um lado do corpo) são 0,44% em relação ao total de pessoas com deficiência (24,5 milhões), sendo 107.800 brasileiros. Soma-se falta de um membro ou parte dele 5,32%, o que seriam 1.303.400 pessoas. Incapaz de caminhar 2,3% ou melhor, 563.500 pessoas. Totalizam,

portanto, 1.974.700 pessoas dependentes de uma cadeira de rodas ou alguma outra órtese ou prótese.

Com estes números, pode-se perceber que, além de ser uma fatia de eleitores já vislumbrada pelos interesses políticos para seus discursos e projetos de políticas públicas, os deficientes são também uma fatia do mercado nacional dependente de tecnologias, produtos diferenciados e/ou adaptados e de acesso arquitetônico às compras, o que não vem ao caso uma discussão agora nesta pesquisa.

Parte das barreiras e impedimentos que cercam o deficiente físico relaciona-se ao fator acessibilidade, quer seja social ou arquitetônica, o que Fontes (2004) considera quando levanta questões pertinentes sobre mudanças de conceitos e sobre realmente o que é ser ‘deficiente’,

Essa mudança vem ocorrendo sobretudo em decorrência do confronto teórico entre duas perspectivas de abordagem da deficiência, sobretudo a deficiência de natureza físico-motora-funcional: o modelo médico da deficiência e o modelo social. O modelo social, ainda incipiente na cultura dos países em desenvolvimento, vê a limitação, por mais restritiva e incapacitante que ela seja, não no indivíduo, mas na estrutura social que o circunda. Esta sim, seria incapacitada, por não proporcionar ao indivíduo com alguma limitação a possibilidade de deslocamento e uma existência pública e privada apropriadas. [...] Já o modelo médico descreve a deficiência clinicamente, ressaltando o caráter de ausência, deformidade ou de insuficiência das funções do corpo biológico (FONTES, 2004, p.86).

Esta argumentação de Fontes é hoje a mais presente no campo de combate à discriminação e ao preconceito que atinge os deficientes, pois centra forças no modelo social, rechaçando o modelo médico. Tal posicionamento que defende o ponto de vista de que é a estrutura social que deve ser capaz de fazer ajustes para que estas pessoas sejam produtivas, vem gerando inclusive algumas vitórias no campo da reflexão: na última versão de 2001 da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) – documento elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – a deficiência é descrita como sendo o resultado ou produto de um relacionamento complexo entre as condições de saúde de um indivíduo, os fatores pessoais e os fatores externos, que representam as circunstâncias nas quais os indivíduos vivem (FONTES, 2004).

Para essa nova classificação, que vem substituir as anteriores, o termo funcionalidade substitui termos usados no passado, como incapacidade, deficiência, invalidez e desvantagem, e amplia seu significado para incluir experiências positivas registrando a potencialidade da pessoa portadora de deficiência (PPD). (BATISTELLA, 2002, p.99).

Diante destes modelos, fica clara a busca de uma nova forma de repensar o deficiente, pois:

Deficiente jamais será o indivíduo, mas a estrutura social na qual ele habita, incapaz de prover aos indivíduos desviantes das normas físicas, as suas necessidades específicas (FONTES, 2004, p.89).

Polêmico, o conceito de deficiência poderia ser extinto da humanidade, pois uma vez constatado que a deficiência existe de acordo com as barreiras sociais, bastaria então eliminá-las e/ou usar de adaptações, e o ser deficiente deixaria de existir.

2.3 DO CORPO

Dando prosseguimento à caminhada sobre o que se entende sobre o deficiente físico, pretendo, aqui, explorar o conceito de corpo até conceber o que se define como ‘corpo deficiente’.

O corpo, fonte de inesgotável exploração e de pesquisas sem fim – vislumbrado pelo fascínio das dissecações de Leonardo DaVinci – vem sendo estudado e esmiuçado cientificamente, deixando, aos poucos, de ser concebido como uma obra de Deus e passando a ser um produção da ação humana (RODRIGUES, 1999; SANT’ANNA, 2001). Sagrado, ou condenado pela Igreja, ou ainda, cultuado e auto-controlado por povos matriarcais - como os drávidas da Índia há 5000 anos atrás -, vem carregando o peso da cultura humana (DEROSE, 1996). Para Sant’anna (2000, p.50), ‘além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos’.

Considerado de forma dualista - produto da herança cartesiana que separa corpo e espírito - ou não, como fazem algumas filosofias como o Yôga, quando se mexe com o corpo, quando se toca, vê, ouve, cheira ou degusta, sensações das mais variadas e inexplicáveis sempre afloram e geralmente surpreendem. Estudos antropológicos já diziam que o senso comum destinado à ‘frieza’ dos alemães se deve à falta de toque, o que os deixa numa posição afetiva e até mesmo econômica mais estável e previsível. É como se o excesso de calor

humano, principalmente dos povos tropicais, nos deixasse mais vulneráveis, porém mais maleáveis, adaptáveis e criativos.

Em constante ebulição, a única certeza do corpo é a da mudança, uma mudança constante e em alta velocidade, remetendo aos dias de hoje. Um composto biológico e cultural, moldável, plástico, adaptável e, ainda, não descartável. Ele é presente, existente, real.

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e disputa inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento (SOARES, 2001, s/p).

Através do corpo, se decifra e se situa uma época e seus costumes, como o fazem os arqueólogos ao descobrir uma ossada. O corpo é tatuado pela época em que viveu e por ele qualquer época pode ser reconhecida.

A tentativa de decifrá-lo impõe o retorno ao passado em busca das representações que foram construídas a seu respeito, as interdições existentes, seus valores, seus modelos de conduta, seus gestos, verdades e hábitos de vida, permitindo-nos compreender que o corpo que visualizamos como habitual na atualidade, nem sempre foi assim (FRAGA, 2000).

Pode-se dizer, portanto, que as características que formam a identidade se inscrevem na materialidade do corpo, fazendo-o constantemente inacabado na sua condição histórica. Paiva (2004) entende segundo (RODRIGUES, 1999; SOUZA, 2000) que:

O existir humano, então, transcende, em muito, os seus processos puramente orgânicos: faz-se pelas danças, pelos mitos, pelos rituais, pela comensalidade, pelas trocas simbólicas, pelas relações de parentesco, pela arte, pela religião, etc. Em cada período da história, o corpo humano assume os contornos e as marcas dos valores, leis e costumes da sociedade vigente. Sua materialidade biológica impregna-se das cores, da roupagem, dos discursos, dos hábitos de cada período. São os discursos, e as outras tantas construções que circulam na trama social, que se inscrevem nos corpos, marcando-os de forma invisível.

Do sagrado, do intocável, gradativamente o corpo vai perdendo seu encanto à medida que se torna alvo da ciência. A possibilidade da dissecação imputa ao corpo uma realidade própria, o advento da anatomia o revela minuciosamente:

É a anatomia que iria permitir uma descrição rica em detalhes e a elaboração mais sofisticada de um discurso especializado sobre o corpo. É ela que iria precisar os desenhos e, assim, criar uma objetividade do olhar. Com essa

objetividade delineada, foi possível penetrar em todas as partes e em todas as dimensões do corpo; dominar aquilo que se encontrava até então desconhecido. O olhar objetivo, guiado pelas explicações precisas, permitiria explorar, manipular e revelar caminhos nunca antes trilhados. Identificação de erros e desvios, encontro de acertos e de soluções passaram a ser apresentados como resultados verossímeis desta arqueologia do detalhe. (SOARES; FRAGA, 2003, p. 84, in: Paiva, 2004).

À luz de mais ciência, o desenvolvimento de novas tecnologias, como o microscópio, leva a fragmentação do corpo em membros, órgãos, tecidos, até as células e átomos. A partir daí, surgem também para o mundo, os micróbios, os vírus, as bactérias - nunca antes conhecidos -, e trazendo consigo novas concepções de higiene para o corpo.

Parceiro da industrialização, o corpo se torna objeto, decifrável, alvo de experiências e até mesmo fabril, fabricado. E assim, ao mesmo tempo em que o corpo passa a ser recriado pelas mãos do próprio homem, podendo ter conotações importantes inclusive para a deficiência, traz também o dever de adquirir o hábito de ser capaz de produzir, o que dificulta ainda mais a condição do deficiente.

A sociedade industrial traz as instituições de confinamento ou ‘seqüestro’ do indivíduo, objetivando incluí-lo e normalizá-lo, bem como facilmente subjugar-lo a regras de convivência, de limitações, de obrigações e de proibições. É o saber-poder atuando sobre os corpos e sobre a sociedade, é o surgir da norma que se aplica tanto ao corpo - que precisa ser disciplinado -, assim como à sociedade. Este saber, através da medicina, também intervém na vida das pessoas com a chamada ‘biopolítica’, buscando formas de administrar e prolongar a vida como, por exemplo, a intervenção na sociedade pela higiene pública (FOUCAULT, 2000).

Como argumenta Silva (2000, p.83), “a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença”.

Nesta lógica, nas escolas, os corpos são agora adestrados, sentados em cadeiras fixas e individuais. O que antes era preciso para uma postura ereta - o espartilho era utilizado pelas mulheres (primeiro de ferro, depois couro e em seguida de pano), demonstrando a necessidade de manter o corpo ereto, pois se curvar era uma atitude servil, até mesmo os esportes que curvavam o corpo, como simplesmente o salto do atleta na água para uma competição de natação, eram vistos com reservas – agora se faz através dos exercícios fortalecedores da ginástica. Somente com a criação do avião e assim das tecnologias aerodinâmicas - sempre associadas à velocidade, condição primeira dos novos tempos – o desenho da curva passa a ser apreciado e valorizado (SANT’ANNA, 1995).

Assim, a Educação Física, a partir do século XIX, interioriza o ‘estar reto’, deixando os músculos fortes através de exercícios eugenistas, contribuindo para a construção de uma ‘nova raça’ e voltando os olhares agora enfim à aparência física, à modelagem do corpo (SANT’ANNA, 2001; SOARES E FRAGA, 2003).

Para Soares e Fraga (2003, p.79), esta inegável obsessão pelo corpo ‘perfeito’ passou a existir desde os princípios adquiridos no processo de industrialização que salienta a agilidade, a rigidez, a produtividade, e enfim, a potência.

Hoje, em um mundo invadido por telas - salientando cada vez mais os truques do sentido da visão -, supervalorizando a aparência como também a importância do olhar do próximo, aquele que o avalia incessantemente,

É difícil negar que, neste momento e nesta cultura, ainda nos enquadrados – a nós e aos outros – em um tipo de identidade a partir de significados atribuídos à nossa aparência corporal. De acordo com as mais diversas imposições da sociedade contemporânea, construímos nossos corpos com o intuito de equipá-los para atualizar, acelerar e dinamizar suas performances. O prolongamento da juventude, o revigoramento físico e a perspectiva de uma vida saudável, vigorosa e bela, por exemplo, são objetivos incansavelmente procurados, mesmo que isso importe em perigosas técnicas de remodelagem física (NOVAES, 2006, p.44).

Subjetivar este corpo contemporâneo é colocar como referência o considerado ‘normal’, ou seja, o branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão (SILVA, 1999 apud NOVAES, 2006, p.42). Quanto maior for o desvio-padrão, mais estranho o é para a sociedade, mais anormal ou diferente é medido qualquer indivíduo.

Não bastava somente um corpo disciplinado, ele também teria que ser um corpo produtivo na maior parte de sua existência. Para que isso se tornasse possível, o conhecimento sobre o corpo deveria ser capaz de prever, evitar ou modificar situações que viessem a interferir em sua saúde e em sua performance (PAIVA, 2004, p.33).

Já falar deste corpo, mas acrescentar a ele o fato de ser ‘deficiente’, é o mesmo que fazer uma caminhada aos tempos remotos, pois ele existe desde que há humanidade e assim, como em diferentes épocas e culturas, tratado de diferentes e distintas formas. Por fazer constantemente a humanidade lembrar de seu lado imperfeito e mortal, incluindo o fato de acompanhar o ritmo produtivo do sistema industrial-capitalista vigente, o corpo deficiente tem uma história propositalmente esquecida, à margem da sociedade.

Há nesta sociedade, moderna e ocidental, dois grandes processos de normalização dos indivíduos, o de exclusão - como foi com os leprosos expulsos da comunidade - e o de inclusão, fim do século XVIII, como foi o caso dos pestíferos, atribuindo lugares controlados para eles. Este último se chama 'invenção das tecnologias positivas de poder', pois em vez de excluir, cria-se um campo de estudo, de conhecimento e de saber para a sociedade. No século XIX, os 'diferentes', os que possuíam alguma anomalia, os chamados 'monstros humanos', violavam as leis da natureza, estando no limite da lei, sendo modelos de discrepâncias e passando sob um domínio jurídico-moral. Assim fica claro que o anormal foi produzido pela sociedade, preocupada em controlar os desvios naturais e comportamentais através das técnicas de inclusão do período. Dentre as técnicas de 'normalização' está a disciplina, um importante mecanismo para o biopoder, pois coloca-se sobre o corpo individual e reflete-se automaticamente sobre a sociedade (FOUCAULT, 2002, apud PAIVA, 2004).

Com os lugares apropriados, o 'anormal' agora é categorizado, é conhecido, tem seu espaço próprio dentro da comunidade. Portanto, não importa ser 'normal' ou 'anormal', todos seguem a mesma 'norma' que rege, que categoriza e classifica, todos têm finalmente seu lugar na sociedade.

Todos nós, portanto, desde a Modernidade, somos produzidos incessantemente por técnicas e estratégias de normalização como forma de compensar déficits provocados pela velhice, pela doença, pela loucura, entre outros, procurando corrigir seus desvios e negar a diversidade da vida, procurando sempre tornar o diferente o mais próximo da norma, o imprevisível cada vez mais previsível (PAIVA, 2004, p.44).

Quando se fala de corpo, e não importa se 'normal' ou 'deficiente', pode-se dizer que ele adquire dimensões distintas para o ser humano: ele é familiar, porque nascemos com ele; ao mesmo tempo, ele é estranho, pois sentimos dores e prazeres ímpares e inesperados; e por fim, ele é temporal, pois nunca está pronto, processo histórico que é, sempre instável e em constante formação (SANT'ANNA, 2001).

Os preconceitos ligados à pessoa deficiente vêm representados por símbolos inseridos por nossa cultura ocidental conforme as relações de poder vigente. Esta representação é submissa à hegemonia e é no campo cultural que se estabelece a resistência ou a incorporação destes valores. A partir do momento em que há relação de poder, existe também a possibilidade de resistência, tornando possível um processo de resignificação cultural (FOUCAULT, 1999).

Este contexto possibilita desconfiar da ‘cultura deficiente’ a qual esta pessoa está inserida e assim, pesquisando o corpo deficiente abrem-se novas significações, novas formas de repensar este corpo, que seja articulada com o esporte e a tecnologia. E mesmo assim, o próprio ato de pesquisar em cima deste objeto – corpo deficiente – faz-se perceber enquanto viabilizar a problematização de seus significados atribuídos hegemônica-culturalmente.

3 O ESPORTE ADAPTADO

Ilustração 1: Atletas protéticos cruzando a linha de chegada em corrida



Fonte: www.usinfo.state.gov.

Apresento este capítulo em duas partes. Na primeira – da origem – realizo uma breve contextualização tanto da história do esporte convencional, como também da origem e inserção no Brasil, do esporte adaptado, buscando expor e refletir sobre suas diferentes significações.

Na segunda parte do capítulo – das paraolimpíadas – exponho acerca do prestígio alcançado pelo esporte adaptado na mídia em consequência deste evento, visto hoje como a maior exposição das tecnologias protéticas potencializadas destinadas ao esporte.

Confiro ao esporte adaptado o *status* de coadjuvante desta pesquisa, e saliento a importância e dependência das tecnologias protéticas avançadas como fator de autonomia e de viabilidade de suas várias modalidades.

As ilustrações por mim incluídas neste capítulo, muito mais do que apenas mostrar o deficiente praticando diversas modalidades esportivas, têm o intuito de visibilizar as pessoas

que se utilizam de próteses de alta tecnologia e performance; inseridas no contexto de competições mundiais como as Paraolimpíadas. De extrema importância para a inserção social do deficiente, é justamente através da imagem que se instaura sua marginalização.

3.1 DA ORIGEM

Neste trabalho, a análise do esporte adaptado está apoiada em uma perspectiva de Educação Física, visualizada aqui como um fato histórico-social, possuindo, portanto, os conteúdos da cultura corporal: o esporte, a dança, a luta, a ginástica e o jogo (SOARES, 1995). Dentre estes conteúdos, o esporte é o mais conhecido e discutido pela sociedade, sendo reconhecido como o maior fenômeno cultural de aglomeração de massas da história.

Sob uma análise sociológica e considerando a afirmação ‘Não é o esporte que faz o homem, mas o homem que faz o esporte’ (SOARES 1995, p. 56), autores como Silva e Rubio (2003), entre outros, pensam o esporte também como um aparato reprodutor do sistema capitalista e suas relações de poder, uma vez que valoriza a vitória, a produtividade, o rendimento e a competitividade. Esta visão não é diferente quando se trata do esporte adaptado.

O esporte contemporâneo e institucionalizado surgiu na Inglaterra do século XIX por Thomas Arnold. No entanto, historicamente, o esporte tem suas raízes na Antiguidade, passando pela Idade Média e Renascimento. Não há registros precisos, mas as antigas civilizações maias, incas, astecas, hindus e egípcias nos deixaram vestígios da existência de jogos com caráter esportivo durante seus respectivos períodos.

A Grécia teve um importante papel no desenrolar do esporte, tendo seus momentos culminantes nas celebrações dos Jogos Olímpicos, assim denominados por serem realizados em Olímpia, antiga cidade grega. Paralisado durante um certo período, este evento voltou restaurado por Pierre Coubertain, em 1896, com a finalidade de promover o ideário olímpico de paz entre os povos. Hoje, os Jogos Olímpicos acontecem de 4 em 4 anos e representam a celebração máxima do esporte mundial (TUBINO, 1987).

O ideário olímpico, contudo, não se fez presente em todas as edições dos Jogos. Após a Segunda Guerra Mundial, com a mudança do cenário sociopolítico e econômico, o esporte passa a ser utilizado como forma de domínio político-pedagógico, em uma eminente

hegemonia capitalista, aonde, a qualquer custo, a vitória prevalece sobre a cooperação (PENAFORT, 2001).

Esta concepção de esporte voltada somente para a questão da alta competitividade predominou até o ano de 1964. A partir de meados dos anos 60, o esporte foi, aos poucos, assumindo diferentes perspectivas. Iniciam-se trabalhos esportivos na expectativa de melhoria da qualidade de vida, assim como forma de aproveitamento do tempo livre, e surge também a preocupação de se desenvolver o esporte escolar (TUBINO, 1987). Neste sentido, documentos foram elaborados por órgãos internacionais para fortalecer estas novas perspectivas, como o Manifesto Mundial do Esporte – CIEPS (1964); a Carta Européia de Esporte para Todos – Conselhos da Europa (1966); o Manifesto Educação Física – FIEP (1970); e a Carta Internacional de Educação Física e Esporte – UNESCO (1978).

O esporte torna-se, assim, um fenômeno social universal, podendo estar presente como instrumento de manifestação cultural, ideológica, política, econômica, científica e social (TUBINO, 1987).

Segundo Fanali (1981, p.29), o esporte contemporâneo se define como:

Atividades específicas de emulação na qual se valorizam intensamente as formas de praticar os exercícios físicos para que o indivíduo ou um grupo chegue ao aperfeiçoamento das possibilidades morfofisiológicas e psíquicas, concretizando em recorde ou uma superação de si mesmo ou do concorrente. Podemos entender como sendo a prática sistematizada de uma atividade esportiva.

Esta superação de si mesmo ou do concorrente, presente na definição de esporte contemporâneo, remete aos valores da industrialização, na medida em que a produtividade é o ícone do sistema atual. Para o deficiente, especificamente, tal condição representa não um duplo, mas um triplo obstáculo, visto que este, além superar a si mesmo, através de treinos sistemáticos e, ainda, o seu concorrente, para vencê-lo e se fazer potente e produtivo, precisa também enfrentar os preconceitos ‘normalizadores’ da sociedade – que o toma como incapaz ou improdutivo (NOVAES, 2006).

Paralelo a este esporte convencional, desenvolve-se, então, o que vem a ser denominado esporte adaptado. Para COSTA (2004), o programa de educação física geral - voltado para o corpo perfeito e saudável em decorrência do fortalecimento do trabalhador no início do século XX - não conseguiu abranger o deficiente, e, para suprir esta lacuna, criou-se a educação física adaptada, inicialmente com caráter médico no final da década de 1950. Prioriza-se, porém, a compreensão de tendências e articulações da produção científica com os

seus documentos nacionais e internacionais, destacando, como uma das possibilidades da Educação Física, a percepção das variações e interfaces do esporte adaptado, enquanto também um conteúdo da cultura corporal.

Adoto a definição de esporte adaptado segundo Winnick (1990, p.57) como sendo:

[...] experiências esportivas modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos. O âmbito do esporte adaptado inclui a integração de pessoas portadoras de deficiências com pessoas 'normais', e lugares nos quais que se incluem apenas pessoas com condições de deficiência.

Tal perspectiva entende como fundamental a inclusão sócio-cultural de pessoas deficientes com as que não possuem deficiências e, também, com aquelas portadoras de algum tipo de necessidade especial, ou melhor, colocando simplesmente pessoas com pessoas. Apesar de o esporte adaptado ter enfoque inicial oriundo da área médica, com finalidade de reabilitação, prevenção e correção das deficiências, também foi tomado como veículo de integração e reabilitação social, evidenciando-se, assim, a defesa das interações sociais como necessárias para o alcance da autonomia/cidadania.

Embora, na literatura, seja difícil localizar com precisão a origem do esporte adaptado, há antigos registros que mostram a realização de atividades esportivas com caráter de reabilitação para deficientes já na Grécia Antiga e também na China, há cerca de 5000 anos (SOUZA, 1994).

Mesmo que tal esporte já tivesse sido experimentado em casos isolados na Alemanha, após a primeira guerra, efetivamente, e em maior escala, o esporte adaptado teve seu início a partir de estudos voltados para a reabilitação dos soldados na Segunda Guerra Mundial, na década de 40. Neste período peculiar da história da humanidade, o esporte adaptado teve sua importância reconhecida na superação das complicações decorridas das deficiências adquiridas pelos soldados durante as batalhas, como escaras de decúbito, amputações, infecções urinárias, respiratórias e generalizadas, visto que a medicina da época era ineficaz neste restabelecimento.

Foi o neurologista Sir Ludwig Guttmann, em 1945, que iniciou o primeiro programa de esporte em cadeira de rodas, no Hospital de Reabilitação de Stoke Mandeville, em Aylesbury, Inglaterra. Em 1948, este médico alemão realizou, paralelo aos XIV Jogos Olímpicos, os I Jogos Desportivos de Stoke Mandeville, voltados para atletas deficientes físicos, dos quais participaram 14 homens e 2 mulheres das Forças Armadas Britânicas, competindo em uma única modalidade, o arco e flecha. Em 1952, aconteceram os II Jogos

Desportivos de Stoke Mandeville, agora com 130 atletas, entre ingleses e holandeses. Já em 1960, é realizada a primeira Paraolimpíada em Roma, Itália, participando 23 países e 400 atletas. A palavra 'Para' possui duplo significado, conotando Paraplégico ou Paralelo aos Jogos Olímpicos (ARAÚJO, 1997).

No Brasil, por volta de 1958, os brasileiros Robson Sampaio de Almeida, paraplégico e Sérgio Serafim Del Grande, tetraplégico, retornaram dos tratamentos realizados em hospitais dos EUA e, aproveitando suas experiências, criaram clubes, em São Paulo e no Rio de Janeiro, com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos desportivos lá desenvolvidos, demonstrando a necessidade de desenvolvimento de uma prática esportiva destinada ao deficiente brasileiro.

Porém, de acordo com Araújo (1997) a consolidação enquanto instituição com maior visibilidade do esporte adaptado em âmbito nacional, ocorreu somente em 1975, com a criação da (ANDE) - Associação Nacional Desporto para Excepcional -, que atendia pessoas com qualquer tipo de deficiência. O aumento da participação de deficientes em práticas esportivas resulta na criação de outras entidades para atender as diferentes demandas/modalidades, evidenciando o esporte adaptado a se consolidar a partir dos parâmetros organizacionais fornecidos pelo esporte convencional de alto rendimento.

Como conteúdo da Educação Física, o esporte adaptado torna-se, então, um significativo ponto de reflexão para o comprometimento do direito à prática destas atividades por deficientes.

Ilustração 2: Atletas cadeirantes em competição de tênis



Fonte: www.rankbrasil.com.br.

No Brasil, a defesa do direito pelo esporte adaptado alcança maior visibilidade a partir do final da década de 70, quando surgem alguns documentos internacionais lançando as diretrizes a serem adotadas para ampliar as oportunidades de inclusão social das pessoas deficientes (OLIVEIRA, L. A., 2003).

Respondendo às pressões de movimentos organizados que lutam pela melhoria da qualidade de vida das minorias, a ONU declarou o ano de 1981 como o “Ano Internacional da Pessoa Deficiente” e destacou orientações a serem seguidas pelos países signatários para garantir a seriedade que deveria ser tratada a questão. A partir daí houve um aumento do interesse pela temática do deficiente dentro da Educação Física.

Ilustração 3: Atleta amputada em competição de hipismo



Fonte: www.interesportes.com.br

A Constituição Federal de 1988 também traz ações legais que traduzem a tentativa da sociedade de minimizar as dificuldades do deficiente. O texto do Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto: Seção III, artigo 217 afirma que é “dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um” (ARAÚJO, 1998).

Em se tratando de inclusão sócio-cultural, a Educação Física se apresenta como área acadêmica importante no que diz respeito às possibilidades de aprendizagens e participação

do deficiente em práticas de nossa cultura, sempre na busca de uma base epistemológica capaz de atender uma sociedade heterogênea como a nossa.

Neste período, no Brasil, a produção científica e teórica do campo da Educação Física se manifesta através de estudos, projetos, cursos e congressos sobre a Educação Especial e as características das deficiências em suas variadas formas. Este avanço nas discussões, realizadas pela Educação Física e pelos amantes do esporte pode ser identificado através da estruturação de cursos de pós-graduação *lato sensu e strictu sensu* na área Educação Física Adaptada ou Atividade Motora Adaptada, que inserem disciplinas temáticas específicas sobre o assunto nos currículos de diversos cursos de graduação. Surgem também, conseqüentemente, a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA), o Grupo de Trabalho Temático (GTT) Educação Física / Esporte e Portadores de Necessidades Especiais do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), como também mais de “[...] 400 núcleos de atividades esportivas para pessoas portadoras de deficiência em nosso país” (SANATORE, 2002).

Isto inaugura uma grande demanda de intervenção dos profissionais de Educação Física em vários campos de atuação como escolas, clínicas de reabilitação e re-educação, ONGs (organizações não governamentais), APAEs (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais), esporte adaptado de alto rendimento, bem como em cursos de formação de professores, representando uma preocupação concreta com as temáticas que envolvem o deficiente e suas possibilidades de inclusão.

As lutas e conquistas empreendidas por grupos específicos para firmar o esporte adaptado espelham visões e pensamentos ainda estabelecidos e enraizados na sociedade acerca do deficiente enquanto incapacidade, incompetência, improdutividade e impossibilidade, como se estas pessoas fossem incapazes de se constituírem como sujeitos autônomos, cidadãos livres, inteligentes, criativos e produtivos. Tal visão deixa clara uma grande impossibilidade de troca real entre as pessoas ditas normais e aquelas com algum tipo de deficiência. A existência de políticas públicas que assegurem educação e programas de esporte e lazer para este grupo é neste sentido, de suma importância, ainda que não garantam a transformação de preconceitos e valores arraigados no imaginário social.

Não existem dados oficiais, porém estima-se que 10% dos deficientes do Brasil pratiquem algum esporte. Nos últimos cinco anos, o esporte adaptado brasileiro vem se destacando, mas muitos deficientes ainda não têm acesso a ele, por falta de informação, apoio e, principalmente, de condições específicas para a sua prática (OLIVEIRA, L.A., 2003).

Não se pode negar ou esquecer que, em um determinado momento da sua história, o Brasil sofreu mudanças profundas com o processo de urbanização e industrialização e a Educação Física desempenhou função significativa no que diz respeito à difusão dos preceitos higienistas e eugênicos, o fortalecimento corporal do trabalhador para o aumento da capacidade produtiva, entre outros. Desta maneira, valores como comparação, competição, rendimento, seleção dos mais aptos, são ainda largamente difundidos pela área bem como o caráter puramente de reabilitação que visa importâncias fisiológicas da prática de atividades motoras e esportivas para os deficientes, exercendo inegável influência sobre a sociedade e, conseqüentemente, sobre o sistema educacional como um todo.

Este cenário parece contrário aos nortes da Educação Física atual, voltada para o respeito e para os estudos sobre o desenvolvimento global do indivíduo, fazendo com que este venha a se expressar plenamente dentro de suas próprias capacidades, lembrando da equidade dos direitos e da igualdade universal entre os homens neste mundo de realidade diversa e plural.

Ilustração 4: Atleta cadeirante em competição de basquete



Fonte: www.cadenagramonte.cubaweb.cu.

3.2 DAS PARAOLIMPIADAS

Para apresentar o que vem a ser as Paraolimpíadas, elaborei um cronograma desenvolvido a partir de dados do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) e do International Paralympic Committee (IPC) do site www.efdeportes.com, o qual busca salientar a dimensão destes jogos:

Ilustração 5: Tabela dos Jogos Paraolímpicos

Data	Cidade	País	Participantes	Delegações	Inclusão da Deficiência	Inclusão das Modalidades Esportivas
1960	Roma	Itália	400	23	Lesado Medular	Arco e Flecha, Basquetebol em cadeira de rodas, Dardo, Esgrima, Snooker, Natação, Tênis de mesa e Atletismo
1964	Tóquio	Japão	390	22	Lesado Medular	Halterofilismo
1968	Tel Aviv	Israel	1100	29	Lesado Medular	Bocha (europeu)
1972	Heidelberg	Alemanha	1400	44	Lesado Medular	Não houve mudanças
1976	Toronto	Canadá	1600	42	Lesado Medular Deficientes Visuais Outros (Deficientes Físicos)	Goalball (cegos), Voleibol sentado e em pé, Tiro
1980	Amhem	Holanda	1900	42	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais	Luta livre para cegos. Sai o Dardo e o Snooker
1984	New York / Stoke Mandeville	Estados Unidos/ Inglaterra	2000	45	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais	Ciclismo, Futebol e Equitação
1988	Seul	Coréia do Sul	3000	61	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais Outros (Deficientes Físicos)	Judô e Tênis
1992	Barcelona	Espanha	3000	83	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais Outros (Deficientes Físicos)	Não houve mudanças
1996	Atlanta	Estados Unidos	3200	103	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais Outros (Deficientes Físicos) Deficientes Mentais	Primeira participação das pessoas portadoras de deficiência mental
2000	Sydney	Australia	3800	122	Lesado Medular Deficientes Visuais Amputados Paralíticos Cerebrais Outros (Deficientes Físicos) Deficientes Mentais	Iatismo e Rugby (tetraplégica)

Fonte: www.efdeportes.com.

Nas últimas Paraolimpíadas – Atenas/Grécia 2004 - competiram 4000 atletas de 143 delegações, disputando medalhas e recordes em 19 modalidades.

Analisando este quadro, percebe-se, a cada ano, uma crescente demanda de participantes: desde o primeiro evento em 1960 – Roma –, houve um acréscimo de mais de 10% em relação aos últimos jogos em Atenas. O mesmo acontece com a quantidade de delegações: a cada evento cresce o número de deficiências participantes e mais modalidades esportivas são incluídas.

Existem várias destas modalidades praticadas em todo o mundo e a cada momento surgem novas: as chamadas adaptadas, ou seja, aquelas que sofreram alterações no tempo, na distância, na altura da rede, etc, e não descaracterizaram o esporte convencional; e as que foram criadas especificamente para indivíduos com diferentes deficiências, como é o caso do goalball para deficientes visuais.

Dentre as diversas modalidades criadas, as designadas para os deficientes físicos são: atletismo, arco e flecha, basquetebol em cadeira de rodas, bocha, ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, halterofilismo, hipismo, iatismo, natação, rugby, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, voleibol sentado, futebol para amputados e paralisados cerebrais e modalidades de inverno.

Ilustração 6: Atleta amputada em competição de esqui



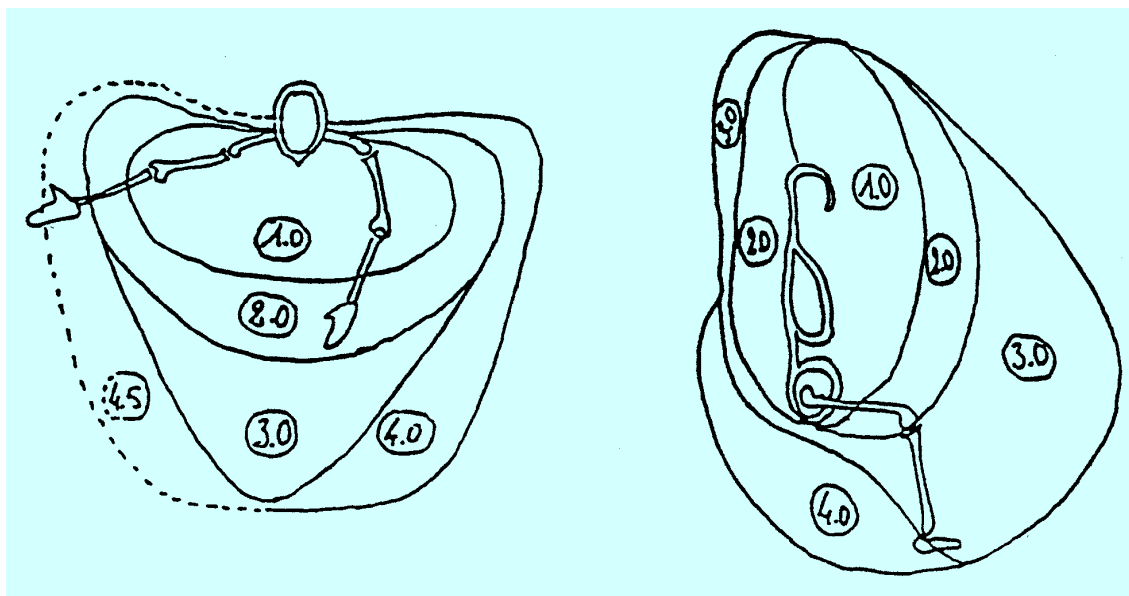
Fonte: www.usinfo.state.gov

Atualmente, são seis grandes instituições nacionais que se responsabilizam pelas modalidades do esporte adaptado: a ANDE (Associação Nacional de Desporto para Excepcionais) – que atende os paralisados cerebrais e os lesionados –, a ABDC (Associação Brasileira de Desporto para Cegos) – voltada para o atendimento de deficientes visuais –, a ABRADACAR (Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas), que administra as modalidades em cadeira de rodas, a ABDA (Associação Brasileira de Desportos para Amputados), responsável pelo tratamento de amputados, a ABDEM (Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais) – que administra os esportes para deficientes mentais – e a CBDS (Confederação Brasileira de Desportos para Surdos) que trata dos deficientes auditivos. Estas entidades – todas, com exceção da última, vinculadas ao Comitê Paraolímpico Brasileiro – têm como objetivo principal fomentar o desenvolvimento do paradesporto, organizando ou apoiando competições em níveis regionais, nacionais e internacionais, bem como compondo o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).

Os jogos paradesportivos ganham certa estabilidade somente a partir das Olimpíadas de Seul (1988), quando foi determinado que as Paraolimpíadas (criadas a partir de 1960, em Roma) seriam, a partir daí, realizadas no mesmo local das Olimpíadas.

Sem dúvida, o grande avanço que o esporte adaptado teve em relação ao esporte convencional foi sua proximidade com trabalhos acadêmicos (MATURANA, 2005). Desde 1992, quando o Comitê Paraolímpico Brasileiro procurou a Unicamp para obter um suporte especializado, foram montadas pequenas comissões de especialistas, não só desta universidade, mas também de outras, para discutir bases de treinamento, políticas públicas para o esporte adaptado, metodologia de ensino e aprendizagem para o deficiente, contribuindo para que o esporte tivesse maior visibilidade. Hoje, todos os técnicos nacionais do Comitê Paraolímpico são professores de educação física, especialistas que foram preparados ou se capacitaram ao longo dos anos para o esporte adaptado de rendimento.

Ilustração 7: Croqui de classificação funcional para o basquete sobre rodas



Fonte: www.basquetesobrerodas.com.br

A figura mostra como – de acordo com Bernardo Coubariaux (1996), em seu sistema de classificação funcional criado a partir de categorias de movimentos em que cada deficiente se enquadra – se estuda a amplitude do movimento de um atleta cadeirante, especificamente no basquetebol. Estas categorias classificatórias são impostas pelos órgãos internacionais do esporte adaptado – como o Comitê Paraolímpico Internacional –, visto que se direcionam de acordo com o grau de comprometimento motor do atleta para uma possível competição (SOUZA, 1994; ARAÚJO, 1998; ABRADACAR, 2004). Outra classificação funcional utilizada é a de Strohkendel, que classifica um atleta ‘bom’ para competir em tal modalidade, mas não em outra, visando sempre as possibilidades que o atleta possui e não seus aspectos limitadores. Este investimento resultou na melhor performance das seleções nacionais que, aos poucos, foram alavancando o encontro do esporte adaptado com a mídia.

Ilustração 8: Atletas cadeirantes em linha de chegada

Fonte: www.centromarianweiss.com.br

O Brasil inaugurou sua participação em jogos internacionais no ano de 1971, nos Jogos Pan-Americanos da Jamaica. Já em 1972 aconteceu sua primeira participação nos Jogos Paraolímpicos, realizados na Alemanha.

Em relação à conquista de medalhas, o Brasil obteve em Seul (1988) 27 medalhas sendo 4 de ouro, 10 de prata e 13 de bronze. Em relação às medalhas de ouro, com um número de apenas 21 atletas o melhor resultado havia sido em Nova Iorque (1984), conquistando 21 medalhas sendo 6 de ouro, 12 de prata e 3 de bronze, batendo 2 records paraolímpicos e 3 mundiais. Mas em 2004, nas Paraolimpíadas de Atenas, obteve a maior delegação brasileira com 98 atletas de 13 modalidades, como também os melhores resultados com a conquista de 33 medalhas: 14 de ouro, 12 de prata e 7 de bronze. Estes 14 ouros do Brasil representam um aumento de 133% em relação aos conquistados em 2000.

O esporte adaptado é, atualmente, praticado e divulgado em todo o mundo, principalmente nos Europa e Estados Unidos. As Paraolimpíadas e o esporte adaptado são, nestes países, bastante acompanhados pela mídia e pela sociedade, com uma cobertura televisiva na mesma proporção que acontece com os esportes convencionais.

Ilustração 9: Atletas cadeirantes em competição de esgrima

Fonte: www.akemypa.hpg.ig.com.br

Hoje o esporte adaptado tem sua execução baseada diretamente na tecnologia que apresenta equipamentos esportivos avançadíssimos como cadeiras de corrida, próteses que agüentam impactos violentos e outros artefatos, além dos comuns e inovadores medicamentos e hormônios, suprindo assim o ‘espetáculo’ do esporte no mundo. Pois não se pode esquecer que ele também faz parte da organização da sociedade industrial, visando rendimento, competitividade e produtividade, utilizando -se de equipamentos técnicos para potencializar sua performance.

Por outro lado, o mundo esportivo, como profundo dependente de avanços tecnológicos para seu melhor rendimento, tem no esporte adaptado e nas Paraolimpíadas, uma profunda demonstração ou mais ainda, propaganda, da tecnologia de ponta para tal fim, pois ele

[...] corresponde a uma relação dinâmica do indivíduo-meio, facilitada pelos aparatos dos recursos tecnológicos e direcionada ao praticante de cada modalidade. Visa, de acordo com as potencialidades de cada indivíduo, possibilitar o alto rendimento seguro e desejado. (ARAÚJO,1997,p.6).

Assim, é a modalidade esportiva (vale lembrar dos Esportes Radicais) que possui a maior dependência dos avanços tecnológicos para demonstrar a sua possível realização.

Como se pode notar, este esporte em discussão se encontra inserido em uma perspectiva ampla, havendo, efetivamente, um potencial papel de integração crítico e

desmistificador, no sentido de colaborar para futuras ações em torno dos conceitos e subjetivações a respeito do deficiente.

Ilustração 10: Atletas cadeirantes em competição de arco e flecha



Fonte: www.adefil.org.br

Ilustração 11: Atletas em competição de corrida



Fonte: www.link.estadao.com.br

4 A TECNOLOGIA DO DEFICIENTE FÍSICO

Ilustração 12: Escalador Aron Ralston



Fonte: Revista GoOutside

Neste trabalho, adoto a concepção de tecnologia como “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade” (KENSKI,2003, p.18), sendo, assim, intrínseco a todas culturas. A técnica, portanto, nasceu com o homem, que, com ela, muda constantemente sua forma de pensamento.

Diferentes épocas da história da humanidade são historicamente reconhecidas, pelo avanço tecnológico correspondente. As idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas novas tecnologias para o aproveitamento desses recursos da natureza de forma a garantir melhor qualidade de vida. (KENSKI,2003,p.20)

Esta tecnologia, portanto, que tanto nos maravilha e surpreende, hoje, no mundo pós-moderno – por conta, inclusive, da comunicação instantânea com todos os cantos da terra –, mas que existe desde que o ser humano passou a utilizar ferramentas para ajudá-lo no seu cotidiano, na busca de dominação da natureza, nasce sempre de uma necessidade humana de obter um melhor resultado para a realização de uma dada tarefa. É neste sentido então que também se pode justificar o surgimento e a utilização das próteses pelos deficientes no decorrer de sua história.

Uma pessoa se torna deficiente física proveniente de várias situações imprevisíveis do cotidiano, como: traumatismo causado por doença como tumores, acidente de trânsito ou de armas de diferentes naturezas, más formações congênitas entre outras. Assim, parte de seu corpo pode ser gravemente danificado, mutilado ou arrancado, reduzindo significativamente sua qualidade de vida. Além da existência dos preconceitos já explanados anteriormente no capítulo ‘Ser Deficiente’, devido ao fato dessa pessoa ‘não ser mais capaz’ de exercer algumas tarefas, pode acontecer uma auto-exclusão mesmo inconscientemente. O deficiente físico comumente se sente excluído e rejeitado, acarretando em sérios problemas psicológicos, de auto-estima e mesmo depressão. Através da reabilitação com próteses de substituição ou correção, esta pessoa pode obter soluções para vários destes problemas.

Em decorrência da melhoria dos recursos terapêuticos existentes, observa-se um notável aumento na sobrevida do deficiente. Assim, preocupações com a reabilitação protética deste corpo transformado se tornam ainda mais urgentes e necessárias no meio científico.

Para explorar melhor este assunto, subdivido este capítulo em duas partes: na primeira, trago uma apresentação do mundo tecnológico destinado ao deficiente físico – através das chamadas próteses, desde as utilizadas no dia-a-dia, até as potencializadas de alta performance, criadas especificamente para a prática esportiva –, assim como casos de atletas deficientes físicos cujos desempenhos são reconhecidos mundialmente. Na segunda parte, aponto o que vem a ser o corpo protético na visão de diferentes autores contemporâneos, contribuindo, desta forma, para repensar o deficiente perante a sociedade.

Através das ilustrações utilizadas neste capítulo, procuro visibilizar as descobertas e reflexões desenvolvidas no meio científico acerca das próteses utilizadas pelo deficiente durante a prática esportiva.

4.1 DAS PRÓTESES

O termo prótese é de origem grega *prósthesis*, e na linguagem médica é utilizado para designar substitutos artificiais para partes do corpo humano que tenham sido perdidas acidentalmente, retiradas intencionalmente, ou que estejam comprometidas em sua forma ou função (REZENDE, 1996).

Já as chamadas órteses – cadeiras de rodas, muletas, andadores, etc. – são tecnologias destinadas a auxiliar no dia-a-dia das pessoas que possuem algum tipo de deficiência, e não têm a função de substituir membros ou órgãos. No entanto, na última versão do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), acrescenta-se que prótese seria qualquer aparelho que auxilie ou aumente uma função natural, incluindo aí aparatos ortéticos como a muleta, os óculos, as cadeiras de roda.

Para facilitar minha explanação, optei por utilizar, neste trabalho, somente o termo ‘prótese’/ ‘protético’, num sentido que designa tanto as órteses como as próteses. Esta opção, a meu ver, tanto salienta o importante aspecto visível das extensões dos atletas deficientes, como também engloba todo o sentido de a tecnologia estar acoplada em um processo íntimo com o ser humano de corrigir deficiências físicas ou mesmo substituir membros.

Busquei então identificar quais são estas próteses enquanto ferramentas tecnológicas que se desenvolvem nos laboratórios científicos. Pesquisei via internet e em revistas científicas especializadas a fim de detectar os materiais de última geração utilizados pelas próteses de performance esportiva e do cotidiano.

É importante destacar que as tecnologias protéticas são tecnologias ainda não massificadas, mesmo com iniciativas do governo, como o projeto ‘Tecnologia Assistiva’, que necessita urgentemente ser fortalecido no país.

A ‘Tecnologia Assitiva’ é o ramo da ciência voltado para a pesquisa, desenvolvimento e aplicação de instrumentos que aumentam ou restauram a função humana. É toda aquela tecnologia desenvolvida para permitir o aumento da independência de idosos, de pessoas com deficiência ou de pessoas com mobilidade reduzida em suas atividades domésticas ou ocupacionais de vida diária. Para este projeto, a obtenção de autonomia é com certeza um dos

caminhos para a perfeita integração social destes grupos sociais e deve, portanto, constituir-se em premissa para as intervenções em matéria de reabilitação e de inclusão. Este projeto do Ministério da Ciência e Tecnologia visa, através de parcerias pelo alto custo devido à matéria-prima avançada, o desenvolvimento de tecnologias para a inclusão de deficientes (www.assistiva.org.br, acessado em 01/2007).

No meio científico as próteses não são determinadas da mesma forma. Dependendo do uso da tecnologia, elas podem ser classificadas em próteses físicas e mentais (SANTAROSA, 1991).

As próteses físicas são os conjuntos de dispositivos e procedimentos que têm por objetivo o desempenho de funções que o corpo não pode ou tem dificuldades de executar devido a uma deficiência, e são estas as tratadas neste trabalho. Por outro lado, as próteses mentais, como uma metáfora, são intervenções da tecnologia que objetivam o desenvolvimento cognitivo, sócio-afetivo e de comunicação. Santarosa (1991, p.118) complementa: “Utiliza-se a expressão como metáfora da intervenção da tecnologia funcionando como a implantação de um chip, que mobiliza estruturas cognitivas”. Essa interação com a tecnologia é entendida como prótese mental, o que amplia o conceito de prótese e da própria relação homem-máquina, oferecendo interação e mobilizando processos de desenvolvimento cognitivo.

Um outro aspecto das próteses a ser levado em consideração e que serve como critério de classificação é o fato de ela ser individual, ou seja, especialmente desenhada para cada pessoa. Classificadas a partir deste aspecto, encontramos, atualmente, dois tipos de próteses: as personalizadas e as estereotipadas.

O que as difere são os procedimentos utilizados para sua construção. A prótese personalizada é moldada durante a cirurgia pelos médicos; já a prótese estereotipada é feita por computador: a partir da radiografia da parte óssea não debilitada faz-se uma cópia desta, porém invertida. O computador cria um molde com material que pode ser o silicone, por exemplo, o qual é preenchido com a prótese que é apenas encaixada durante a cirurgia (revista eletrônica de ciências www.cdcc.usp.br, acessada em 05/06).

Takata (2005) (revista eletrônica www.comciencia.br- acessado em 10/06) explica que a evolução das próteses de articulação vem em um crescente desenvolvimento desde as décadas de 50 e 60, quando o cirurgião inglês John Charnley escreveu um livro clássico na abordagem não-cirúrgica das fraturas. Desde então, tais próteses se desenvolveram principalmente em virtude de pesquisas com novos materiais de menores desgastes, mais

leves e oferecendo maior biocompatibilidade, ou seja, provocando menor rejeição do organismo e menos efeitos colaterais.

Muitas próteses ainda são confeccionadas com resina acrílica, material que apresenta limitações considerando a obtenção de uma estética perfeita. Uma das maiores desvantagens que restringe a indicação destas próteses é a dificuldade, muitas vezes existente, para a retenção e estabilização da peça, que impõe a necessidade de utilização de acessórios para sua fixação, como é o caso do uso de óculos para reter próteses nasais, oculares ou de orelha.

Com relação às próteses externas, como as de mãos, braços ou pernas, que antes tinham função apenas estética, mas hoje elas já permitem movimentos proporcionados por impulsos elétricos provenientes dos músculos da parte do corpo que se liga à prótese, sendo a maior parte delas, ainda importadas. Takata (revista eletrônica www.comciencia.br- acessado em 10/06) acredita que o alto desenvolvimento das próteses em países do primeiro mundo pode estar relacionado também à ocorrência das grandes guerras mundiais, e faz uma ressalva: “nós aqui no Brasil temos mais casos de atropelamento e acidentes automobilísticos, mas também há relatos de casos de pacientes que chegam ao hospital em condições que lembram as de uma guerra civil, por exemplo, de confrontos no Rio de Janeiro”.

Por outro lado, existem próteses de materiais mais adequados para cada caso e é claro que cada uma apresenta vantagens em relação à outra. Tais vantagens são avaliadas a partir: do tipo de material, de sua durabilidade, do custo e, principalmente, de sua capacidade de ser aceita ou rejeitada pelo organismo.

Entre as deficiências físicas, existem as deformidades faciais, onde o uso do titânio passou a ser possível com a construção de próteses de maxilares, próteses nasais e auriculares mais delicadas, apresentando resultados estéticos e funcionais satisfatórios. Obtendo uma grande durabilidade, de aproximadamente vinte anos, o titânio para próteses faciais possui alguns inconvenientes como o preço muito caro e peso muito alto. Para estes fins, as próteses feitas com silicone apresentam melhores resultados por serem leves e com possibilidade de afinamento nas bordas em olhos, bigode, orelhas, nariz e sobrancelha (revista eletrônica de ciências www.cdcc.usp.br, acessada em 04/06).

Estudos recentes mostram o desenvolvimento da prótese de mamona, feita a partir de um polímero orgânico extraído da própria planta e sendo a mais barata em relação aos outros materiais. A questão do custo da prótese é muito importante, pois para a maioria da população, uma cirurgia sempre é muito cara, impossibilitando o acesso e a massificação desta tecnologia.

A prótese de mamona é resistente o bastante para aplicações de substituição de membros e também de reconstituição facial, sem contar que esta apresenta um tempo de vida útil altíssimo por não ser rejeitada pelo organismo. Por ser feita de material orgânico, a prótese de mamona não é identificada pelo organismo como corpo estranho. Como se pode notar, a mesma mamona com que tantas crianças ainda brincam, agora está dando uma grande contribuição à humanidade. A patente desta prótese é 100% brasileira, o que acaba barateando ainda mais a prótese e, conseqüentemente, o custo de uma cirurgia.

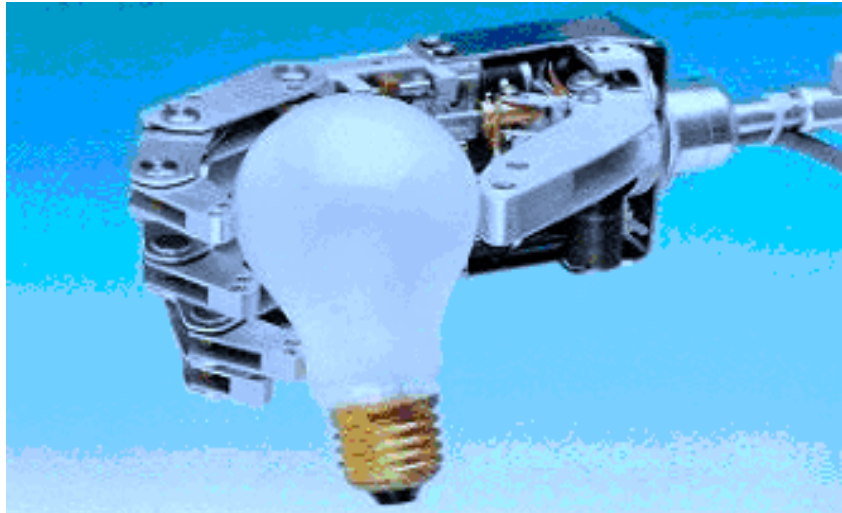
A partir deste material foram desenhadas próteses de várias partes da estrutura óssea, produzindo um cimento ósseo que substitui as pesadas e caras próteses convencionais feitas de platina e titânio. As pesquisas constataram que o polímero oferece vantagens como resistência, maleabilidade, leveza e estabilidade. Ademais, o tempo de duração da cirurgia foi reduzido: enquanto as cirurgias para próteses convencionais duram de 15 a 20 horas, a técnica com a prótese de mamona tem duração de 2 a 5 horas. A recuperação também é mais rápida, pois o paciente já é liberado após a cirurgia, uma vez que o polímero, em contato com o tecido do corpo, inibe as substâncias mediadoras da inflamação e da dor (revista eletrônica de ciências www.cdcc.usp.br, acessada em 06/06).

O Laboratório de Biocibernética e Engenharia de Reabilitação (Labciber), da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da USP, desenvolveu um protótipo de prótese de mão eletrônica conhecida como a ‘Mão de São Carlos’. Esta prótese – que continua ainda sendo constantemente aperfeiçoada sob orientação de engenheiros biomédicos – pode captar sinais elétricos dos músculos do usuário e interpretá-los para então se movimentar. Uma das grandes inovações do Labciber é que a prótese de mão pode ser programada para reconhecer estes sinais do usuário, ou seja, a prótese é um robô que pode ser programado e encaixado em um braço parcialmente amputado. Assim, enquanto nos casos de próteses convencionais, a pessoa freqüentemente precisava receber um treinamento para poder comandá-las, no caso da ‘Mão de São Carlos’, é como se o aparelho recebesse este treinamento para responder aos comandos do usuário. Isto não liberta o paciente de receber treinamento, mas, nestas condições, a adaptação é muito mais fácil. Além disso, as características externas da ‘Mão de São Carlos’ são bastante próximas às mãos humanas, possuindo inclusive sensores de temperatura e pressão que transmitem estas sensações táteis ao portador (revista eletrônica www.comciencia.br- acessado em 11/06).

Apesar das pesquisas nacionais, a oferta da indústria brasileira se concentra, basicamente, no polietileno como material para as próteses e também na cerâmica e no metal, materiais mais investigados atualmente para a superfície das próteses. Segundo Takata (2005)

(revista eletrônica www.comciencia.br- acessado em 10/06), estes materiais necessitam de uma alta tecnologia para serem desenvolvidos, a qual o país ainda não domina, concluindo que esta “pesquisa também depende da oferta de materiais das multinacionais, que muitas vezes oferecem cursos, treinamento e doam esses materiais”.

Ilustração 13: uma geração precedente da mão de Southampton



Fonte: www.comciencia.br

Na área de neurologia, Nicoletti divulgou, em 2005, um trabalho na revista *Scientific American* (vol. 292, no.5, maio de 2005) em que sinaliza que o homem, a exemplo do que foi demonstrado concretamente em macacos na sua pesquisa, também pode, em tese, controlar robôs e próteses por meio da atividade elétrica de seus neurônios.

Laboratórios nos Estados Unidos e na Europa já fabricam próteses de alta tecnologia semelhantes às da “Mão de São Carlos”. Um exemplo é o novo modelo de prótese de mão criado na Universidade Southampton da Inglaterra. O modelo recentemente divulgado utiliza seis motores e um sistema de engrenagens que permitem a movimentação independente dos dedos proporcionada por estímulos mioelétricos, ou seja, estímulos elétricos gerados quando o músculo do indivíduo se contrai (revista eletrônica www.comciencia.br- acessado em 11/06).

Já no projeto ArtesImitt (Artefact Structural Learning through Imitation), da Universidade de Munique da Alemanha - que visa desenvolver um robô com capacidade de aprender comportamentos através da imitação do ser humano -, o movimento da prótese é proporcionado pela ‘aprendizagem da máquina’. Trata-se de um braço robótico no qual todo o

sistema de controle deverá ter como base os sistemas nervosos biológicos. De acordo com a divulgação feita pela revista eletrônica *Inovação Biológica* (www.inovacaotecnologica.com.br acessado em 02/07) há um sistema visual-motor com uma câmera digital na prótese, que funciona a partir da observação do ambiente e do reconhecimento dos gestos do instrutor, a partir de um banco de dados predefinido, e, assim, tomando as decisões necessárias para imitar esses gestos. Este sistema identifica a seqüência apropriada de movimentos necessários para acionar os dedos, a mão e o braço robóticos.

Ilustração 14: Mão robótica ArteSImit



Fonte: www.inovacaotecnologica.com.br

O casamento entre computação, medicina, engenharia e desenvolvimento de materiais é responsável por pesquisas como essas, as quais fazem emergir uma idéia, presente entre muitos cientistas, de que as máquinas no futuro serão capazes não apenas de copiar movimentos e gestos humanos, mas também poderão - e aí entra a necessidade funcional específica do deficiente - aprimorá-los, promovendo uma nova relação entre homem e máquina.

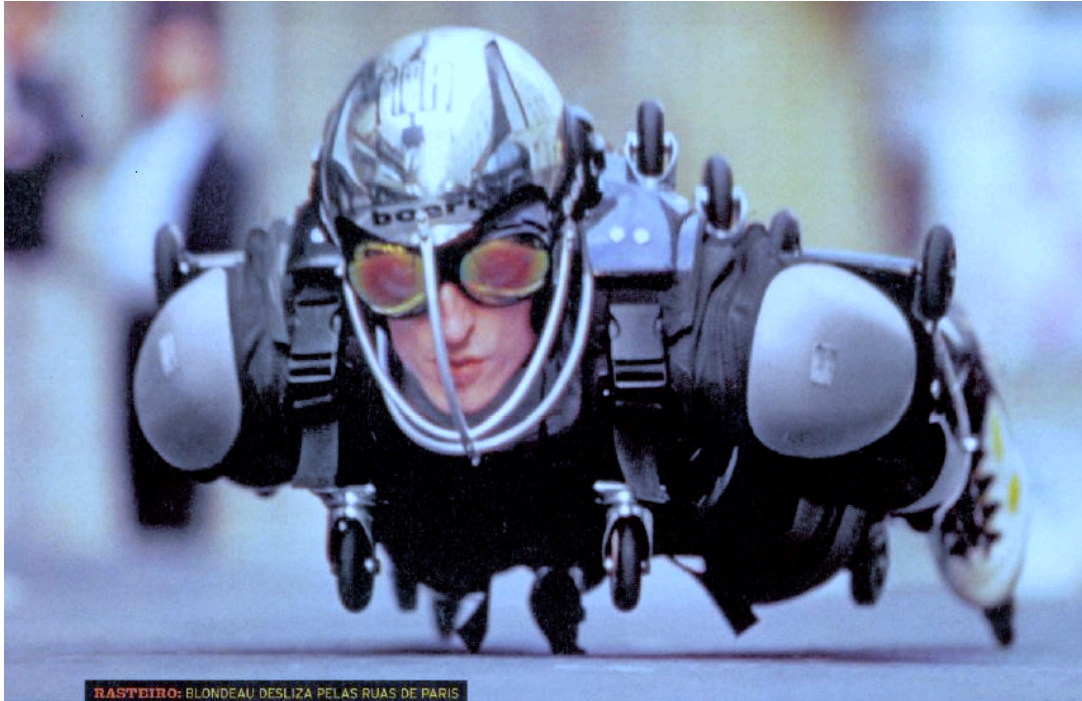
Albertoni (2005) afirma que a imagem de seres humanos robotizados já é uma realidade. Em uma descrição que dá a dimensão desta mistura homem-máquina na atualidade, ele relata:

Cheguei a observar no Japão, em uma grande fábrica, um indivíduo que tinha uma amputação de mão. Ele tinha uma prótese de mão ligada a um eletrodo comandado por sua musculatura. Quando ia fazer seu trabalho, ele tinha a mão normal de um lado e uma auxiliar, do outro, usada como pinça. Ele movimentava o ombro e os dedos respondiam segurando o objeto que ele queria. Com a outra mão ele tinha a precisão. Ele usava essa prótese especial, inteligente, robotizada, exclusivamente na prancha de trabalho. Quando saía da fábrica, guardava-a no armário e a trocava por outra (revista *Scientific American*, vol. 292, no.5, maio de 2005).

É interessante destacar que entidades de desenvolvimento da robótica realizam competições de futebol de robôs. A Robocup Federation, por exemplo, - uma sociedade científica internacional voltada ao desenvolvimento científico e tecnológico em robótica, que elegeu o futebol como tarefa a ser realizada de forma cada vez mais autônoma e ‘inteligente’ pelas máquinas que constrói -, colocou como meta, para o ano de 2050, através da promoção de competições, que uma seleção de robôs ‘humanóides’ seja capaz de vencer um campeonato desta modalidade esportiva contra a melhor seleção mundial de atletas de uma nação. Um feito desta dimensão já foi alcançado pelo sistema computacional Deep Blue, que ganhou partidas de xadrez contra o maior especialista da época, o jogador Andrei Kasparov, em 1997 (revista *Scientific American*, vol. 292, no.5, maio de 2005).

Existem ainda invenções de protótipos ainda longe de serem colocados no mercado, como é o caso da calça Hal. Esta calça, movida a baterias conectadas a alguns eletrodos que lêem impulsos nervosos, permite ao usuário levantar 180 quilos a mais do que sua capacidade. Criada pelo engenheiro Yoshiyuki Sankai da Universidade Tsukuba do Japão, surgiu a fim de ajudar pessoas deficientes e para fazer resgates na prática do montanhismo. Outro exemplo neste sentido é o do francês Jean-Yves Blondeau, que buscando novas formas de esportes radicais e de interação com o meio, teve a idéia de criar uma roupa que atingisse uma velocidade de 100km/h em várias posições com 31 rodas, e assim sai deslizando pelas ruas de Paris parecendo um super-herói (revista *GoOutside*, ed.15, agosto de 2006, p.38).

Ilustração 15: Jean-Yves em sua roupa deslizando pelas ruas de Paris



Fonte: Revista GoOutside

As empresas biomédicas, cerca de 70 em todo o mundo, destinadas ao desenvolvimento de próteses com materiais de altíssimo custo e eficazes, andam fazendo a junção dos tendões com chips inteligentes e permitindo, assim, uma nova forma de ser.

Como expoentes destas empresas, temos o grupo alemão Otto Bock HealthCare - líder mundial do ramo e que credenciou, em 2003, a fábrica da Associação Paranaense de Reabilitação (APR) para utilizar sua tecnologia em seus produtos - e as empresas americanas Flex-Foot, NovaCare, College Park Industries e Ossur.

Ilustração 16: Prótese de perna em competição de ciclismo



Fonte: www.a.critica.zip.net/images/paraolimpiadas.jpg

Quando se trata de próteses destinadas especificamente à prática esportiva, temos aquelas que são fabricadas com maior resistência e sem problemas de serem submetidas à água doce ou do mar.

Ilustração 17: Pauê praticando surf



Fonte: www.maha.com.br/skateneews

A empresa norte-americana Ossur se tornou conhecida no Brasil através de Pauê (Paulo Eduardo Chieffi Aagaard), um santista que teve as duas pernas amputadas ao ser atropelado por um trem, e que hoje se dedica à prática do triathlon. Por causa de sua performance nos Estados Unidos, a empresa está patrocinando o rapaz, que agora passará a fazer uso de duas pernas mecânicas, fabricadas e cedidas por esta empresa, do modelo Sprint Flex Run em forma de C. Feitas em carbono, elas impulsionam todo o corpo do usuário para frente durante a prática da corrida, permitindo a este um melhor desempenho em menos tempo. Depois de ‘conhecer’ as novas pernas, Pauê afirma que pretende ser o primeiro bi-amputado a ganhar um Ironman, prova que determina distâncias maiores que o Triathlon (www.unimonte.br., acessado em 05/06).

Ilustração 18: Pauê praticando ciclismo



Fonte: www.maha.com.br/skateneews

Ilustração 19: Pauê segurando uma prótese de sua perna

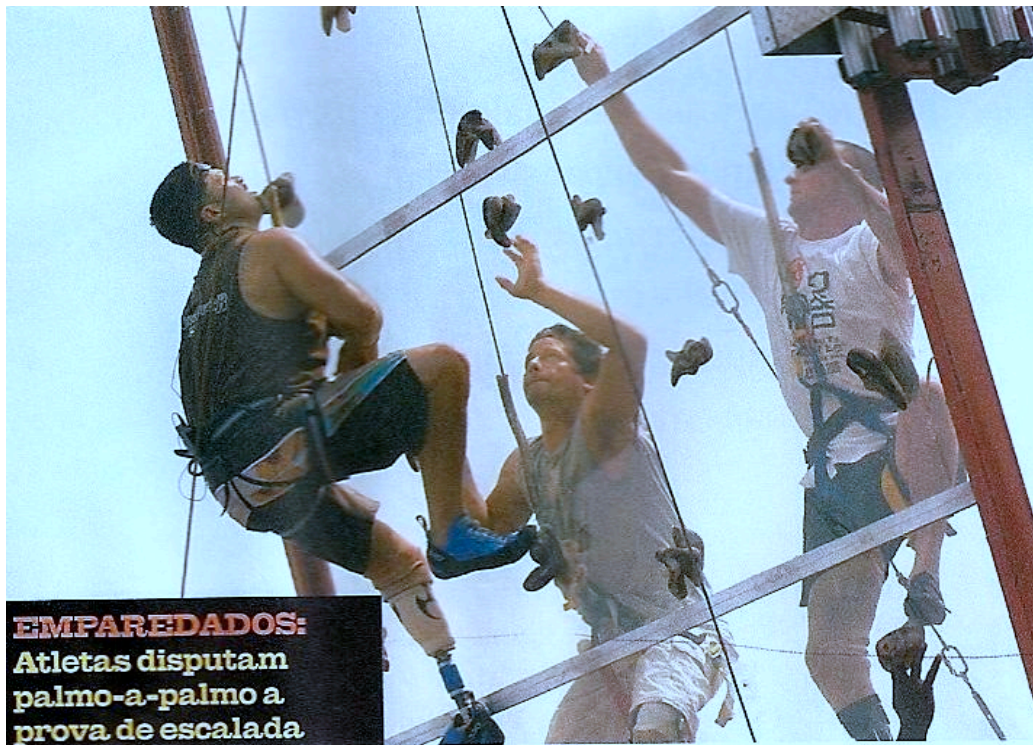


Fonte: www.maha.com.br/skateneews

Nos Estados Unidos, em Orlando, nos dias 29 e 30 de julho de 2006, a empresa College Park Industries, fabricante de próteses voltada para a prática esportiva, patrocinou a primeira edição do Extremity Games, uma espécie de X Games para deficientes físicos, tendo como modalidades skate vertical, wakeboard, BMX e escalada. O espaço construído para o evento foi mantido à disposição dos deficientes físicos que queiram praticar esportes radicais. Em entrevista para a revista *GoOutside* (ed. 16, Setembro de 2006, p.37), o atleta Buddy Elias, que participou do Extremity Games, sentencia:

Se você cair, pode quebrar a perna e precisar ir pro hospital. Se eu cair, posso consertá-la aqui mesmo. [...] “Meu objetivo é mostrar que somos nós que colocamos limitações – além daquelas que deixamos que outras pessoas nos façam crer que existem. E o esporte é uma maneira de provar como elas estão erradas.

Ilustração 20: Escaladores em competição no Extremity Games



Fonte: revista GoOutside

Cameron Clapp, biamputado das pernas e de um braço, 19 anos, desfila como um astro correndo nas calçadas de Times Square, em Nova York, com suas pernas do modelo C-Leg lançada pela empresa alemã Otto Bock HealthCare. Esta prótese combina tecnologia de computação com hidráulica. Através de sensores aguçados que registram o momento em que os pés pisam o chão, minúsculos microprocessadores programáveis acionam o sistema hidráulico, permitindo um passo muito parecido com o de uma perna natural (www.centromarianweiss.com.br, acessado em 05/07).

Ilustração 21: Atleta protético Cameron Clapp



Fonte: www.centromarianweiss.com.br

O mesmo modelo de perna é também utilizado pelo atlético Nick Springer, aluno do Eckerd College em St. Petersburg (Flórida). Esta prótese possui baterias de íon de lítio recarregáveis, que duram cerca de 30 horas, o que possibilitou ao atleta recarregar sua perna em tomada elétrica enquanto conversava com amigos em uma festa de rock.

Em matéria no site www.centromarianweiss.com.br, Michael Marriot (2007) afirma que jovens como estes são exemplo da nova tendência de incorporar tecnologias revolucionárias ao próprio corpo, para superar deficiências físicas e não ter vergonha de expor isto em público,

Cada vez mais, pessoas amputadas, particularmente homens jovens, optam por não esconder suas próteses debaixo das roupas. Ao contrário: alguns do 1,2 milhão de amputados dos EUA orgulhosamente lustram e decoram seus membros eletrônicos para que todos os vejam.

Além destas iniciativas, adaptações criativas sempre existem neste meio, como é o caso de um projeto construído pelos alunos do último ano durante o período letivo de 2002-

2003 para as aulas de educação física da Escola de Indiana para Cegos. Este projeto consiste na criação de um dispositivo que emite luzes e sons que permitem aos cegos participar de competições de boliche. O dispositivo é posicionado acima da pista de boliche e possui um conjunto de nove luzes brancas e sensores de som que servem como alvos. (revista eletrônica - *Sociedade e Valores dos EUA*, vol. 8, n.2 www.usinfo.state.gov - acessado em 01/07).

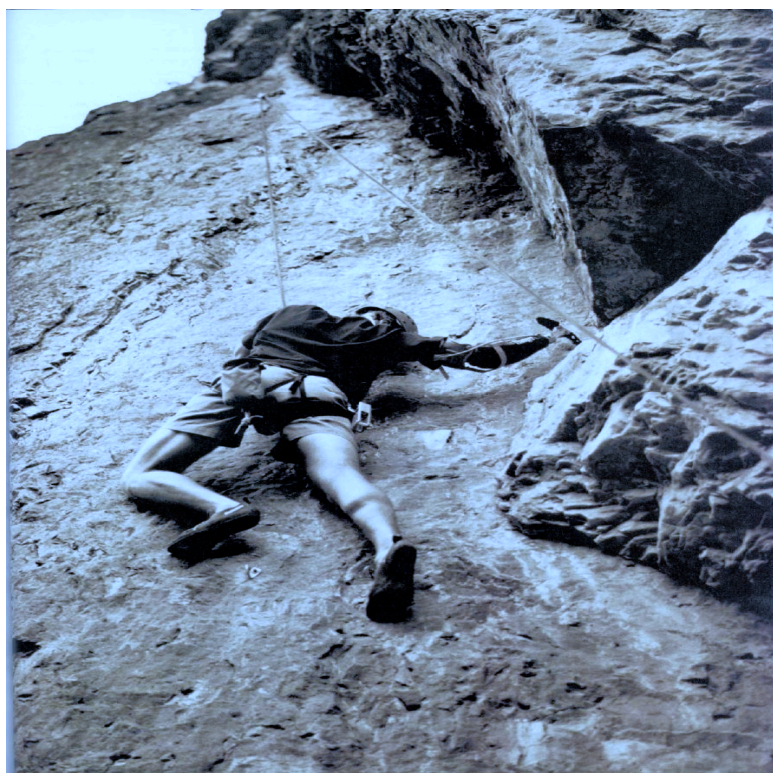
Já Mark Wellman ficou parálico em um acidente de alpinismo e desenvolveu um sistema de roldana que lhe permite praticar escalada mesmo sendo paraplégico. Este incrível escalador subiu em uma corda de quase quatro metros com a tocha paraolímpica para acender o caldeirão dos Jogos Paraolímpicos de 1996, em Atlanta, na Geórgia (www.nolimitstahoe.com , acessado em 12/06).

Outro expoente no campo esportivo é o também escalador Aron Ralston que, em abril de 2003, sozinho em um cânion dos Estados Unidos, amputou seu próprio braço, quando uma rocha de meia tonelada mudou de posição e prendeu sua mão. Sendo a única solução depois de seis dias de luta, recorreu a auto-amputação para sobreviver. Lançou um livro sobre sua experiência e está de volta às rochas com uma prótese para escalar (revista *GoOutside*, ed.15, agosto de 2006, p.90).

Ilustração 22: Escalador Aron Ralston



Fonte: Revista GoOutside

Ilustração 23: Aron Ralston praticando escalada

Fonte: Revista GoOutside

Apresentando as próteses utilizadas no meio esportivo, não se pode esquecer que, além delas, existem também as tecnologias dos equipamentos esportivos adaptados, aqueles produtos de uso diário, acessórios destinados à prática do esporte adaptado. Como exemplo têm-se bolas, fitas de ajuste e segurança, pneus, peças de reposição, que não são comercializadas em lojas de equipamentos esportivos no Brasil, dificultando a fluidez dos treinamentos. Para comprar estes produtos, tem-se que encomendar em lojas de próteses ou em distribuidoras de produtos fisioterápicos. Na Europa e Estados Unidos, existem lojas de departamentos esportivos que comercializam estes produtos, tendo inclusive uma seção somente para o esporte adaptado, o que facilita o acesso a tais equipamentos.

As próteses utilizadas pelo grupo entrevistado são as que permite um maior acesso econômico, como cadeiras de rodas, muletas e pernas mecânicas para o uso diário. Já para a prática esportiva eles as trocam pelas de maior performance, específicas para cada modalidade, como as cadeiras de rodas para basquete, por exemplo.

Infelizmente, o acesso a uma destas próteses de modelos performáticos é complicado. Há muitos problemas de ordem burocrática envolvidos na importação e comercialização delas, como também barreiras financeiras que as impedem de participarem de um mercado mais acessível à população. O desenvolvimento de próteses no mercado nacional deixa muito em desvantagem os atletas brasileiros nas competições mundiais. Os esforços do poder público não suprem a carência destes produtos para a população deficiente e os interesses financeiros de grandes empresas que os desenvolvem não deveriam servir de impedimento para a viabilização deste acesso.

A humanidade precisa de descobertas e pesquisas como as apresentadas, que são unicamente importantes e benéficas para o exercício de pessoas enquanto cidadãos comuns e conhecedores de seus direitos. Estes avanços tecnológicos têm oferecido a pessoas sem braço(s) ou sem perna(s), condições de serem praticamente independentes. Este é o cenário atual do que está em desenvolvimento sobre próteses no âmbito nacional e internacional. Paralelo a este desenvolvimento, autores sob uma perspectiva pós-moderna, analisam o corpo dependente e mixado a estas tecnologias protéticas, o que pretendo apresentar a seguir.

Ilustração 24: Ciclista amputado com prótese de titânio



Fonte: Revista GoOutside

4.2 DO CORPO PROTÉTICO

Ilustração 25: Atleta protético em competição de corrida



Fonte: www.ossur.com

Após apresentar o corpo sob uma lógica cultural no capítulo ‘Ser Deficiente’, falo aqui, mais uma vez, sobre este mesmo corpo, porém a partir da perspectiva de autores pós-modernos que refletem sobre a realidade da mixagem corpo-máquina, enfatizando-o como resultado da biologia com a tecnologia.

De acordo com Sibilia (2004), com o advento das tecnologias atuais, a fronteira entre o corpo supostamente natural e o corpo artificial está cada vez mais tênue. Tal consideração pode ser ilustrada quando se constata que já existe hibridização misturando matérias orgânicas e inorgânicas em produtos fabricados, como os biochips, que prevêm doenças antes que qualquer sintoma possa aparecer.

Outra ilustração neste sentido, citada pela autora, seria a promessa fascinante de minúsculos robôs que podem navegar rapidamente pelos vasos sanguíneos – como se fossem mecânicos da saúde – para eliminar e destruir coágulos de sangue ou células cancerígenas, anunciada a partir da explosão do desenvolvimento da genética, das nanotecnologias e da robótica. Desde que é possível em laboratórios seqüenciar automaticamente o DNA de uma

célula, as ‘coisas do corpo’ ingressaram no processo de digitalização universal e o ‘segredo da vida’ está nas mãos da tecnociência.

Para buscar entender, no campo filosófico, este novo homem que surge como fruto de um corpo mixado, os dualismos que marcaram a história do pensamento ocidental devem ser transgredidos, como acontece nas correntes de pensamento pós-estruturalista e pós-moderna, que tratam da conhecida metáfora simbiótica homem-máquina (COUTO, 2001).

Uma vasta produção acadêmica nasce com o intuito de pensar este novo corpo, o que gera a utilização de diferentes terminologias para designá-lo. Neste trabalho, utilizo o termo corpo protético, por considerar que a palavra prótese é a mais conhecida e também a mais utilizada entre os atletas deficientes, sujeitos desta pesquisa.

Para falar do corpo protético – também denominado ciborgue por alguns autores – é necessário assumir a invasão das próteses no humano, que vêm, cada vez mais, revelando o quanto o nosso corpo é imperfeito, incompleto e frágil, na medida em que, hoje, diante das novas exigências impostas pela sociedade contemporânea, precisa ser reconstruído constantemente pela técnica para garantir ou devolver sua funcionalidade.

O paradigma do ciborgue alimenta um fascínio da máquina inteligente, e quase viva, com o sentimento compensatório da obsolescência do humano, do anacronismo de um corpo cujos elementos se degradam e exibem uma terrível fragilidade em relação à máquina (NOVAES, 2006, p.37).

Virilio (1996) alerta que, em plena era das transplantações de próteses, o corpo, para funcionar plenamente, precisa se confundir com as minúsculas máquinas e não somente ter suas partes substituídas por elas. O autor acredita que o corpo tradicional está ultrapassado e que as novas tecnologias – mais potentes, precisas, práticas e fortes – são uma fonte potencializadora dos seus funcionamentos e desempenhos. Para o filósofo francês, no passado recente, assistimos à pane do trabalhador braçal, que, então, foi prontamente substituído por máquinas; na atualidade, é provável que também possamos assistir à falência da fisiologia humana – considerada obsoleta ante as proezas da tecnologia – e a sua necessária conexão protética.

O autor ainda enfatiza que, se antes as megamáquinas conquistavam territórios cada vez maiores, hoje as micromáquinas invadem nossas vísceras, nossas células, ou seja, o desenvolvimento da tecnologia se volta mais para dentro do corpo. Como se antes fôssemos ‘*inválidos*’ e, agora, habitados pelas próteses, assumíssemos a condição de ‘*válidos superequipados*’:

[...] micromáquinas suscetíveis de estimular eficazmente nossas faculdades, o inválido equipado para superar sua deficiência transformando-se subitamente em modelo para o válido superequipado com próteses de todos os tipos (VIRILIO, 1996, p.92)

Também para o artista australiano Stelarc (1997, p.53), “o corpo está obsoleto”. Este autor considera que o corpo nos dias atuais está em desuso e a máquina possibilita ultrapassar seus limites biológicos, inclusive na questão da evolução humana, o que pode ser constatado na seguinte afirmação: “Efetivamente, acho que a evolução chega a seu objetivo quando a tecnologia invade o corpo humano” (Stelarc in Virilio, 1996, p.99).

Refletindo sobre o que é dito por Stelarc e também por outros autores, podemos pensar que não faz mais sentido representar o corpo; mais que isso, é preciso mudá-lo. De acordo com o artista: “Nesta era de sobrecarga de informações, o importante não é mais a liberdade de idéias, mas a liberdade de forma, liberdade para modificar e mudar o corpo” (1997, p.53).

Levando em conta as expressivas considerações destes autores, a perspectiva dicotômica sob a qual o corpo vem sendo concebido precisa ser ultrapassada. Este novo corpo que possivelmente se apresenta – fruto da sua interação com as mais modernas máquinas – não pode mais ser visto como estático, completo e encerrado em si mesmo, mas em plena conquista de novas significações e identidades, por conta das recentes e ousadas modificações adquiridas com o uso das próteses.

O corpo que acolhe a técnica é assim um corpo mutante que incorpora marcas, próteses, substituições, expropriações e, portanto, não é mais um limite, uma unidade, uma totalidade fechada (NOVAES, 2006, p.103).

Esta concepção aberta de corpo inclui o ‘deficiente’ na mesma condição que qualquer pessoa tida como ‘normal’ em suas habilidades funcionais e fisiológicas, uma vez que toda a raça humana se alimenta destas tecnologias protéticas com o objetivo de melhorar a saúde, a estética e, sobretudo, a performance física e mental. Com a crescente popularização das próteses, de certo modo pode-se dizer que todos nós somos este corpo protético, mistura da técnica com o orgânico.

Próteses de toda natureza, sensores, lentes de contato, dentes artificiais, silicone, implantes auditivos, marca-passos, pinos, parafusos e ossos de titânio, estimulantes químicos, etc. revelam que é este o momento da realização do sonho do futuro: o de que o corpo do animal homem seja alimentado pelas tecnologias. As próteses supervisionam, aceleram e compõem o organismo de muitos sujeitos. [...] O corpo tornou-se o lugar privilegiado das técnicas e o destino certo das máquinas e a introdução

crescente desses novos componentes técnicos integrados promovem uma nova natureza, uma outra realidade corporal (COUTO, 2001, p.87).

Neste momento cabe ressaltar que em um mundo marcado pela invasão protética, a utilização de próteses para o deficiente físico é hoje muito mais voltada para o sonho possível da reconquista de funções corporais do que para simplesmente desejos estéticos, como tem acontecido, na medida em que a busca pelo aspecto ‘natural’ de um membro perdido era uma imposição determinada tanto pela sociedade como pelo limitado desenvolvimento tecnológico da época.

No entanto, já a partir do século XIX, Soares e Fraga (2003) destacam o surgimento de uma tendência que denominam como cultura própria do corpo ágil, que se caracteriza não mais apenas em uma busca por uma aparência física dentro dos padrões ‘normais’, mas principalmente em uma tentativa de viver de forma útil e com qualidade no maior tempo possível.

Nesta direção, foram os avanços alcançados recentemente pela robótica, eletrônica, hidráulica e pelos materiais diferenciados que tornaram possível ao deficiente um almejado resgate das suas habilidades motoras, uma vez que estes aparatos técnicos mexem, dobram, às vezes até reconhecem sensações, ou seja, interagem com o corpo e não apenas substituem ou corrigem suas partes. Desta forma, pode-se afirmar que o indivíduo, hoje, vem se reconstruindo pela técnica, e a prótese, agora, assume a condição de parte constituinte do corpo.

Os artefatos técnicos ingressam no corpo humano, recompondo seu ritmo, sua estrutura ou remodelando sua forma. Cada dia mais biocompatíveis, esses artefatos prometem interfaces mais eficientes e digeríveis entre o orgânico e o inorgânico. Estas práticas tornam visível o quanto a tecnologia, mais que um instrumento ou uma prótese que prolonga ou repara as funções do corpo, transita pelas fronteiras que o constituem, adicionando camadas de interface que reconfiguram suas relações com um outro corpo, que pode, ou não, ser ele mesmo (NOVAES, 2006, p.40)

Assumir a prótese como constituinte do corpo oportuniza ao deficiente construir uma nova visão de si mesmo, legitimada pela capacidade de novamente realizar ações que a deficiência o impedia de fazer. Esta nova visão de si mesmo impulsiona o deficiente em busca de sua (re)inserção na sociedade. A tentativa de reintegração deste ser protético provoca inéditas e singulares perspectivas acerca da deficiência, abalando os simbolismos sociais.

O ato de subtrair ou acrescentar ao corpo, significantes tecnológicos como próteses ou componentes genéticos, estéticos ou eletrônicos, provoca, irremediavelmente, a ruptura das fronteiras simbólicas de nossas identidades, perturbando, assim, as relações e o vínculo social (NOVAES, 2006, p.51)

Em relação aos sujeitos deste trabalho, atletas deficientes usuários de prótese de performance esportiva, o aparato técnico traz, além dos aspectos de substituição, de correção e de constituição do corpo, uma ação potencializadora, requisito imprescindível para maximizar o rendimento no esporte.

O corpo deficiente – porém atlético e protético –, mesmo longe dos padrões estéticos da ‘normalidade’, se identifica com a idéia de corpo ágil proposta por Soares e Fraga (2003). A alta performance alcançada com o auxílio das próteses nas competições esportivas das quais participam lhes permite serem aprovados como eficientes em uma sociedade que utiliza como critérios de julgamento o rendimento e a competitividade.

As práticas corporais esportivas são modelos e referência de sucesso na sociedade contemporânea, um exemplo do protagonismo do corpo e em especial de sua performance. Esse sucesso não diz respeito a vitórias, mas ao rendimento máximo em relação ao aperfeiçoamento e adaptação da forma física (NOVAES, 2006, p. 133).

É nesta sociedade – que, em nome da aparência e da agilidade, sempre relacionou a deficiência à idéia de fraqueza, incapacidade e invalidez – na qual surge este corpo deficiente, porém habitado por próteses que o potencializam. Esta condição de ser um corpo-máquina, aliada à realidade dos avanços tecnológicos e aos apelos mercadológicos, faz com que este corpo, por conta da fabricação de próteses cada vez mais inovadoras, tenha uma infinidade de possibilidades de superação – de si mesmo e também dos outros.

O corpo protético e atlético é visto, assim, não como portador de uma ou mais deficiências, mas detentor de um potencial ilimitado, considerando que suas frágeis aptidões físicas podem ser substituídas pelos potencializados recursos tecnológicos.

Paralelo a esta ação potencializadora das próteses de performance esportiva, existe também uma questão fundamental e inédita que se estabelece a partir do uso cada vez mais freqüente pelos atletas deficientes destes artefatos técnicos: o lado da aceitação e exibição deste corpo-máquina, biocibernético, pós-humano.

Como já foi anteriormente destacado, o desejo de ter e manter para sempre um corpo belo, saudável, forte, jovem, completo e também funcional sempre foi marcante e constante na história da humanidade. A posse de um corpo ‘perfeito’ constantemente sempre deu ao

homem uma noção de identidade e uma condição de ‘integridade’ e valorização social e é com esta noção e desta condição que ele se utiliza para realizar ações e estabelecer com seus pares as mais diferentes interações.

Além de serem interpelados pelos processos de gestão da aparência que lhes inscrevem marcas de identidade, é interessante lembrar que os corpos são também marcados, fortemente, a partir da exterioridade do olhar e do dizer do outro. Os corpos são nomeados e discriminados, conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura (NOVAES, 2006, p. 44).

Em épocas em que as tecnologias não davam conta de atender a aspiração da aparência e do funcionamento exemplares, uma postura muito comum, principalmente entre os deficientes físicos, era buscar a reclusão e o isolamento, evitando enxergar, também no olhar preconceituoso do outro, a imagem de sua imperfeição.

Segundo Paiva (2004), a amputação ou outros processos cirúrgicos decorrentes dos diferentes acidentes ou doenças das pessoas que sofrem algum processo de deficiência, ocasiona a

[...] morte real de uma parte do corpo do indivíduo, como também, da morte simbólica de um estilo de vida, de uma forma de ser, de uma identidade” (p.118), pois “ao perder a sua integridade, ao tornar-se incompleto, ele passa a existir e ser subjetivado por outros olhares sociais. (p.120).

Neste sentido, a deficiência traz para o seu portador uma nova imagem, imputa-lhe uma outra identidade bem diferente e considerada muito mais negativa socialmente do que aquela que ele possuía antes da lesão. Após se tornarem deficientes, há, portanto, uma incessante, desgastante e cruel busca pela aceitação do outro, enormemente dificultada pelos padrões de normalidade e beleza impostos por uma cultura que vê qualquer ‘desvio’ a estes padrões como algo estranho, feio, diferente e inaceitável.

Assim, levando em conta o fato de a sociedade, mediante critérios arbitrários, atribuir aos deficientes conotações pejorativas relacionadas à feiúra, diferença, estranheza, torna-se fácil compreender a dificuldade que estas pessoas encontram na superação ou adaptação a sua nova condição corporal, em virtude de que, na relação social, nos construímos enquanto seres sociais, simplesmente e de forma redutora, a partir do olhar principalmente estético do outro, seguindo a lógica dos padrões estético-culturais dominantes. É muito comum, então, por parte dos portadores de deficiência física, a utilização dos mais diversos e complexos artifícios na

tentativa de disfarçar ou mesmo esconder a perda de um membro, para não comprometer a aparência.

Alguns passaram a ocultar a alteração corporal usando roupas que disfarçavam a sua incompletude, como no caso das mulheres que começaram a usar somente calças compridas após a amputação da perna e alguns homens que deixaram de usar bermudas e calções. A mudança na maneira de vestir-se, permitiu a ocultação da (im)perfeição corporal, o que por sua vez, não deixava-os tão expostos ao olhar do outro (PAIVA, 2004, p.149).

Todos estes esforços e artimanhas adotados – até bem pouco tempo – pela maior parte dos deficientes, visando à obtenção de um corpo ‘natural’, sempre foi um empreendimento dificultado pelos tipos de próteses disponíveis, na medida em que, pelas suas características físicas e suas limitações no que tange à estética e à funcionalidade, tais artefatos mais acrescentavam ao deficiente um aspecto de ‘coisa feia e incapaz’ – causando estranheza, incômodo e mal-estar tanto ao usuário, como também aversão a quem o via – do que lhes permitia uma aceitação/integração interpessoal.

[...] aparatos apresentam uma característica em comum que é a de serem objetos ‘estranhos’ ao corpo humano, ao indivíduo e sua vida e que, por esta razão precisam ser subjetivados, incorporados, tornados familiar, num processo de íntima convivência entre o humano e a máquina (COUTO, 2000; VIRILIO, 1996 in PAIVA, 2004, p. 157)

A familiarização com a prótese é necessária para que o indivíduo possa se sentir alguém diferente, mais, melhor – ele mesmo, ou o outro do ‘ser normal’, não habitado pela ausência ou invalidez.

Esta integração corpo-prótese pode ser evidenciada em uma nova postura assumida recentemente por atletas deficientes da atualidade, como é o caso do americano Cameron Clapp e mais um grande grupo de jovens, que, com suas cintilantes pernas robóticas, exibem orgulhosos seus corpos incorporados por tecnologias revolucionárias em espaços públicos.

Os inúmeros avanços obtidos na fabricação de próteses – cada vez mais aperfeiçoadas em relação às questões estética e funcional – e a recente disposição dos deficientes de exibí-las sem os constrangimentos anteriores trazem à tona um aspecto sutil, mas de grande impacto para a sociedade: a indistinta linha que separa o homem da máquina. As tecnologias complexas utilizadas por pessoas que dependem delas se tornam visíveis em público, evidenciando para todos – portadores ou não de deficiência – certa ‘consciência de ciborgue’. Assim, pode ser que jovens que usam produtos eletrônicos desde a infância, achem natural,

em público, recarregar a bateria de seus membros artificiais, ou conectar sua prótese ao computador para acertar o software, sem valorizar demais as restrições – mais ou menos evidentes – percebidas no olhar do próximo (MARRIOT, 2006).

Considerado este movimento ‘exibicionista’ como uma nova tendência entre os jovens deficientes, e, inclusive se submetendo ao *upgrade tecnocientífico* (termo utilizado por Sibilia, 2003) na busca constante por novos modelos protéticos, a exibição deste corpos transporta o deficiente para além de seu tempo, favorecendo a reflexão sobre a mudança de valores tradicionais na modernidade.

No momento em que as tecnologias de comunicação e as biotecnologias se tornam as ferramentas decisivas para reconstruir nossos corpos, o modelo ciborgue inaugura a estética do além-dos-limites (COUTO, 2001, p. 96).

A marcante sombra na qual o deficiente ou o portador de um potencial ilimitado sempre se escondeu se dispersa, e sob a luz do desenvolvimento tecnológico, possivelmente pela primeira vez na história da humanidade, ele é exibido e vislumbrado, com assombro ou admiração, através do seu corpo protético, mostrando ao mundo que é possível transformar uma consciência de si mesmo e do outro, uma vez que nenhuma forma de ser é essencialmente eterna ou imutável – assim como a realidade na qual se vive.

5 AS VOZES DO SER PROTÉTICO E ATLÉTICO

Ilustração 26: Buddy Elias em competição no Extremity Games



Fonte: Revista GoOutside

Minha intenção, neste último capítulo, é analisar o tema da pesquisa por intermédio das falas dos entrevistados. Organizei os depoimentos obtidos com as entrevistas em quatro temas, considerando justamente aquelas questões que mais se fizeram presentes nas falas dos sujeitos da pesquisa: ‘Tecnologia e aparatos tecnológicos’, ‘O esporte adaptado’, ‘Deficiência/eficiência/capacidade’ e ‘Imagem e desempenho do corpo atlético e protético’.

A organização em tais temas, a meu ver, possibilita a compreensão das idéias e sentimentos dos deficientes acerca de sua relação com o mundo das tecnologias protéticas e com o esporte, importantes para este trabalho, na medida em que pode estar em processo de uma interessante ressignificação cultural do deficiente físico.

‘Tecnologia e aparatos tecnológicos’

Neste primeiro tema, enfoco os modos como os deficientes entrevistados compreendem e se relacionam com as tecnologias protéticas.

A partir de suas falas, pude observar que estes deficientes protéticos percebem a tecnologia como algo natural, isto é, ela não lhes é estranha, na medida em que existe um grau de dependência entre estes sujeitos e suas próteses para a realização dos seus afazeres do cotidiano.

Então, eu... eu tenho um carro em casa né. Ele é adaptado. Já pensou ficá sem ele? Não tem jeito, não ia prestá!. Titânio

Além de, para eles, ser natural o convívio com tecnologias protéticas, constatei, ao mesmo tempo, que a maioria dos entrevistados desta pesquisa busca andar de ‘mãos dadas’ com os avanços da tecnologia. Nos seus discursos, nota-se, freqüentemente, uma evidente e imediata predisposição em aceitar a máquina a qualquer instante, sem receios, como nestas falas:

Se a tecnologia tá aí, então vai aproveitar isso aí. Eu não tenho nenhuma discriminação com a tecnologia. O pessoal pergunta do Viagra, tem gente que não toma o Viagra, Não, isso aí pra mim, não! Se a medicina tá avançando a essa área, tem que aproveitar isso aí. Polímero

Ninguém segura os deficientes, nós somos 100%, não temos medo dos avanços da tecnologia, entendeu? Pode inventar que eu ponho. Resina

Percebi também da parte de alguns dos entrevistados certa consciência de que as tecnologias vão, cada vez mais, habitar nossos corpos, não somente os daquelas pessoas rotuladas como deficientes, mas também os corpos considerados normais pela sociedade. De certa forma, alguns até se expõem ao risco de fazer previsões sobre o avanço das tecnologias protéticas.

Já pensou quando as marcas do esporte adaptado estiver maior que as do esporte normal? E isso vai acontecer, aí todo mundo vai querer usar as próteses, entendeu?. Polietileno

E mais:

A tecnologia hoje em dia está avançada, cada vez mais avançada, isso aí. Em pouco mais de um ano, não só eu, como tem muitos cadeirantes, vieram a voltar a andar, através da biotecnologia, dos robôs, isso vai avançar mais ainda, todos vão andar e fazer outras coisas mais, duvida? Todo mundo vai usar estas tecnologias, não é só a gente não, entendeu?. Silicone

Observei que os deficientes entrevistados constantemente recorrem a revistas jornais, internet, etc. em busca de notícias acerca das novas descobertas científicas voltadas para a questão da deficiência física. Neste sentido, a mídia, tanto impressa como televisiva e a digital, tem um papel fundamental, uma vez que facilita o acesso destas pessoas a informações mais recentes sobre as pesquisas realizadas neste campo.

Bom, assim como toda pessoa que sofreu uma lesão na medula, é... tem interesse na evolução da ciência, das tecnologias, então eu sempre acompanho, eu sei tudo que acontece de avanços, em noticiário nos jornais, tv, rádio, etc. Eu tenho esperança com a evolução da ciência, com o processo das células-tronco, embrionárias, que possamos no futuro, é, termos a nossa mobilidade de volta. Polietileno

Os sujeitos da pesquisa estão sempre se atualizando. Nas suas falas é patente, ainda, a esperança que mantêm no surgimento de novas terapias que resultem em cura para suas deficiências, expressando um desejo de voltarem a ser como eram antes. Também se percebe a importância que dão ao fato de que o uso destas tecnologias, além lhes dotarem de maior autonomia, vir a proporcionar a eles, atletas deficientes, melhor desempenho nas provas, fazendo, inclusive, mais até do que as pessoas tidas como ‘normais’.

A tecnologia é fundamental, na medida em que é elaborado ou projetado uma cadeira de rodas para o cadeirante, sob medidas, com tecnologia avançada, isso nos dá uma maior autonomia. Então há uma possibilidade de nós termos um bom desempenho, uma boa colocação em determinadas competições que “normais” não teria essa condição, nós podemos. Na medida em que você tem uma cadeira de roda ou uma prótese ou alguma coisa dessa natureza melhorada, mais potente, é lógico que você vai ter condições de ter um bom desempenho e até melhor que uma pessoa normal. Eu acho essencial, é de fundamental importância que a tecnologia esteja cada vez mais aí atuando pra nos oferecer uma melhor qualidade de vida, sem muitos limites. Polietileno

A tecnologia ajuda muito, pode fazer até mais que uma pessoa que tá andando, porque você confia naquele equipamento, uma cadeira de basquete mesmo, é uma cadeira caríssima, que tem apoio, é mais ágil. No shopping eu ando mais rápido na cadeira que qualquer pessoa andando, de tão eficiente, ela é muito leve. Polímero

Os depoimentos dos entrevistados me levaram a perceber que um aspecto que preocupa muito a todos eles é a questão que envolve a democratização do acesso às

tecnologias protéticas avançadas. No entanto alguns deles acreditam que vai chegar o momento da massificação de tais próteses, hoje com custos elevadíssimos.

Se o ser humano conseguiu fazer uma cadeira de rodas pra ter uma boa adaptação, ter acesso, ele tem que usar isso aí. É esse o alvo do ser humano. Apesar da minha cadeira não ser automática e tal. Tem cadeira que deixa a pessoa em pé! Isso aí tem um custo, mas já existe, e o custo vai cair. A que eu posso ter, eu uso, mas seria bom ter uma dessas que estão desenvolvendo nos laboratórios nos Estados Unidos. Polímero

Eu acho que a tecnologia tá muito desenvolvida, né? A cada dia que passa a tendência é melhorar mais ainda...e eu espero que chegue o mais rápido possível às pessoas, os preços... assim, elas se igualam as mesmas, porque aí dá pra fica igual e vamos ver o que vai dar mais pra frente né. Titânio

Analisando os discursos dos atletas deficientes entrevistados acerca da ação ilimitada das próteses, pude constatar que a maioria deles percebe seu crescente potencial como fator diretamente responsável e indispensável a sua integração na sociedade.

A prótese é feita de um material superior ao nosso corpo, porque é feita geralmente de titânio, de alumínio, é, e normalmente é feita pra agüentar impactos a qual a nossa perna não vai agüentar. Mas pra ela ser superável à nossa perna, ela tinha que ter o comando a qual tem a minha perna original, né. Se por acaso a tecnologia chegar a este ponto, já existe um chip avançado o qual tem um comando. Se tiver comando, 100% da qual tem minha perna original, vai ser totalmente viável aos deficientes físicos uma total integração na sociedade. Resina

Até a prótese também veio me fazer ser mais eficiente, ser mais, tornar mais na sociedade... como eu posso te dizer... quebrar regras, quebrar limites. Carbono

Além de sua integração, alguns deles sugerem que a utilização das próteses vá superar o próprio corpo.

Eu acho que as próteses potencializam o corpo frente uma pessoa normal. Isso, elas potencializam, podem fazer o corpo superar o próprio homem. Chip

Porém, paralelo a este poder ilimitado das próteses, existe um constante entrave técnico que se impõe aos deficientes no cotidiano. É quando seus aparatos maquínicos começam a dar defeitos ou não servem mais.

Acho que esta prótese que eu uso atualmente, ela não ta mais aguentando o esforço que faço sobre a perna, por que quando estou sem ela, eu uso a perna mecânica e vou deixar de fazer alguma coisa. É como se fosse uma perna normal onde eu faço tudo. Então eu acho que não soube medir a capacidade, quando eu fiz a prótese não foi medida direito a capacidade que eu ia exercer sobre ela. [...] Carbono

E a solução é que, apesar de toda dificuldade que gera um conserto, dependência da viabilidade de mão de obra especializada e o custo inerente a este processo, o membro pode ser trocado.

Então eu acho que eu exerço uma capacidade muito maior do que ela necessariamente possa oferecer. Eu acho que o fato dela estar quebrando é porque eu exerço muita força sobre ela. Então eu acho que tenho que trocar logo porque o encaixe é perfeito quando fazemos a perna e se ela racha, ela folga, então o coto entra mais do que devia. Machuca bastante e o meu coto, ele atrofiou e esta perna precisa ser feita, pelo esporte... Ainda bem que posso trocar. Carbono

‘O esporte adaptado’

Nesta parte do trabalho, busco apresentar a compreensão que os atletas deficientes constroem acerca do esporte, assim como a importância que a atividade esportiva adquire na sua vida atual, após a lesão e o processo de protetização aos quais foram submetidos.

A maioria dos sujeitos desta pesquisa descobriu o esporte, ou fez dele uma prática diária, após se tornar deficientes físicos. Foi a partir da aquisição desta condição que tal atividade entrou, definitivamente, no dia-a-dia destes indivíduos.

Eu corria, mas não constantemente. Eu ia mas era raridade né... Depois que aconteceu este imprevisto, fez com que me desse mais força pra praticar esporte e ... pra manter mais o corpo e não atrofiasse algum membro meu, alguma coisa desse tipo. Titânio

No entanto, os discursos ouvidos durante as entrevistas realizadas com os atletas deficientes me permitiram perceber que o esporte renasce, para eles, principalmente, como atividade fundamental de integração social e de resgate da dignidade perdida com a chegada da deficiência.

Acho que o deficiente físico que pratica esporte hoje em dia está à frente das pessoas que não pratica, daquela pessoa que fica em casa e tal, tipo “tô com

depressão”. Então eu acho que o esporte tem este papel de incluir o deficiente físico. Carbono

Nos seus relatos, é muito evidente a associação direta que estabelecem entre o esporte e as possibilidades de inclusão e de retorno ou conquista de novas amizades, além do gosto de viver.

Então, hoje pra mim, o esporte, ele é uma peça fundamental na minha vida. Por que? Porque eu to praticando atividade física, eu to praticando o meu esporte, eu to conhecendo pessoas, entendeu? Eu to ampliando o meu leque de amizades, coisas que antes do esporte eu ficava restrito, eu ficava resumido apenas naquele meu grupinho. Até mesmo antes da lesão. Hoje não, hoje tenho oportunidade de conhecer pessoas de outras cidades, de outros estados, trocar experiências, tudo relacionado à área do esporte. Então, o esporte pra mim, ele veio me oferecer uma melhor qualidade de vida e ampliar o meu leque social. Polietileno

E mais:

Além disso, com o esporte, agora eu tenho amigos, meus amigos, muitos se afastaram de mim e agora tenho amigos de verdade. Titânio

A prática esportiva se transforma, em muitos casos, em fator indispensável à própria existência para alguns deficientes, sendo comumente citada como uma necessidade inerente à vida, como comer e respirar. Tal condição me leva a afirmar, a partir de uma análise das falas dos entrevistados, que uma segunda dependência, além da prótese, surge: a prática do esporte.

O esporte pra mim hoje é minha vida, não posso viver sem ele, fica complicado. Polímero

Faz muita diferença pra minha vida, uma pena depender do esporte pra ter dignidade, mas sorte também, já pensou se ele não existisse? Eu ficaria deprimido pro resto da vida, né? Nunca mais quero isso pra mim. Silicone

Posso dizer que o esporte salvou minha vida, os outros agora me olham, me dão ouvido. Chip

No relato dos entrevistados, consegui detectar o quanto a prática do esporte mexe – de forma positiva – com a questão da imagem destes sujeitos, contribuindo para que se vejam novamente como pessoas inseridas nas suas comunidades. Esta integração social alcançada pelos deficientes a partir do esporte muitas vezes resulta, a meu ver, do fato de tal atividade devolver a estes indivíduos a percepção de si mesmos como pessoas capazes e eficientes,

visão que, dentro da cultura em que vivemos, que valoriza o rendimento e a competição, comumente é perdida após a lesão.

O esporte pra mim é a prova do que eu faço, quando falam: você consegue jogar a bola na cesta? Eu tenho mais equilíbrio hoje do que se eu estivesse em pé. Eu vejo desta maneira e eu encesto pra qualquer um. Eu não sou um Oscar da vida, mas sou bom, garanto que sei. Porque eu me adaptei à cadeira e isso muita gente não consegue ver, que a altura da cadeira de roda não é um obstáculo. E não é mesmo. Polímero

Então, nunca fiquei afastado do esporte. Acho que foi uma maneira até de de... me mostrar, me provar eficiente, entendeu?. Carbono

Dessa forma, a maioria deles acredita que a imagem que construíram na sociedade com a prática esportiva é a de que são atletas antes mesmo de serem deficientes.

O esporte fez que eu tivesse minha dignidade de volta, agora eu sou um atleta e as pessoas me olham melhor, pode crer... Silicone

Pude perceber que alguns deles constroem uma forte associação entre a imagem dos braços musculosos e a questão da eficiência, dando a entender que braços musculosos, ao contrário dos flácidos, funcionam melhor, produzindo mais. E, se funcionam, dentro da lógica capitalista, são eficientes.

Acho que meus braços são forte também. É importante, parece que dá impressão que funciona, sabe? Quanta gente é magrelinho, não funciona, eu funciono e os outros olham pro meu braço. Chip

Além destes aspectos, o esporte também proporcionou, como decorrência de sua prática, o desenvolvimento muscular nestes atletas deficientes, tornando-os mais resistentes e potentes fisiologicamente.

Olha, pra mim, o esporte, ele é essencial, ele é fundamental. Eu consegui ter mais resistência, eu consigo tocar minha cadeira de rodas com um espaço maior de tempo, eu não conseguia dirigir, hoje eu consigo dirigir porque ganhei mais força nos braços, força muscular. Polietileno

Curiosamente, um dos entrevistados, usuário de cadeira de rodas, afirma que a prática da atividade esportiva o faz se sentir 'leve'.

O esporte entrou na minha vida na forma de que eu sabia que ia me ajudar e continua me ajudando né. Eu sei que cada vez que eu pratico esporte, eu fico mais leve, totalmente descontraído, leve mesmo. Agora quando eu passo algum tempo sem fazer nada eu me sinto totalmente pesado, né [riso]. Aí eu me sinto 'o chumbado' de verdade, deficiente. Titânio

O desenvolvimento da força muscular e o aumento da resistência aeróbica, decorrentes dos treinos esportivos, levam estes indivíduos a, freqüentemente, estabelecerem comparações entre eles e outras pessoas – tanto com aquelas também deficientes, mas com outro tipo de lesão, e, inclusive, com pessoas que não são portadoras de qualquer espécie de deficiência.

Vale a pena até ressaltar que em Feira de Santana eu tenho 5 medalhas de ouro em natação e eu sou 'tetra' e ganho pra pessoas que são 'para' e até para as pessoas que andam. Eu sendo tetra, e eu tenho boas colocações. Polietileno

Um aspecto interessante foi um único entrevistado utilizar da prótese como instrumento de ligação para se chegar ao esporte, e não para ligá-lo à integração social. Sem a prótese, para ele, não teria esporte. Foi o primeiro e único indício de enfatizar o esporte, e não a integração social obtida através dele.

Eu tenho noção que a prótese foi o elo de ligação entre mim e o esporte. Carbono

Por fim, algo que não estava esperando para esta pesquisa e que se fez presente em todos os discursos: observei que grande parte dos atletas deficientes considera inadequada e está descontente com a utilização do termo 'adaptado' para denominar o esporte praticado pelos deficientes físicos, uma vez que, na opinião deles, todos os esportes possuem suas 'adaptações'.

Esporte adaptado, então, eu acho que não deveria nem ser esporte adaptado, né? Porque senão todos os esportes são adaptados. Eu acho que o nome não tá bem colocado. Porque todos os esportes têm uma adaptação. No caso, eu fazia ciclismo. As bicicletas de ciclismo não são iguais às bicicletas normais. Então é uma adaptação, porque se eu tenho uma bicicleta normal não podia competir também. Poder até podia, mas eu não tinha a mínima chance de vencer. A bicicleta não ia agüentar, tinha que ter uma adaptação pra fazer o esporte, o ciclismo, a bicicleta é diferente, com alta tecnologia. Então eu acho que o esporte adaptado não é esporte adaptado, ele é esporte igual a qualquer outro esporte. Chip

Não existe nenhuma diferença de esporte adaptado pros outros esportes, ôxe, de qualquer jeito, todos têm que fazer adaptação!. Silicone

Para estes atletas, todo artefato utilizado para a prática esportiva é considerado como tecnologia, enfatizando que todo esporte somente pode acontecer mediante seus aparatos tecnológicos. Assim, qualquer produto esportivo - utilizado para vestir, calçar, etc. – é uma adaptação – ou ao tamanho/biotipo do atleta, por exemplo, ou ao tipo de esporte que se pretende praticar.

O esporte adaptado depende da tecnologia também, como os outros esportes, eu acho que não devia ter nem este termo, adaptado..., o patins do jogador de hóquei não é feito adaptado pro seu pé?. Polímero

Ainda em relação a esta questão, os entrevistados afirmam que os artefatos técnicos possuem diferentes potencialidades, proporcionando condições distintas para os atletas em competição.

Os esportes são iguais, com toda certeza. O adaptado e o normal são iguais, todos são adaptados, nem precisava dizer isso, né? Agora se você tem uma tecnologia, um produto mais avançado, é claro que você vai ter uma vantagem em cima disto, como qualquer esporte. Polietileno

‘Deficiência/eficiência/capacidade’

Durante as entrevistas realizadas, foram freqüentes, extensos e espontâneos os depoimentos dados pelos atletas deficientes a respeito da compreensão que passaram a ter, a partir da deficiência, sobre ‘pessoa capaz ou eficiente’ dentro do nosso contexto social. Considerando que uma discussão aprofundada acerca desta questão, mesmo não tendo sido pensada no início da pesquisa, poderia vir a contribuir para o enriquecimento deste trabalho, resolvi não deixar de lado tais idéias, decidindo, inclusive, criar um espaço específico para a análise das mesmas.

Os entrevistados constantemente fazem uma analogia entre ser capaz fisicamente e ser capaz nas outras esferas da vida, como a intelectual e a social.

Ser capaz? Por exemplo... dar uma cadeirada de uns três quilômetros, eu falo aí, sem dúvida eu sou capaz de conseguir este objetivo, pra dar essa cadeirada e conseguir esses três quilômetros, como nas outras áreas da vida, se falar, eu corro atrás, isso é não ser capaz?. Titânio

Nos discursos ouvidos, pude perceber que em todas estas esferas, todos eles se consideram eficientes e com muito potencial, tendo, inclusive, consciência de que, na realidade, os obstáculos, preconceitos e outros problemas que enfrentam advêm de uma sociedade que não se prepara para assumi-los e respeitá-los como verdadeiros cidadãos que são, impondo-lhes, desta forma, um rótulo equivocado de pessoas incapazes.

Olha, a sociedade, ele vê o deficiente físico como o coitadinho, ela não, ela não conhece a nossa potencialidade. Porque o nosso único problema está apenas na falta de mobilidade, agora nós temos condições de desempenhar muitas funções a exemplo de trabalhar, estudar, praticar atividade física, participar de competições. Nós temos potencialidades. O grande problema é a falta de conhecimento da população, a falta de conhecimento, a falta de cultura, que infelizmente as pessoas ainda não tão preparadas pra interagir ou pra ta em sintonia com este grupo de pessoas. Polietileno

Todos os atletas entrevistados acreditam fortemente que suas incapacidades e barreiras são impostas pela sociedade.

Inicialmente foi um processo delicado, tem que aprender a conviver com a deficiência, a gente tem que aprender a superar barreiras e fronteiras né, principalmente no meio social, que é cruel. Foi difícil no início, mas atualmente eu já me adaptei e consigo realizar todas minhas tarefas sozinho, como antigamente e aprendi a viver com isso aí. Resina

A deficiência está na cultura, tá na mentalidade das pessoas que são 'normais', e isso é ser deficiente. Carbono

Muitos citam repetidamente as barreiras arquitetônicas como exemplo das dificuldades impostas pela sociedade que precisam superar para realizar suas atividades do dia-a-dia.

Veja bem, eu não me sinto incapaz de fazer nada. Aliás, eu só sinto dificuldades em lugares que não tem acesso pra cadeira de rodas. Na área política, não tem um transporte pra deficientes. Tem muito cadeirante que não sai de casa porque não tem um carro, essas são as dificuldades.... Polímero

Antes da lesão, ó, o que impede hoje em dia são só pequenos obstáculos, né, pequenos obstáculos, acesso, rampas, né. Não tem acesso quase nenhum pra nós, os cadeirantes. Silicone

Ainda em relação à vida social, um entrevistado até mesmo afirma, que, um direito adquirido pela luta dos deficientes somente vem a legitimar o preconceito.

E tirar a imagem da vergonha, não pode ser isso, tenho que dar valor ao meu corpo e acabar o preconceito, porque é muito preconceito. Eu não

gosto de cortar fila pra pessoa não me achar incapacitado, entendeu? Eu sei que é um direito, mas não é por isso que eu vou usar este direito, e eles acabam achando a gente incapacitado. Às vezes estas regras até reafirmam o preconceito. Polímero

Em relação ao termo adotado, principalmente pelo senso comum, para designar todas as pessoas portadoras de qualquer tipo de deficiência, os sujeitos da pesquisa consideram a palavra ‘deficiente’ depreciativa e vergonhosa, na medida em que, em seu sentido literal, este termo significa algo falho, imperfeito, defeituoso. Associando eficiência à produtividade, assim como faz a maior parte dos indivíduos que vivem em uma sociedade cujas relações econômicas e sociais têm como ícones o capital e o lucro, os entrevistados sugerem que não devem ser nem denominados, nem muito menos considerados deficientes, uma vez que também são pessoas produtoras, e, neste sentido, úteis ao grupo social do qual fazem parte.

Olha, eu acho que este termo deficiente é uma coisa estragada, uma coisa com defeito. Eu acho que haverá que se elaborar ou de se estudar, e mudar, porque deficiente é uma coisa estragada, é uma coisa deficiente, é uma coisa quebrada, uma vergonha, e nós não somos um inútil, nós somos uma pessoa que temos total condição de produzir. Este termo deficiente, eu acho que deveria ser banido, excluído do vocabulário. Polietileno

Para alguns deles através da evolução das próteses, este conceito de deficiência vai se extinguir.

A respeito desta tecnologia que vai ser viável numa prótese, tantos estudos que a gente vê nas revistas, eu acho que a partir deste momento a deficiência vai deixar de existir. Resina

Olha, com as novas próteses, é... como se fala... não vai existir mais, é... esta palavra deficiente, e sim eficiente! Silicone

Este entrevistado deixa claro o fato de que quando se tem ‘cabeça’, no sentido de ter uma boa ‘sustentação’ emocional, as dificuldades enfrentadas na vida ficam mais fáceis.

Minha família sempre me incentivou pra não ficar parado e tal, sempre falavam: você tá vivo, tem cabeça, procure fazer o que quiser, e assim faço. [...] De forma alguma eu me vejo com deficiência, porque veja bem, este corpo de prótese sou eu, isso quer dizer que o potencial que o homem deve trabalhar é a mente. Porque se você tem uma mente que é... está relacionada a fazer tudo o que eu quero com o corpo eu acho que não sou deficiente. Eu tenho capacidade de fazer coisas melhor do que as pessoas ditas como ‘normais’. Carbono

Para este mesmo atleta, a maior superação de todas está consigo mesmo.

Tem que superar os limites, sempre tentando superar, isso é se superar, é ser capaz, fica mais fácil vencer lá fora. Carbono

O fato de o deficiente ter que estar constantemente ‘treinando’ para se adaptar à sociedade, o faz mais capaz.

Se você é uma pessoa normal, você tá lá, você sabe que você é normal, você não precisa quebrar limites, você...é... você chega e fala assim: ah, tem um muro aí, e eu vou ter que pular este muro, mas você não se preocupa em se adaptar, você se treina pra pular aquele muro. Se você treina pra pular aquele muro, você pode ser mais eficiente do que uma pessoa que chega lá e pula. Então você se torna mais eficiente, você se torna mais capaz. Tem pessoas que não tem coragem de fazer o que eu faço, então eu não acho que sou deficiente, sou normal. Carbono

O atleta ainda dá exemplo com aspecto da sua vida cotidiana que o fazem crer em sua eficiência - proporcionada pelo uso da prótese e mais especificamente em seus treinamentos físicos.

Sou mais eficiente mesmo em relação às pessoas normais, com certeza, é isso que eu to querendo dizer. Na academia, eu agüento peso em alguns determinados exercícios que muitas pessoas não agüentam. Meu apelido na academia é “Cavalo” (risos), porque eu agüento muito peso, entendeu? Então eu sou mais eficiente que muitas pessoas normais. Isso me torna mais eficiente. Carbono

‘Imagem e desempenho do corpo atlético e protético’

Neste último tópico, que é de essencial importância para o trabalho, procurei conhecer, por meio da análise das considerações dos entrevistados, a relação de interação entre o atleta e os artefatos protéticos.

Alguns entrevistados associam a imagem do atleta protético à condição de luta pelos desafios, como se o deficiente tivesse chegado ao patamar máximo de seu reconhecimento pela sociedade através de um dos valores do esporte, a eficiência.

Eu acho muito legal ver uma pessoa na cadeira praticando esporte, esta imagem. Passa que são pessoas fortes sem dúvida, que foram capazes de lutar por aquilo, de vencer. Lutar e de se tornar capaz de fazer aquilo, elas lutam por aquele objetivo. Eu penso assim. Titânio

Nas falas seguintes, observei que o uso dos artefatos protéticos não são percebidos pelos deficientes como algo externo ou estranho ao seu corpo, mas sim como partes constituintes dele. Independente de qual seja a prótese, a de uso cotidiano ou a de performance – aquela destinada ao esporte –, é muito explícita a forma como os entrevistados se associam à máquina, se vendo evidentemente possuidores de partes corporais maquínicas.

Minha cadeira de rodas, eu digo lá em casa, são minhas pernas, apesar de que eu não perdi as minhas pernas, mas ela são. Polímero

Eu não me imagino sem minha cadeira, pra ser sincero ela é uma extensão de mim. Titânio

Percebi que longe de caracterizar o artefato protético como mero complemento artificial do corpo, o atleta deficiente descreve tal máquina como parte intrínseca a sua estrutura corporal, associando inclusive sentimentos intensos a ela.

[...] este corpo de prótese sou eu [...]. Carbono

Eu penso que tenho que ter ela pra tudo, tudo que eu for pensar em fazer, que tem que fazer é com a muleta, ela faz parte da minha vida, do meu dia-a-dia. Ela faz parte de mim... Hoje ela faz parte do meu corpo. Chip

É meu corpo! Ela é meu corpo! Eu sou casado, eu falo pra minha esposa, eu tinha ciúme sim, mas ciúme mesmo, eu sinto da minha cadeira de roda (risos). Polímero

A superposição das noções de indivíduo e máquina presente na auto-imagem dos entrevistados mostrou uma visão do aparato protético como dispositivo de funcionalidade e meio eficaz para o desempenho da prática esportiva como também uma ferramenta facilitadora da socialização. Nesta direção, alguns entrevistados se expressam:

Elas são minhas pernas. Ora, eu sou uma máquina, não sou?. Polímero

Ela é parte do meu corpo, é, são minhas pernas, sem ela eu não saio, nem pratico esporte, não faço nada, só fico em casa.... Silicone

Paralelo a este sentimento de ser máquina, a dependência desta tecnologia é uma constante na vida de todos os atletas entrevistados. Assim, a limitação da prótese aparece como um fato que, segundo os entrevistados, os torna realmente deficientes.

“O tempo passa e não muda, quando ela baixa o pneu, aí eu me sinto deficiente”. Polímero

“Tem isso também, e a cadeira de rodas, a que eu ocupo são minhas pernas... Se minha cadeira quebrar eu fico em casa, eu não saio de jeito nenhum!”. Silicone

E mais, aqui um entrevistado chega a descrever sua limitação protética.

A minha vida foi criada em cima de uma prótese, de uma perna mecânica, então eu acho que hoje em dia quando eu to sem a perna, às vezes a perna quebra, ou tem alguma inflamação do coto, então eu tenho que não usar a prótese, então eu fico em casa, feito louco. Um monte de coisa pra fazer, até poder usar a perna novamente, porque a falta da perna hoje em dia, é uma coisa que... me tira as possibilidades, entendeu? Carbono

Na visão sobre a utilidade dos artefatos protéticos nos depoimentos dos atletas, percebi não só a relatividade do par antagônico normal/anormal, como também do binômio inclusão/exclusão, expressando assim uma resistência ao estigma da deficiência. Nesta linha de raciocínio, podemos destacar como curioso o depoimento de um atleta usuário de uma prótese de titânio que, contrariamente ao que se possa pensar a respeito da possibilidade de aceitação e socialização destas pessoas, afirma que tal fato contribuiu para torná-lo mais sociável, mais ‘popular’.

É, eu acho que a prótese, tipo assim, veio me favorecer. Eu acho que se eu não tivesse perdido a perna, eu acho que era uma pessoa a mais, uma pessoa que não tinha história pra contar. Eu acho que o fato de usar a prótese me torna mais... não só mais seguro, mas mais social, entendeu? As pessoas chegam pra conversar e eu tenho o prazer de falar o que aconteceu comigo. Eu acho que não sou mais um, eu acho que sou um entre... tipo assim, eu sou a pessoa, eu não sou mais uma pessoa, entendeu? Por exemplo, quando estou na faculdade mesmo que eu venho de bermuda, aí todo mundo fica olhando e tal e eu ouço: olha o cara, entendeu? Eu acho interessante esta coisa. Às vezes eu vou para o interior, eu viajo com a família, aí eu vou de bermuda e eu gosto de usar, eu tenho 2 próteses: aquela que imita, que é normal e esta que é de titânio. E eu uso a de titânio, que chama mais a atenção, entendeu? Carbono

O mesmo entrevistado conta como é reconhecido socialmente pelo fato de utilizar a perna de titânio. A partir deste relato, destaco o uso de novas tecnologias como um campo promissor tanto na relativização da visão tradicional do corpo ‘natural’, como também facilitador de um outro modo de se pensar a apresentação e exibição públicas.

Uma das coisas que eu sempre tive vontade, era estar na mídia, ser reconhecido e acho que a prótese é um dos pontos que me faz ser reconhecido e tal. ‘Ah, o Carbono que usa a perna mecânica’, ‘Ah, conheço este cara!’. E eu tenho uma banda de forró também. Toda vez que vou tocar é de bermuda, porque gosto disso, dos comentários. Carbono

Ainda na fala deste atleta e músico deficiente sobre o seu corpo protético, encontra-se um jeito inédito de representação social da identidade pessoal, uma vez que vem à baila a figura do Robocop, vinculada a imagens futuristas, bem como associadas aos personagens de filmes de ficção, que por sua vez (re)colocam o ‘deficiente’ em um patamar estético inovador e avançado.

Tem até colegas meus que me chamam de Robocop, ou coisas deste tipo, então eu acho que vem transportar pra outro tempo, mais avançado, outras tecnologias, coisas deste tipo. Carbono

A imagem da diversidade – novamente em contraposição à de normatização – aparece no discurso desta mesma pessoa entrevistada ligada a uma outra maneira de ver os artefatos protéticos, quando faz alusão entre a praticidade proporcionada pela tecnologia e a dinâmica da mudança cotidiana de vestuário.

Me considero normal, normal, normal, com certeza, eu faço tudo. Tipo assim, quando eu acordo eu coloco a prótese, é rapidinho, é como se fosse tirar uma roupa, colocar uma roupa. Carbono

Em outras situações cotidianas de utilização da sua prótese, o atleta afirma que realiza atividades que muitas pessoas ‘normais’ não fazem. Nesta afirmação, considerei visível a negação da idéia de incapacidade e limitação sempre associada a pessoa deficiente, que foi substituída, então, por uma visão oposta de maior eficiência em um paralelo traçado entre o portador de deficiência e o indivíduo dito normal.

Com a prótese, eu utilizando a prótese, eu faço é.. eu faço subida de montanha no Pai Inácio, eu sou da Chapada, eu sou natural, então eu gosto de andar, de fazer trilha, de andar de bicicleta, eu faço tudo, melhor do que

peças “normais”, entendeu? E tem mais, eu dirijo também, até moto.
Carbono

Aqui os entrevistados demonstram entusiasmo com o fato de poderem substituir as próteses no cotidiano, resolvendo às vezes, problemas corporais até com mais praticidade do que as pessoas comuns.

É... vamos supor, um homem com 50 anos, que já está com artrose, pense bem, exatamente, com a prótese ele troca... e não tem mais problema!.
Titânio

Tenho um colega aí que está usando uma prótese que agüenta muito mais peso do que uma perna normal, do que um joelho normal, e porque é aço! Aço com osso e... ele troca! Sim, ele troca!. Silicone

Neste depoimento, um entrevistado relaciona a tecnologia acoplada ao homem deficiente à noção de liberdade e autonomia.

Bom, é, o homem que depende da máquina tem total liberdade, não seria igualmente uma pessoa que não dependesse da tecnologia. A pessoa que está de mãos dadas com a tecnologia tem total liberdade, ela tem autonomia, ela pode fazer tudo e até mais. Tudo isso em consequência dos aparatos que ela tem, de acordo com o que a tecnologia oferece, o modelo que ela possui. Polietileno

Quando indagados sobre o futuro com tecnologias cada vez mais potentes e potencializadoras, questão que os leva a refletir acerca de suas condições máqunicas, os entrevistados se colocam em uma posição privilegiada de pioneiros no uso de próteses, na medida em que acreditam que tais artefatos vão habitar cada vez mais tanto o corpo deficiente como o corpo de pessoas ‘normais’.

Comparando este homem com uma pessoa normal, eu acho ele com a potencialidade bem maior. Ora, na medida em que ele tem todos os recursos, ele vai ter mais condições de exercer determinadas coisas, tudo em consequência do tipo de tecnologia. Ele vai ter mais potencialidade, vai ter mais força, ele vai ser o homem do futuro. Polietileno

Como pode ser o deficiente com as novas tecnologias... Pra ser sincero eu acho que pode mudar, mudar... Pra ser sincero, eu acho até que pode ultrapassar, ultrapassar os outros... pra ser sincero. Titânio

E quando este futuro é associado ao futuro do esporte, neste exercício de pensar o por vir, o atleta deficiente, considerando as potencialidades ainda a serem alcançadas pelas próteses, entra na ficção.

Já pensou o esporte com este homem? Bom, eu posso observar que seria mais ou menos parecido com aqueles jogos ou filmes de ficção científica, onde você pode fazer tudo de uma forma mais nos limites da física, com maior potencialidade...seria uma coisa de cinema. Eu acredito nisso.
Polietileno

Ao final da análise das entrevistas gravadas, ficou claro para mim que a auto-imagem dos atletas portadores de deficiências físicas entrevistados, por conta tanto do acesso e da utilização de próteses de última geração, assim como da prática do esporte, não é tão comprometida no que tange à questão da auto-estima e autovalorização. Justamente por este sentido, pude constatar que a imagem de exclusão não se origina tão somente dos atletas portadores de aparatos tecnológicos. Na representação de si dos portadores de deficiência, ao contrário do que costumeiramente poderia se pensar, surge uma imagem positiva, associada às próteses, da eficiência no desempenho esportivo e a realização no seu outro modo possível de existência.

Ilustração 27: foto tirada do entrevistado 'Carbono' no NEFEA/UEFS (20/07/2005)



Fonte: NEFEA/UEFS

6 REFLEXÕES FINAIS

Às vezes me pergunto: o que procuro quando pesquiso? A pesquisa existe dentro de mim com um paradoxo: o mesmo impulso que me leva a pesquisar é o que me arrebatava para a auto-reflexão. Sim, porque considero a pesquisa um deslocamento, mas um deslocamento que só tem sentido quando há a volta, permitindo reverberar por dentro. Dilata-se o corpo, ávido de bifurcações, e sentem-se as veias como circuitos, que embora possam estar emaranhados, trançam leveza...

Mais uma vez em processo de aprendizagem e mais uma vez aprendendo sobre este mundo diverso. Escutar as histórias de um grupo específico de pessoas me coloca em uma posição privilegiada neste mundo. Saber escutar e poder refletir sobre acontecimentos reais, sobre sentimentos e expectativas de pessoas que, constantemente, estão em busca de uma sociedade mais justa, me faz sentir bem comigo mesma.

São muitas as lições que estou levando para minha vida pessoal, as mesmas que me acalentaram nos momentos de dúvidas. Estas suscitaram novas questões para serem formuladas e desenvolvidas, mais adiante, na minha vida profissional e acadêmica.

Não tenho neste momento qualquer pretensão de alcançar qualquer verdade única, mas sim uma forma de conhecimento e pensamento inteligíveis que dá sentido a certo aspecto da realidade. Ao mesmo tempo, não quero somente explicar ou demonstrar um assunto, mas despertar novos caminhos. Neste sentido, estas são as minhas reflexões finais, que de finais só têm o fato de terem uma hora para acabar.

Após a o nascimento, em mim, do desejo de uma sociedade mais livre, que respeite individualidades – fruto da leitura reflexiva das idéias dos autores utilizados neste trabalho e também da incansável luta empreendida pelos meus entrevistados nesta direção – percebo que seu alcance depende de um constante processo de reconstrução de seus significados.

Dentre as questões que busquei, obtive respostas. E nestas respostas, afloraram novas questões. Foi neste sentido que procurei conhecer nas falas dos entrevistados – atletas deficientes – que expectativas e sentimentos possuem de seus corpos – integrados às próteses e em constantes modificações técnicas –, quais olhares construíram de si mesmos após ingressarem no mundo do esporte e como pensam este esporte dependente de técnicas protéticas. Para responder as estas questões, trago, a seguir, alguns apontamentos construídos ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Os entrevistados carregam o esporte em suas vidas por uma questão muito mais profunda do que os simples fatos de gostarem da prática/treinamento, ou de lhes fazer bem fisicamente: eles têm no esporte sua melhor estratégia para se integrarem à sociedade. O esporte adaptado aparece, então, como mais uma possibilidade, amparada por recursos tecnológicos, de (re)inserção social destes indivíduos. Acompanhando isso vem o poder que a imagem do atleta alcançou dentro da nossa sociedade, uma figura que nos remete a valores como rendimento, competitividade, eficiência, diametralmente opostos aos atribuídos à pessoa deficiente.

Ainda sobre o esporte adaptado – apesar de toda a explanação que fiz sobre os conhecimentos produzidos nesta área, e diante do desenvolvimento científico acerca do atual mundo protético e suas implicações –, fica aberta, ainda, uma lacuna quanto ao termo ‘Esporte Adaptado’, adotado pelos teóricos para diferenciar o esporte voltado para a pessoa deficiente e o esporte convencional, praticado por pessoas ‘normais’. Após as entrevistas feitas com os atletas deficientes do NEFEA da UEFS, observei que, para eles, não somente o esporte adaptado depende de aparatos tecnológicos para existir, uma vez que também não existe nenhuma modalidade no esporte convencional que não dependa de alguma tecnologia – equipamentos esportivos – específica e adequada a cada prática, sendo este termo ‘adaptado’, inadequado neste caso. Ou seja, como exemplo, não existe escalada sem a sua cadeira apropriada/‘adaptada’ para o peso e tamanho do atleta. E assim são todas as modalidades esportivas.

Nesta visão dos atletas deficientes entrevistados, percebe-se um olhar tecnológico e destituído de preconceito sob o esporte, e, nesta ótica, todas as práticas esportivas são iguais. Em uma perspectiva tecnológica, tudo se torna possível, o homem pode adquirir capacidades ilimitadas. No entanto, ao colocarmos um olhar social sobre a deficiência, ainda temos uma diferenciação marcada fortemente pelo preconceito: um é para as pessoas ‘normais’, o esporte convencional; e o outro, é para as pessoas ‘deficientes’, o esporte adaptado.

Podemos comparar as mudanças que vêm acontecendo no esporte adaptado com o processo de inclusão que vem se instalando na educação, considerando que todos os alunos possuem necessidades diferentes, específicas, não só aqueles rotulados como portadores de necessidades especiais. Como vivemos em uma sociedade diversa, a educação e o esporte devem abranger a todos, independente de suas identidades e características físicas, cognitivas ou emocionais, ajudando a romper com a homogeneidade dos valores impostos pela sociedade.

Sim, esta sociedade... Nos depoimentos dos entrevistados, pude constatar efetivamente neles a consciência de que todas as dificuldades e situações constrangedoras que enfrentam têm sua gênese justamente na sociedade que os marginaliza, tornando a condição da deficiência muito mais cruel do que é na verdade.

Acredito que a imagem do corpo deficiente é crucial para sua integração na sociedade, pois é principalmente através dela que o preconceito se instaura. As atuais tecnologias, potencializadoras que são, proporcionam uma nova forma de subjetivar esta pessoa. Habitado pelas potentes próteses, mais uma vez o deficiente assume conotações que o fazem novamente submisso aos valores hegemônicos de nosso mundo, porém, desta vez caindo na teia de critérios como performance, eficiência e produtividade, também presentes no esporte.

Aprendi que o corpo protético é o corpo discutido por autores de uma forma contemporânea, pós-moderna, e que paradoxalmente, o corpo deficiente, carregado de imbricações negativas é um evidente representante. Se podemos imaginar ciborgues habitando o mundo é porque temos hoje a realidade de um corpo integrado à máquina. Os atletas deficientes desta pesquisa, cheios de turbulentos sentimentos e expectativas na evolução da ciência, não têm receios do futuro, estão abertos. E embora possam gostar da idéia de ter sua mobilidade ou membros de volta, não são mais a mesma pessoa.

Se pensar o ciborgue hoje é pensar na extinção da humanidade que conhecemos, constatar que o deficiente físico já vive fortemente suas interfaces com a máquina, através de um corpo protético inserido em uma realidade onde as pessoas vivem no senso comum e não refletem sobre esta temática, é um novo desafio.

Ficou clara para mim a lógica capitalista como ‘pano de fundo’ desta questão, abrindo um novo mercado e colocando corpos ‘à venda’. Isto nos remete a modelos de diferentes tipos, preços e potenciais diversos, fato capaz de gerar em mim sentimentos contraditórios. Porém, não se pode atuar dignamente em qualquer sociedade estando à margem dela. O que o esporte e as atuais tecnologias proporcionam são possibilidades de se reconstruir perante esta sociedade, dando espaço e ferramentas para suas lutas e desafios diários, a fim de obterem as significações que quiserem, e não somente assumirem as que lhe são impostas.

Acho importante e de grande relevância o fato dos deficientes estarem esperançosos nos avanços tecnológicos e na massificação das próteses de performance para serem utilizadas no cotidiano.

Outro ponto a se revelar foi um dos maiores desafios que enfrentei, o ato de fazer perguntas diretas aos entrevistados, na busca de identificar como lidam com o fato de serem deficientes. Em minha trajetória com eles, sempre ouvi confidências sobre o doloroso processo de protetização, mas nunca indaguei sobre seus sentimentos, sempre no receio de estar invadindo suas intimidades. Ao iniciar com as perguntas a respeito de como se sentem conectados ou habitados pelas máquinas, um novo horizonte se abriu, pois, assumindo conotações e significados de atletas usuários de próteses potencializadoras - mais além, eles acreditam que o corpo protético é mais eficiente, passível de intensas e potentes modificações, do que o de uma pessoa tida como 'normal' -, e agora, conscientes de já serem o prenúncio de uma nova forma de ser, que seja um ciborgue, me deixaram mais à vontade.

O corpo protético então, é assumido e exibido.

[...] este corpo de prótese sou eu [...]. Carbono

Este trabalho me permitiu aprender que mais que nascer, é preciso (re)nascer, se auto-descobrir, com novos significados, em um processo de busca que não cessa, enfrentando medos e fraquezas. É necessário transcender as dificuldades e empreender uma corajosa e enriquecedora luta pela vida, uma nova vida; é fundamental ser diferente do que se era, e não buscar ser mais nem menos, pois, homens que somos, estamos em um mundo imprevisível, em rápido movimento. Enfim, sendo protético, o que importa é a contínua construção de uma sociedade verdadeiramente diversa que nos permita livres para vivermos e experimentarmos diferentes modos de ser.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R. et al. **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.
- ALMEIDA, José Júlio Gavião. **Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para deficientes visuais**. Campinas, 1995. 179p. Tese (doutorado), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.
- _____. **Ação educativa do espetáculo esportivo**. Piracicaba, 1990. 66p. Dissertação (mestrado), Universidade Metodista de Piracicaba, 1990.
- ALVES, Rubens Valtecídes. **Deficiente físico: novas dimensões de proteção ao trabalhador**. São Paulo: LTr, 1992.
- ARAÚJO, Luiz Alberto David. **A proteção constitucional da Pessoa Portadora de Deficiência**. Brasília, DF: Coordenação Nacional para Integração da Pessoa Deficiente (CORDE), 1994.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Campinas, 1997. 138p. Tese (doutorado), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa, Relógio D'água, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. A América sideral. In: BAUDRILLARD, J. **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- BÍBLIA Sagrada. 1. ed. Rio de Janeiro: Gamma, 1982.
- BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto, 1994.
- BOURG, Dominique. **O Homem artifício: o sentido da técnica**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- BRASIL. Constituição. **República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: s n., 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, n. 9394. Brasília, Distrito Federal, 20 de dezembro de 1996.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica. In: FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.
- COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.3, p.57-69, maio 2004.

COSTA, Marisa V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004, p.13-36.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**. Ijuí: Unijui, 2000.

COUTO, Edvaldo Souza. **O zumbido do híbrido: a filosofia ciborgue do corpo**. In: Margem, São Paulo, n.13 p. 85-99, junho de 2001.

_____. Corpo, arte e educação na era tecnológica. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Universidade Federal do Piauí, 2000.

DALLASTA, Viviane Ceolin. A situação das pessoas portadoras de deficiência física. Cotejo entre os instrumentos teóricos existentes e as limitações impostas por uma infra-estrutura urbana inadequada e excludente. **Jus Navigandi**, Teresina, v.10, n.1108, 14 jul. 2006. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8632>>. Acesso em: 19 abr. 2007.

Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: Corde, 1994.

DEROSE, L. **Yôga: mitos e verdades**. São Paulo: União Nacional de Yôga; Primeira Universidade de Yôga do Brasil, 1996.

FANALI, O. A.A.C. **Terminologia da educação física e desporto**. Brasília: MEC, 1981.

FELTRIN, Beatriz Cecília Dias; LIZARAU, Elizabeth Pinto. **Deficiência física: desafios para o resgate da cidadania**. Santa Maria: [s. n.], 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**, 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTES, M. L. A. **Corpos canônicos e corpos dissonantes: uma abordagem do corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa**. Salvador, 2004. Tese (doutorado), Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação, 2004.

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRAGA, Alex B. Corpo, identidade e bom-mocismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. In: PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação Física, 2004.

JANNUZI, Gilberta. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1992.

_____. Algumas concepções de educação do deficiente. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas, v.25, n.3, maio de 2004, p.9-25.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

LEVIN, Esteban. O corpo dos deuses: os estigmas do corpo. In:_____. **A infância em cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MARRIOT, M. **Prótese hi-tech é motivo de orgulho**. Disponível em www.centromarianweiss.com.br. Acessado em 19/04/07.

MATARUNA, Leonardo José; STEFANE, C. A. ; SILVA, E. M. ; CASTRO, S. J. . **Esporte adaptado, paraolimpíadas e olimpíadas especiais** (Adapted Sport Paralympics and Special Olympics). In: Lamartine Pereira da Costa. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005, v.1, p. 645-649.

MAZZOTTA, M.J.S. **Educação especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

McLUHAN, Marshall. Décio Pignatari (trad.) **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MRECH, L.M. Os desafios da Educação Especial, o Plano Nacional de Educação e a Universidade Brasileira. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, v.3, n.5, p.127-46. Set. 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NERI, Anita L.; SIMSON, Olga R. de M. V.; CACHIONI, Meire (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Ed. Alínea, 2003, 250p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NOVAES, A. (org.) **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVAES, Varlei de S. **O híbrido paraolímpico: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Educação Física.

OLIVEIRA, João Danilo Batista. **Representações sociais das pessoas com deficiência: um estudo do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA – UEFS)**. Monografia apresentada ao curso de Educação Física da UEFS, Feira de Santana, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Biontes, bióides e borgues. In: NOVAES, Adauto. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE **Classificação internacional das deficiências, incapacidades e desvantagens (HANDICAPS): um manual de classificação das conseqüências das doenças**. Ministério do Emprego e da Segurança Social: Secretariado Nacional de Reabilitação. Lisboa, 1989.

PÁDUA, Elizabete. **Metodologia da pesquisa**. Campinas: Papyrus, 2000.

PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação Física, 2004.

PENAFORT, J.D. **A integração do esporte adaptado com o esporte convencional a partir de provas adaptadas: um estudo de casos**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo, CERU/FFLCH/USP, col. n.4, 1983.

REZENDE, J. M. **Audiofone**. Disponível em: www.usuarios.cultura.com.br/jmrezende/audiofone.htm. Acesso em: 12 março de 2007.

TERMINOLOGIA SOBRE DEFICIÊNCIA NA ERA DA INCLUSÃO Romeu Kazumi Sasaki, 2002. 4.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. In: PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação Física, 2004.

SANATORE, Vanilton.(2002). **Esporte Para Deficientes: Uma Análise Crítica**. CONGRESSO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADO DO MERCOSUL. Porto Alegre, RS. **Anais eletrônicos** ,1, 2002.

SANT'ANNA, Denise B. As infinitas descobertas do corpo. **Revista do Núcleo de Estudos de Gênero**. Unicamp: Cadernos Pagu (14) 2000.

_____. **Corpos de Passagem: ensaios sobre subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. (Apresentação). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p.11-18, 1995.

SANTAROSA, L. M. C. **Informática como “prótese” na educação especial**. Revista de Informática Educativa, Bogotá/ Colômbia 2 (4): 105-130, ago. 1991.

SANTOS, M.R. dos. A escola inclusiva: uma estratégia de educação para todos. **Toque a Toque**, Rio de Janeiro, v.7, n.19, p.22-23, fev. 1997.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade. In: **Revista Verve** –semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária, PUC - São Paulo, 6:199-226, outubro,2004.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Florianópolis, SC: Autores Associados, 1999.

SILVA, O. M. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.3, n. 69-76, 2003.

SILVA, T.T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Metodologia de Ensino da Educação Física**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. (org.) **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. e FRAGA, Alex B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias desformes às carnes humanas alinhadas. In: **Pro-Posições**. Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, v.14, n.2 (41) – maio/ago. 2003.

SOUZA, Jorgina de Cássia Tannus. **Ouvidos Silenciados, mãos que falam: os surdos e a teleinformação**. Salvador, 2005. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação.

SOUZA, Nádia Silveira de. Representação de corpo-identidade em histórias de vida. In: Educação e Realidade, v.25, n.2, jul/dez 2000. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, p. 95-116. In: PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação Física, 2004.

SOUZA, Pedro Américo. **O esporte na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1994.

STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: DOMINGUES, Diana. (Org) **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.

TOQUE A TOQUE. Revista técnica da Abradecar. Curitiba, 2000 X:43.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

TUCHERMAN, Ieda. Breve história do corpo e de seus monstros. Lisboa: Veja, Passagens, 1999. In: PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação Física, 2004.

UNESCO – **Declaração de Salamanca e linha de ação: sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, CORDE, 1994.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

VIVARTA, Veet. **Que país é este?** São Paulo: Cortez, 2003.

WINNICK, P. J. **Adapted Physical Education and Sport**. Champaign: Human Kinetics, 1990.

GO OUTSIDE – Revista. Editora: Rocky Mountain Editorial Ltda. Estados Unidos. Edições: Agosto de 2006, Setembro de 2006, Novembro de 2006, Janeiro de 2007.

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA – Revista eletrônica do Departamento de Estado dos EUA, vol. 8, n.2 – www.usinfo.state.gov .

SCIENTIFIC AMERICAN - Revista. Vol. 292, no.5, maio de 2005.

VEJA - Revista. 04/05/2005, ed. 1903, p.1 São Paulo: Editora Abril.

www.aacd.org.br/ortopedia_prods_próteses.asp

www.abda.org.br

www.abradecar.org.br

www.add.com.br/paraolimpíada

www.amputadosvencedores.com.br

www.ande.org.br

www.aventuraespecial.com.br

www.bioetica.ufrgs.br

www.buggy-rollin.com

www.cdcc.usp.br

www.centromarianweiss.com.br

www.comciencia.br

www.conselhos.sp.gov.br
www.cpb.org.br
www.cyberdyne.jp
www.defnet.org.br
www.encontrodeamputados.com.br
www.hygeia.fsp.usp.br
www.ibdd.org.br
www.ibge.gov.br
www.inep.gov.br
www.inovacaotecnologica.com.br
www.jus2.uol.com.br/doutrina
www.niee.ufrgs.br
www.nolimitstahoe.com
www.oms.com
www.ossur.com
www.paue.com.br
www.prod.am.sp.gov.br/acessibilidade
www.scholar.google.com.br
www.unicamp.br
www.unimonte.br
www.usparalympics.org

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- AGRESTI, A., FINLAY, B. **Statistical methods for the social sciences**. Londres: Macmillan, 1988.
- ALBERTONI, W. M. in revista *Scientific American*, vol. 292, no.5, maio de 2005.
- ALENCAR, R. B. **Paraolimpíada: o Brasil no pódio**. Rio de Janeiro, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO PARA DEFICIENTES. Estatuto. S.n.t.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTO EM CADEIRA DE RODAS (ABRADECAR), boletim no 131, 28/09/2004.
- BABIN, Pierre & KOULOUMDJIAN, Marie France. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BAGANTINE, Vilson. **Educação Física para deficientes**. São Paulo, SP: Sagra, 1987.
- BAVCAR, Evgen. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- BEDBROOK, G. M. **The development and care of spinal Cord Paralysis (1918-1986)** Paraplegia, v.25, n.3. 1987.

- BRUHNS, Heloisa. (Org). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papyrus, 1991.
- CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física**: a sociedade cria, "recupera" e discrimina. Brasília, DF: Secretaria dos Desportos/ PR, 1991.
- COLZATO, M.; SOARES, J.M. **A contribuição da química para a sociedade**: tipos de próteses e suas aplicações. Instituto de Química de São Carlos – USP. Disponível em www.comciencia.br. Acessado em 15/01/07.
- COMITÊ OLÍMPICO ESPAÑOL. **Desportes para minusvalidos físicos, psicicos y sensoriales**. Comitê Olímpico Español, 1994.
- COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. **Estatuto**. S.n.t.
- COURBARIAUX, B. **The classification System for WeelChair Basketball Players**. IWBF, 1996.
- DOROW, O et al. **Olympics and paralympics 1992**: two times two weeks in Barcelona. Barcelona: Sports agency Kranz, 1992.
- FERRE, N.P. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, J. (Org.) **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERREIRA, Mirza. **Novos tempos, novos espaços, novos corpos...uma nova dança?** Campinas, 2001. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- FONSECA, Victor. **Educação especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- GEBARA, Ademir. et al. **Educação Física & Esportes**: perspectivas para o século XXI. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1993.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LATOUR, Bruno. Do humano nas técnicas: entrevista com Bruno Latour. In: SCHEPS, Ruth (org.). **O império das técnicas**. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p.155-166.
- LE BRETON, D. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.49-67.
- LINS, D.; GADELHA,S. (orgs.) **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LOURO, Guacira L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e Gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33-47.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, W.W (Org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. v.1. 253p.

_____. (Org.) **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. 13 ed. Campinas: Papirus, 2006. v.1. 259p.

MELO, C. P. **Pessoas deficientes: algumas coisas que é preciso saber**. São Paulo: Conselho Estadual para o Assunto da Pessoa Deficiente, 1986.

MORAES, N. **Corpo Deficiente – Corpo Diferente: estrangeiros, territorialidades e simulacros**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em www.nilsonmoraes.pro.br/CorpoDefCorpoDif.doc. Acesso em 21 jul., 2004.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula;GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tadeu Tomaz da. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas, SP: Papirus,1996.

RIBAS, João B. Cintra. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

SACRISTÁN, J.G. Educar para viver com os outros: os vínculos culturais e as relações sociais. In: **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SAWAIA, B.B. Identidade – uma ideologia separatista? In: SAWAIA, B.B.(Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes,1999

SCHEPER-HUGUES, N. **Epidemiology and demography without numbers**. CONFERENCE ON ANTHROPOLOGICAL DEMOGRAPHY. Erown University, 3-5 November, 1994 (xerox).

SIRIUS, R.U. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras,2001.

SPINK, Mary Jane (org.); MENEGON, Vera. A Pesquisa como Prática Discursiva: superando os horrores metodológicos. In:_____. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

STAINBACK, S. & STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (org.) **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2000, p. 37-72.

ANEXOS

ANEXO A – Eixos norteadores da entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

EIXOS NORTEADORES DA ENTREVISTA

1. TORNAR-SE DEFICIENTE
2. PROCESSO DE PROTETIZAÇÃO
3. CONTATO COM O ESPORTE (antes e depois da deficiência)
4. ESPORTE ADAPTADO:

Uso de Próteses (Cotidiano X Esporte)

5. SER O CORPO PROTÉTICO

ANEXO B – Termo de consentimento

Termo de Consentimento

Declaro que fui informado quanto aos propósitos da pesquisa vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da FACED da UFBA, intitulada “Corpo Deficiente na atual era tecnológica: reflexões a partir do Esporte Adaptado”, bem como:

- Meu nome será preservado e meus dados se manterão em caráter confidencial e,
- De que posso ter acesso aos dados coletados a qualquer momento.

A pesquisadora responsável é Juliana Brandão Braga Marzo, mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da FACED, UFBA, fone (71) 36242575; e-mail: julianabbm@hotmail.com

Nome do voluntário: _____

Assinatura do voluntário: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Salvador, ____ de _____ de 2005.